

Adenáuer Novaes

PSICOLOGIA DO ESPÍRITO

<http://livroespirita.4shared.com/>

Psicologia do Espírito

<http://livroespirita.4shared.com/>

2ª Edição
Do 6º ao 10º milheiro

Criação da capa: Objectiva Comunicação e Marketing
Foto: Miguel Silveira
Direção de Arte: Glauco Araújo

Copyright ©2000 by
Fundação Lar Harmonia
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020

atendimento@larharmonia.org.br
www.larharmonia.org.br
fone-fax: (071) 286-7796

Impresso no Brasil

ISBN: 85-86492-08-6

Todo o produto deste livro é destinado à manutenção
das obras da Fundação Lar Harmonia

<http://livroespirita.4shared.com/>

Adenáuer Novaes

*Psicologia
do
Espírito*



FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
CNPJ/MF 00.405.171/0001-09
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2003

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novaes, Adenauer Marcos Ferraz de
Psicologia do Espírito. – Salvador: Fundação
Lar Harmonia, 12/2003.

192p.

1. Espiritismo. I. Novaes, Adenauer Marcos
Ferraz de, 1955. - II. Título.

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo	133.9
2. Psicologia	154.63

<http://livroespirita.4shared.com/>

“Que é o Espírito?”
“*O princípio inteligente do Universo.*”

Ao Espírito só chegam as Leis de Deus.

Há uma Psicologia Espírita fundamentada numa Psicologia do Espírito, considerado fora dos limites físicos.

“*Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo.*” Jesus – João 3:7.

Índice

Psicologia do Espírito	9
Considerações iniciais	14
Conceitos	18
O que é o Espírito	27
Perispírito	31
Evolução Anímica	46
As fontes do Espírito	49
Atributos do Espírito	51
Mediunidade	53
Evolução do Espírito	56
Inteligência	61
Inteligência Lógico-Matemática	72
Inteligência Lingüístico-Verbal	73
Inteligência Musical	74
Inteligência Corporal-Cinestésica	74
Inteligência Espacial	75
Inteligência Intrapessoal	75
Inteligência Interpessoal	76
Inteligência Intuitiva	76
Inteligência Emocional	77
Inteligência Emocional na educação	83
Razão	90

Emoção e sentimento	94
Sensibilidade	97
Eu e <i>ego</i>	99
Desejo	102
Vontade	104
Poder	108
Impulso Criador	110
Mente, Cérebro e Pensamento	112
Psicopatologia e Doenças Mentais	116
Amor	153
Sexo	156
Prazer	159
Dor e sofrimento	161
Saudade	163
Linguagem	165
Imagem	168
Arquétipo	171
Identidade, Individualidade e Personalidade	174
Sistemas psíquicos de defesa	177
O deus interno	179
Ânima e Ânimus	181
Consciência e Inconsciente	184
Objetivos da Reencarnação	188
Outras formas de evolução	191

Psicologia do Espírito

Acertadamente Allan Kardec considerava o ensino dos espíritos como capaz de nos trazer “*a definição dos mais abstratos problemas da psicologia*”². Pode-se perceber, pela colocação do Codificador, que a Doutrina Espírita tem muito a elucidar quanto às questões magnas da alma, que, por enquanto, tem seu estudo científico permanecido no domínio da Psicologia e ciências afins. Penetrar nesse campo, bem como naquele que se depreende dos princípios do Espiritismo não é tarefa fácil, exigindo coragem e abertura por parte dos estudiosos dos dois conhecimentos.

Mesmo acanhadamente, e sem considerar a realidade espiritual, a ciência psicológica tem se debruçado sobre a estrutura e funcionamento do “aparelho psíquico” do ser humano, trazendo importantes contribuições para sua compreensão. Conquanto a ciência tenha observado a alma com os paradigmas materialistas, não se podem desprezar os avanços conquistados, sobretudo por se tratarem de princípios que nos capacitam à compreensão da verdadeira natureza do Espírito, enquanto essência criada por Deus.

Porém, é também importante considerar que, enquanto nos ocupamos em provar as teses espíritas, cujo esforço não tem sido

¹ O termo Espírito é empregado com E maiúsculo sempre que se tratar da essência espiritual e, com e minúsculo, quando me referir ao encarnado ou desencarnado dotado de perispírito.

² O Livro dos Espíritos, Conclusões, pág. 490, 76ª Edição, 1995, FEB.

em vão, as ciências psicológicas têm avançado e podem nos oferecer importantes contributos para a compreensão da natureza humana no que diz respeito à sua estrutura psíquica. Mesmo considerando o avanço no campo das questões espirituais não ter sido muito grande nos meios acadêmicos, é possível vislumbrar a estrutura psíquica, a qual atende ao Espírito, pela pálida percepção científica.

Provar as teses espíritas não introduz o Espiritismo nas discussões dos temas psicológicos clássicos, nem tampouco significa entender a alma humana. É preciso que nos debruçemos sobre a natureza íntima do Espírito com o olhar psicológico e espiritual.

Nesse sentido, o Espiritismo deve apresentar-se como ferramenta especial, tal qual um microscópio eletrônico que faz sua varredura para encontrar a menor e mais preciosa estrutura elementar, fazendo sua investigação meticulosa, a qual nos levará à percepção dos escaninhos do Espírito imortal. Não podemos limitá-lo, transformando-o em simples objeto de crença dominical, mas o tornando a lente do microscópio que o próprio Espírito se utilizará para enxergar-se a si mesmo.

Para penetrar o mundo misterioso e pouco explorado dos fenômenos psicológicos o Espiritismo deve também se munir de ferramentas simples que a própria ciência oferece. Deve apropriar-se dos instrumentos pertinentes à inserção do saber científico oferecidos pelas academias; deve apresentar protocolos científicos adequados, experimentos coerentes e que sejam passíveis de repetição; será preciso avançar além dos limites estabelecidos com paciência e determinação, sem preconceitos; sem tais ferramentas o Espiritismo será científico apenas para si mesmo, sem conseguir alcançar, como parecem desejar seus estudiosos, o *status* de Ciência do Espírito.

Não se trata de submeter-se à lógica materialista, mas de avançar com a própria ciência, orientando-a e levando-a a percepção do Espírito, pela mudança de seus paradigmas. A questão não é apenas provar a existência do espírito, mas também

demonstrar que há um equívoco no viés científico, fruto da excessiva racionalização.

Uma Psicologia do Espírito fará suas observações na intimidade de seu objeto de estudo, retirando o espesso véu estruturado a partir de paradigmas materialistas, alcançando além das comparações realizadas pela visão mecanicista que ainda se encontra presente nas ciências da alma.

O desafio de apresentar uma Psicologia do Espírito é por demais audacioso, principalmente considerando os limites da percepção humana. Porém, é preciso tentar romper as barreiras provocando o próprio espírito a fim de que decrete sua liberdade e a ampliação da “visão” sobre si mesmo.

Não se trata de rever o “olhar” humano sobre si mesmo, mas de buscar um outro ângulo de percepção. Os séculos de domínio da “visão”, tendo o corpo como identidade e a matéria como paradigma, não permitiram que se buscasse mudar o foco, isto é, deixar de tentar encontrar o espírito na intimidade da matéria, e sim para se perceber um Espírito que a usa.

O campo de busca não pertence a nenhuma ciência em particular. Embora entregue inicialmente à Filosofia, posteriormente à Teologia para, sob a proteção da Ciência, alcançar modernamente a Medicina e a Psicologia, não está restrito a nenhum saber específico. O espírito “*sopra onde quer*”, isto é, as especulações são livres e devem levar as ciências aos limites do conhecimento. O *campo*³ do Espiritismo, pela “visão” mais ampla, oferece possibilidades de se encontrar uma compreensão mais essencial do Espírito. Considero que é possível à Ciência chegar às mesmas conclusões do Espiritismo, porém é necessário que ela abdique da visão do corpo, qual *Tirésias* que, mesmo cego, apresenta suas percepções transcendentais diante dos deuses.

Quando pensei no título deste trabalho imaginei que deveria alcançar a visão da alma sobre a própria alma, isto é, a visão do

³ A palavra campo aqui é empregada no sentido amplo que contém todos os paradigmas do Espiritismo bem como tudo aquilo que nele se estuda e se aplica.

Espírito sobre si mesmo. Porém, a palavra psicologia pode, para muitos, conter um viés comportamental e canhestro que enfeixa suas definições dentro dos limites do saber acadêmico. Talvez seja melhor o leitor entender que o livro trata do Espírito enquanto ser, tal como foi criado e como se desenvolve. Pretendo que a palavra psicologia deva ser compreendida como um *campo* que contém o funcionamento e a estrutura do Espírito. A preocupação também é não confundir Espírito com espírito; este último é a personalidade encarnada ou desencarnada que possui corpo seja material ou semimaterial e o primeiro, o ser simples e ignorante, individualizado, criado por Deus à sua imagem e semelhança e que se torna espírito na medida em que se acopla a matéria.

Cuidei para que o livro não se tornasse uma proposta de análise metafísica e filosófica sobre o Espírito à moda dos gregos, mas uma concepção mais específica sobre o ser humano enquanto singularidade. É necessário, porém, esclarecer que, em que pese meu cuidado em não enviesar o livro pela matriz psicológica, seu conteúdo é apresentado a partir de uma perspectiva simultaneamente espiritual e psíquica, pelo que peço desculpas ao leitor. Portanto a análise aqui é parcial e o leitor poderá perceber que certos temas, propositadamente, não são tratados em sua complexidade e abrangência costumeiras. Nesse caso aconselho que recorram à literatura clássica que a eles se referem.

Não me considero um escritor; escrevo, mas não o faço por hábito ou por profissionalismo; não tenho essa virtude; na realidade o faço pelo desejo de dizer algo; pela vontade consciente de passar algumas idéias sobre a Vida; é como querer transmitir uma mensagem de que se acredita ser portador. Por esses motivos não possuo a linguagem característica dos escritores, nem as construções estilísticas necessárias. Desculpe-me novamente o leitor se, por vezes, não conseguir fazer-me entendido. Às vezes tenho dificuldades em escrever o que penso, mas espero ter superado qualquer deficiência de conhecimentos gramaticais e literários.

Busquei escapar às tentativas pessoais de construir uma

arquitetura da *psiquê*, por considerar que esse esforço poderia enrijecer o que é, por natureza, flexível e, principalmente, virtual.

Embora não haja limites para o saber, compreendo que o há para minha capacidade de entender o Universo, a Vida e o Espírito. Quanto mais nos debruçarmos sobre nós mesmos, mais cedo encontraremos o deus que mora em nós e ao Criador da Vida. Por esse motivo não alcancei a totalidade da compreensão sobre o significado essencial do Espírito. Espero que o leitor busque em outros livros o aprofundamento da questão além de entender-me a ousadia.

A história da humanidade tem sido exclusivamente contada a partir das realizações externas do ser humano. Seus feitos externos são exaltados em todos os níveis e de várias formas distintas. A história da humanidade é a história da evolução do Espírito e esta abrange também suas conquistas interiores, seu amadurecimento nas relações, sua compreensão sobre si mesmo, sua capacidade de entender-se, sua compreensão da Vida e pela exploração do Universo à sua volta. Não podemos desprezar essa outra parte nem achar que a civilização cresceu e se desenvolveu por que a tecnologia alcançou horizontes largos em pouco tempo. Não podemos esquecer que o ser humano que fabrica o *chip* ainda é o mesmo que mata seu semelhante por motivos fúteis. Não há necessariamente evolução interna só porque a houve externamente. Certamente que a civilização está caminhando para o encontro com o espírito, tendo em vista o esgotamento temporário de sua procura externa. Os insucessos externos juntamente com as vitórias a farão voltar-se para si mesmo.

É necessário avançarmos na direção do Espírito e na busca da superação dos próprios limites de percepção. Entender-se Espírito é tão ou mais importante quanto perceber o espírito.

Independentemente das conceituações expressas ao longo da história do ser humano e das definições que foram dadas sobre ele mesmo, há que se considerar a maravilha que é sua realidade e a beleza de sua existência. Acima de tudo e de todas as concepções sobre o ser humano, ele deve se considerar a alma de Deus.

Considerações iniciais

Quando cito o Espírito não estou me referindo à pessoa desencarnada portadora de uma personalidade e perispiritualmente constituída. Estou analisando o ser em si; aquilo que constitui a parte não material e não perispiritual do ser; ao que, na questão 23 de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, consta como “*O princípio inteligente do Universo.*” Estou me referindo à essência divina.

Tratado por muito tempo como alma e confundido com o princípio que anima a matéria orgânica, o Espírito ainda é um grande desconhecido em sua essência. Acostumados a exigir de nós mesmos provas da existência da pessoa (espírito) além da morte do corpo, esquecemos de tentar enxergar o Espírito em si. Como funciona? Podemos entendê-lo como um todo factível de ser visto em partes constituintes? Os atributos que endereçávamos a ele podem ser dirigidos ao perispírito? Tentarei penetrar nesse mundo aparentemente incognoscível de interrogações, mesmo sabendo que se trata de uma tarefa difícil por se encontrar no domínio da especulação metafísica.

O espírito, enquanto ser que sobrevive à morte, dotado de personalidade singular, se encontra atualmente assumindo sua *cidadania* nas ciências acadêmicas. Sua existência, provada e tornada consciente pelos estudiosos da alma humana, agora necessita ser compreendida em sua intimidade. A Psicologia do Espírito pre-

tende avançar em busca da essência divina e de sua constituição.

Dotado de capacidades múltiplas, na maioria desconhecidas, o Espírito tem sua estrutura subdividida pela ciência e pelo próprio ser humano quando quer entender-se a si mesmo. A grande maioria das capacidades do Espírito é equivocadamente atribuída ao cérebro e demais partes do corpo humano, sem que se tenha o cuidado de comprovar ou de dar-se ao trabalho de testar outras hipóteses até mais consistentes.

Independente da separação que se queira fazer entre as pessoas que se dizem materialistas e as que se declaram espiritualistas existe algo nelas próprias que as motiva a tal ou qual declaração. Esse algo se pode chamar de alma, espírito ou força (energia). Independente de ser eterna ou não, imortal ou mortal, corporal (física) ou não, há nela algum princípio que deve merecer nossa atenção. É esse princípio que pode nos levar à essência da natureza espiritual do ser.

Falar sobre o Espírito sem exemplificar ou apresentar imagens e idéias que se aproximem do que ele é, sem utilizar paradigmas materiais é tarefa difícilíssima. Por isso o leitor vai perceber que, embora tente sair dessa possibilidade acabarei por utilizar-me de figuras de linguagem e de exemplos da lógica material. Tentarei sempre que possível abstrair-me da linguagem enviesada para me fazer entender melhor. É tarefa que tentarei tornar mais fácil.

A concepção de uma evolução do Espírito no contato com a matéria nos dá a entender que é através dela que compreenderemos a Vida. Desprezar a importância da matéria é acreditar que sua existência é ilusão, tão pregada pelas religiões, e de nada serve para o ser humano, pois, talvez, Espírito e matéria sejam faces de uma mesma folha.

A Vida deve ser compreendida com ela, porém nem sempre a partir dela. Torna-se difícil entender a Vida sem a matéria, como também é um equívoco acreditar que a Vida se restringe a ela. Limitados à percepção pela via material, quando dela quere-

mos fugir, pode-se esbarrar no extremo oposto, desprezando a riqueza existente entre as polaridades.

A possibilidade de imaginarmos uma realidade que exclua a matéria, tal qual concebemos aquilo que nos serve para existir no mundo e constitui sua estrutura, se assemelha a conceber o nada. Certamente que o espiritual não pode prescindir do material assim como não é possível à moeda ter uma única face ou uma sombra existir sem luz.

É preciso reconsiderar o “mundo material” à luz da visão do Espírito, da mesma forma como Platão propunha o “retorno à caverna” para se rever o mundo humano a partir do que se viu fora dele. A matéria se torna vilã quando a enxergamos pelos seus próprios paradigmas.

É fundamental ao ser humano saber o que ele é, isto é, o que é o Espírito que ele é; como é sua estrutura, seu funcionamento e suas relações com o meio.

No presente trabalho tentarei penetrar neste domínio saindo das definições clássicas, religiosas e filosóficas, sobre a natureza da alma ou Espírito. Não me vejo com conhecimentos teológicos e filosóficos para discutir as definições existentes sobre o que é a alma ou o Espírito, por isso tentarei expor o que penso e sinto buscando apoiar-me, sobretudo, nas obras de Allan Kardec, bem como na Psicologia Analítica criada por C. G. Jung.

Tentarei analisar o Espírito sob uma ótica não só pessoal como a partir das psicologias que tratam do inconsciente. Por esse motivo poderei equivocarme em meus raciocínios e abstrações. Peço ao leitor que me corrija e retome seu próprio entendimento quando lhe parecer que saí muito de sua compreensão e, sobretudo, do real.

Devemos ampliar as buscas filosóficas dentro do “campo” espírita, estendendo-nos, além de apresentar respostas às questões magnas da Vida. Podemos, à moda grega: a) buscar a unidade essencial da Vida, isto é, apresentar de forma mais robusta o Espírito, enquanto criação primeva de Deus; b) definir o espírito

e apresentá-lo antropomórfico e menos sacralizado; c) trazer as propostas de renovação da sociedade e de construção do reino de Deus também e principalmente para o mundo material; d) desenvolver mais estudos sobre a natureza da razão, a qual transportou o ser espiritual à condição humana; e) apresentar estudos de natureza psicológica sobre o comportamento humano buscando desvincular-se dos sistemas repressivos e alienantes característicos do Século XX; f) estabelecer estudos sobre o significado da religião espírita, “religião natural que parte do coração”, como uma proposta de encontro do ser humano com Deus e principalmente consigo mesmo.

Certamente que essas propostas não podem ser levadas a efeito no espaço restrito deste livro, nem tampouco tentarei desenvolvê-las. Deixo o registro para que passemos, nós espíritas, a nos ocuparmos delas.

O modo como os gregos concebiam a Alma ou Espírito, influenciou sobremaneira o pensamento do ser humano a respeito de si mesmo, porém nada transformou essa percepção mais do que o movimento cristão. De alguma forma, aquilo que o Cristo fez com seus atos e palavras, mudou o referencial humano da Terra para além da matéria. Mesmo considerando que o cristianismo não alcançou diretamente todo o planeta, devemos admitir que os modos e os costumes ocidentais têm influenciado o oriente. As nações mais ricas e influentes da Terra são cristãs.

Os estudos espíritas proporcionados por Allan Kardec serviriam também à Psicologia visto que estabeleceram uma delimitação do campo espiritual. De um lado polarizou a ciência psicológica, à época incipiente, na rigidez de seus conceitos mecanicistas, e do outro contribuiu para o estudo mais apurado da *psiquê* humana.

O Espiritismo tem um papel relevante na humanidade, visto que é responsável por apresentar uma Doutrina ou conjunto de princípios que desvenda a verdadeira natureza do ser humano, apresentando-o como Espírito.

Conceitos

Sem desprezar os conceitos clássicos, citarei alguns sobre temas comuns objetivando proporcionar uma visão psicológica a respeito de determinados assuntos. Tenho consciência de que os conceitos que trarei são incompletos, visto que trato deles de uma forma particular, visando os objetivos deste livro. Espero que o leitor busque em outras fontes definições mais completas e abrangentes.

Começo com a questão da separatividade entre a consciência e o mundo. Quando se fala em cisão ou separatividade entre a consciência e Deus ou entre o eu e o Universo parece uma separação física, concreta, proposital como se fosse algo deliberado pelo próprio sujeito. As afirmações de separação se devem à concepção paradigmática de quem as faz. É apenas um modo de explicar a partir de uma percepção de si mesmo, de seu próprio referencial. O sujeito que concebe a separação não consegue deixar de ver o Universo como um objeto separado de si mesmo. É um vício de percepção. A aparente separação, em realidade, é o próprio processo de estruturação do *ego* que se auto-referencia para conseguir entender o Universo e a si mesmo. O dualismo (dialética) iniciado pelos filósofos gregos usado como forma de conceber, explicar e lidar com o Universo pode nos induzir a pensar nessa separatividade ilusória. A visão da totalidade é um degrau adiante do dualismo, mas ainda deriva dele. Há outro(s) modo(s) de se

entender o Universo e suas relações. O que quer que se diga sobre a natureza do ser humano, não se pode negar que ele é o autor da concepção que tem sobre si mesmo e sobre Deus.

Sujeito e objeto não estão separados nem são uma coisa só ou uma mesma realidade. Ambas as considerações se devem a uma concepção dualista e mecanicista. A unidade do objeto tanto quanto a do Universo são ordens de grandeza que se assemelham, visto que partem do princípio da dualidade. Separar sujeito de objeto é como querer distinguir a palavra escrita da página que a contém. São distintos, porém inseparáveis. Querer considerá-los uma coisa só é como afirmar que a consciência e o inconsciente são iguais. São intercambiáveis, porém excludentes.

Precisamos transcender a preocupação básica, embora pertinente, de discutir matéria *versus* Espírito ou se energia e Espírito são distintas realidades. Até mesmo devemos transcender em apenas discutir se o Espírito existe. Talvez seja mais importante discutir o que é e como funciona o Espírito. Discutir se matéria e Espírito são distintos, face à existência de inconciliáveis paradigmas, torna-se um “pseudo-evento”. É difícil afirmar, dada nossa percepção dual, onde termina a matéria e começa o Espírito. A tentativa de defini-los e restringi-los a unidades excludentes obedece aos ditames do dualismo em nossa consciência.

Também poderemos estar diante de um “pseudo-evento” quando queremos provar a existência dos espíritos impondo os mesmos instrumentos com os quais detectamos a matéria. É claro que é possível ao espírito impressionar a matéria, porém é preciso entender que um espírito para impressionar com sua imagem, por exemplo, o filme de uma máquina fotográfica, terá que necessariamente foto-eletrizar-se, isto é, envolver-se com a matéria. Não podemos acreditar que um rádio poderia captar imagens, pois lhe faltam implementos. Da mesma forma não pode o Espírito ser visto. Provar-se-ia este fenômeno, mas não se provaria a existência do Espírito. O que poderá ser fotografado e provado sua existência pelos meios materiais é o perispírito.

A questão não é provar a solidez da matéria ou a imaterialidade do Espírito. O problema é persistir exclusivamente nessa única busca. Trata-se de paradigmas distintos e inconciliáveis, portanto a discussão pode se tornar inócua.

A visão unitária que engloba sujeito e objeto, mente e corpo, Espírito e matéria como uma totalidade ou como uma unidade, não pode limitar-se às observações e aos sentidos do organismo humano e dos paradigmas estruturados a partir deles. Essa limitação pode parecer cooptação do espiritual. Se assim ocorre, pode haver danos inimagináveis à nossa percepção de nós mesmos.

Isso decorre do atavismo em nos ligarmos aos sentidos físicos e deles extrairmos nossas conclusões sobre o Universo e sobre nós mesmos. Nossa *psiquê* se estrutura a partir de paradigmas sensoriais. Devemos começar a pensar e construir idéias considerando que somos Espíritos e que usamos a matéria para evoluir. Dessa forma certamente estaremos iniciando outra forma de estruturar a *psiquê*.

A questão não é simplesmente o que conhecer ou o modo de conhecer. Não se trata de conhecer diretamente o objeto ou sua representação simbólica. É preciso que discutamos o que é conhecer e para que conhecer algo. Talvez não seja possível o conhecimento direto do objeto ou, mesmo que o seja, para que o faríamos? Será que devemos apreender a realidade através dos símbolos e sinais ou diretamente sentindo os objetos como eles são? Novamente voltamos ao dualismo. Talvez devamos ampliar o conceito de objeto ou o conhecimento que temos dele para apreensão de leis. Precisamos conhecer leis. Por detrás do “objeto” há a relação com ele e é isso que se constitui o novo objeto.

A preocupação em “conhecer a realidade” nos afasta do verdadeiro objetivo do viver que é apreender as leis de Deus. Isso se dá na relação com o objeto, independente do modo de conhecê-lo ou se o alcançamos diretamente ou não.

A Vida nos oferece a oportunidade de conhecê-la e senti-

la; desprezar a importância dos sentimentos realçando a supremacia da razão é vivê-la pela metade. Em contato com a matéria o Espírito consegue penetrar nas leis de Deus. É preciso entender que devemos ter cuidado quando concebemos a matéria, o corpo ou a realidade externa como mera ilusão (*maya*). Isso se assemelha ao discurso maniqueísta da oposição do mal ao bem. É necessário conhecê-la, vivenciá-la e aprender com ela.

Por mais que as definições tentem aprisionar o Espírito, ele “*sopra onde quer*” no dizer do Mestre Jesus. Ele não se permite limitar-se aos conceitos embrionários das ciências nem às amarras do preconceito materialista.

Buscar uma Realidade Absoluta que não seja Deus é tão absurdo quanto negar sua existência. O incognoscível não se revela sem a mudança na estrutura da *psiquê* e isso só ocorrerá quando o Espírito apreender novas leis. É preciso que ele ascenda na evolução para compreender o que ainda lhe é incompreensível.

Concebido por Deus o Espírito contém um arranjo virtual que promove automaticamente reconfigurações estruturais à medida que ele evolui. Essas reconfigurações o capacitam a novas possibilidades de apreensão das leis de Deus. Ele se assemelha a um diamante com seu especial arranjo atômico que lhe dá a característica estética peculiar e com uma consistência própria.

A seguir colocarei alguns conceitos sobre determinados temas que podem diferir das definições correntes. Novamente afirmo que tais definições são incompletas ou podem estar em desacordo com o senso comum. Mesmo que estejam “erradas” espero que o leitor compreenda que são pessoais e visam subsidiá-lo na compreensão deste modesto trabalho. Peço que tenha paciência para com meu raciocínio e o acompanhe até o término do livro. Outros conceitos a respeito de temas aqui analisados superficialmente, ligados a Psicologia Analítica podem ser encontrados em meu livro “*Sonhos: Mensagens da Alma*”.

Tempo. Muito embora para a *psiquê* o conceito de tempo saia da esfera real e interpenetre-se com o de espaço, é preciso entendamos que ele na verdade contém uma idéia associada ao movimento e à sucessão de eventos. É inegável que a percepção da existência do tempo advém do processo de transformação que se verifica com a matéria, que não é fruto apenas da visão do ser humano. A identidade do Espírito com o corpo é que permite estabelecer a idéia do tempo. A palavra tempo resume a idéia da dinâmica externa da Vida. Embora haja tempo para as transformações da matéria, no Espírito ele se torna extremamente diferente e não pode ser contado da mesma forma que o fazemos, isto é, tomando o Sol como referência. Há um tempo na *psiquê* assim como existe um tempo relativo na Física. Esse tempo serve como referencial para uma busca ou para a sensação de crescimento pessoal. Não existem segundos, nem horas, nem dias, tampouco anos ou séculos. Na *psiquê* há só processamento de informações e sentimentos para a aquisição ou não das leis de Deus pelo Espírito. O Espírito vive um eterno presente. O *ego* não só se situa no tempo como sua existência está intrinsecamente a ele ligado. O Espírito evolui, porém o tempo de evolução é o de seu *ego*. Tudo que ocorre no psiquismo se dá ao mesmo instante em face das conexões com os resíduos de eventos passados, como se o tempo fosse único e real.

Espaço. O espaço é outro conceito relativo e do domínio do *ego*. A rigor ele não existe, pois seria admitir a existência de um ente além das coisas e da matéria. Quando se diz que o espaço é curvo ou que ele tem existência real está se falando de uma modalidade de energia desconhecida, invisível, que se confunde com o que se chama de espaço. O Espírito não ocupa espaço, ao contrário do *ego* que necessita se sentir num espaço. Em verdade a matéria se aglutina em torno da energia que provoca a curvatura. O Espírito atrai a matéria. O *cyberespaço*, ou espaço virtual é um conceito cuja utilização nos mais diversos campos tecnológicos

irá aos poucos inserindo o ser humano nos domínios do Espírito.

Energia. É uma palavra que, pelo uso em diversos campos contém uma série de idéias e de possibilidades. Na Física a palavra quer dizer matéria e vice-versa. Representa uma certa força que movimenta a matéria, isto é, os corpos em geral. Através dela é possível retirar a inércia natural dos corpos. É comum se aplicar, inadequadamente, a palavra energia quando se pretende falar de algo que transcende a matéria por falta de um termo mais apropriado. Ela é uma das modalidades em que se transforma o fluido divino, substância suscetível ao psíquico, a que Allan Kardec chamou de Fluido Cósmico ou Fluido Universal. Aquilo que designamos como matéria, ou energia condensada, é simplesmente o “campo” do Espírito. É nela que ele se percebe. A experiência do duplo corte descrita por Thomas Young (1803) parece querer nos mostrar a existência de algo além da matéria (ligado ou não a ela) que lhe modifica inteligentemente o movimento. Este algo cuja natureza é desconhecida (não é uma energia), se apresenta como suscetível às modificações da *gestalt* (forma ou estrutura). Como se a forma ou configuração do anteparo (simples corte ou duplo corte) fosse determinante para a natureza do sujeito e sua manifestação. A percepção de que a energia se comporta às vezes como onda e às vezes como partícula se deve à natureza de quem percebe e não à natureza do que é percebido. O objeto percebido se altera ao entrar em contato com o observador, melhor dizendo, o observador altera sua percepção no contato com o objeto.

Consciência. A consciência é outro conceito *a priori*, pois é apenas campo de um modelo de percepção da *psiquê*. Esse modelo foi instituído a partir da impossibilidade de se acessar conteúdos de experiências de vidas passadas. É o campo restrito da memória integral a que o *ego* tem acesso. A conexão com a matéria impossibilita ao *ego* o acesso pleno às memórias do Es-

pírito. A *psiquê* ou mente é um instrumento importante para o Espírito. A consciência é como um filtro que retém a parte que não interessa ao Espírito e que vai estruturar uma parcela da personalidade acessível ao *ego*. A outra fica retida no inconsciente.

Movimento. O movimento é o deslocamento de objetos no que se chama de espaço. É a troca de lugar. Porém podemos entender o movimento como o impulso que a matéria recebe ao ser ativada pelo influxo da energia oriunda do Criador da Vida. Só o Espírito se movimenta sem deslocar os objetos, isto é, sem trocar de lugar com eles.

Psiquê. O mesmo que mente. É um fenômeno de exteriorização ou manifestação do Espírito, sendo-lhe órgão funcional que se localiza no perispírito. Através dela, ele consegue manipular a matéria. Por se localizar no perispírito ela é virtual para o corpo físico, justapondo-se a ele. Pela sua sutil condição estrutural intermediária entre o perispírito e o corpo consegue mobilizar a matéria orgânica através do complexo cerebral. Podemos entender a *psiquê*, ou mente, como um instrumento do Espírito. Não é produto do cérebro, porém age diretamente sobre ele.

Vida. Vida (com V maiúsculo) compreende todos os processos que se referem ao espírito enquanto personalidade no corpo ou fora dele. A Vida compreende todos os processos em que o ser humano se envolve consciente ou inconscientemente. Abrange as existências sucessivas do espírito tanto quanto suas próximas encarnações. Refere-se também à providência divina bem como às leis universais que interagem com o espírito. Embora haja muitas vidas no corpo, só há uma Vida para o Espírito.

Fluido Vital. Princípio da vida orgânica. Alteração do fluido cósmico que permite plasticidade à matéria tornando-a susce-

tível à influência direta do espírito. Por causa de suas propriedades favorece o desenvolvimento do Espírito e através de sua manipulação a apreensão das leis de Deus. É responsável por boa parte dos fenômenos mediúnicos e sua presença é imprescindível para a ocorrência da maioria deles.

Ser humano. Uso o termo ser humano ao invés de homem, tendo em vista que essa última denominação usada para a espécie confunde-se com o gênero, bem como por conter um viés masculino característico. O termo ser humano se aplica a encarnados e a desencarnados, pois que a perda do corpo físico não lhe altera a condição humana.

Pensamento. Produto da necessidade de comunicação, a qual procede do Espírito. Sua elaboração ocorre pela conexão entre emoções que recebem o influxo do Espírito. É matéria que nasce no perispírito. Ele é traduzido através de palavras, sinais, mímica, alterações orgânicas, bem como por todo o tipo de ação humana. Diferente do instinto que procede do corpo, o pensamento origina-se da mente que o emite com ou sem a consciência do *ego*. As idéias são reuniões de pensamentos que se agrupam por similaridade.

Mundo Espiritual. Lugar onde habitam os espíritos e que, vez por outra, é freqüentado por encarnados em *desdobramento*. Possui uma sociedade tão ou mais estratificada que a dos encarnados, sendo tão desigual quanto a da Terra. É a primeira estação de passagem aos recém desencarnados.

Religião. É o “campo” do saber que se ocupa da transcendência do ser humano e da busca de suas raízes espirituais. Através dela ele realiza sua essência. A incursão da religião na vida do ser humano é fruto de sua ascendência espiritual. A procura pelo espiritual, pelo transcendente e pela própria divindade

é, e será sempre, crescente. Por esse motivo, as religiões têm interferido na visão de mundo do ser humano e na percepção de si mesmo. As conceituações ditadas pelas religiões são fruto de cada época e de acordo com a evolução espiritual alcançada. Nenhum conceito é definitivo. A verdadeira religião é aquela que leva o indivíduo ao encontro consigo mesmo e com Deus.

Reforma íntima. Pressupõe um processo de transformação efetiva que inclui a aquisição do conhecimento gradativo das leis de Deus. Não se trata de simples modificação no comportamento, mas educação emocional, intelectual e espiritual. A reforma íntima é um trabalho de conhecimento de si mesmo que permite a ocorrência cotidiana de transformações na forma de construir as próprias idéias e de vivenciar as emoções.

O que é o Espírito

A maioria de nós já deve ter-se feito a clássica pergunta – “Quem sou?” – e, provavelmente, obteve as mais diversas respostas sem, no entanto, provavelmente, satisfazer-se com qualquer delas. Resolvi fazer-me a pergunta mudando o pronome *quem* pelo *que*, à semelhança do questionamento de Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos”, na questão nº 1, a respeito de Deus. Não afirmo que obtive respostas mais satisfatórias, porém a mudança do pronome me tornou mais consciente de mim mesmo e da natureza humana, além de mudar o foco da percepção. O *que* me leva além dos limites da natureza humana, fazendo-me penetrar no mundo transcendente da espiritualidade.

Percebi que quanto mais me aproximava da idéia de mim mesmo, distanciando-me de conceitos preestabelecidos, mais entendia Deus e Sua criação. Mesmo consciente de que as limitações impostas pela minha concepção de mundo, pelo meu nível de evolução e pela própria natureza da *psiquê* não me levariam muito longe, arrisquei-me à aventura do livre pensar e cheguei ao território fantástico da proximidade com Deus. Cada vez mais O entendia e encantava-me com Sua obra, num misto de respeito e êxtase transcendente de difícil verbalização.

Não me via simplesmente encontrando palavras para explicar o que encontrava, mas me percebia aprendendo e incorporando cada idéia que intuía sobre minha própria essência. Não

creio que se chegue à própria essência sem se destituir da presunção de que as palavras ou o domínio da linguagem são suficientes para tanto. É preciso transcender a matéria, despir-se de *preconceitos* e enveredar livremente nos campos da inspiração e da intuição.

Na questão 23 de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec levanta o problema da natureza do Espírito com a seguinte interrogação: *Qual a natureza íntima do Espírito?* Cujas respostas muito claras não deixam dúvidas quanto à nossa dificuldade em entender e perceber o Espírito enquanto essência criada por Deus. *“Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.”*

É exatamente meu propósito penetrar nessa *alguma coisa* que é o Espírito. O Espírito é uma *mandala*⁴ de Deus. Uma espécie de configuração ótima que consegue ser um portal para o encontro com Ele.

Como explicar com palavras e dentro dos limites de minha capacidade intelectual a essência do que é o Espírito?

Certamente que é uma tarefa difícilíssima e que exigiria capacidades além das que disponho. Tentarei e espero a compreensão do leitor dada a dificuldade imposta pela temática e pelas deficiências da linguagem.

Em princípio o Espírito é algum elemento. Algo concreto, real e entendido como elemento de natureza distinta da matéria, embora não se lhe oponha. Criou-se a ilusão de que Espírito e matéria se opõem. São independentes. É preciso também entender que o termo matéria, largamente usado na literatura espírita, tem sentidos diversos. Na maioria dos casos quer se referir ao mundo carnal e suas imperfeições.

A palavra “Espírito” expressa um conceito que, por sua

⁴ *Mandala* significa círculo e é um instrumento cuja contemplação suscita uma positiva alienação sensorial que favorece a expressão do inconsciente.

vez oculta uma idéia essencial. Como tudo que existe, é impossível penetrar na essência dele, algo só concebível a Deus. Há o Espírito em si, porém precisamos entender que sua realização só é possível existindo algum objeto ou um outro Espírito. Ele em si torna-se possível com Deus. O Espírito é, ou forma, uma *gestalt*⁵ com Deus.

Sua essência, gerada pelo Criador, permite que lhe cheguem, durante o processo evolutivo, Suas leis. A evolução do Espírito é o processo de aquisição dessas leis. É a sedimentação das leis extraídas a partir das experiências do contato com a matéria e das vivências reencarnatórias.

Estar consciente de algo nem sempre é ter consciência de si mesmo. O Espírito está sempre consciente, porém nos primórdios de sua evolução não tem consciência de si nem de Deus. Seu caminho é o da busca pela consciência de si e aquisição das leis de Deus a partir desse estado.

Pode-se pensar no Espírito como um campo virtual, como foi dito antes, que promove as necessárias reconfigurações na *psiquê* como também em sua percepção de mundo. Em si, o Espírito contém uma realidade virtual e não corpórea. O Espírito não se forma da configuração ou disposição espacial da matéria, mas ele mesmo é uma estruturação flexível de Deus, que o concebeu como Sua expressão. Em outras palavras o Espírito não se depreende da matéria nem ela dele. Não é produto da evolução material, mas evolui com a matéria. Prescinde dela para existir, porém não a dispensa para evoluir.

Para entender a estrutura íntima do Espírito é preciso:

1. Abstrair-se de uma visão espacial e material;
2. Evitar correlações com energia, força, potência, chama, e a termos que se referem a movimento;
3. Aplicar a ele o domínio de capacidades de transformar o meio, de construir sistemas provisórios de compre-

⁵ A teoria da *Gestalt* propõe que o todo é diferente da soma das partes e sua percepção não é cumulativa em relação à de cada parte que o compõe.

ensão de si mesmo e do ambiente a sua volta, de mobilizar a matéria, de mover e ser movido, etc.

4. Sair da via sensória e penetrar na própria essência de si mesmo, evocando sua estrutura íntima criada por Deus, sintonizando com suas potencialidades.

Deve-se entender que o Espírito não é bom nem mau, visto que esses adjetivos se devem aos sistemas culturais existentes na humanidade, criados pelo próprio espírito na sua necessidade em evoluir. O Espírito em si foi criado simples e ignorante dotado da capacidade de apreender as leis de Deus. Essa simplicidade o coloca na condição de acoplar-se à estrutura material mais simples. A ignorância é sua condição de desconhecimento total das leis de Deus. O ser humano, portanto espírito, nessa condição já não é mais simples nem ignorante. Por mais que expressemos conceitos sobre o que é o Espírito para que nossas idéias sejam alcançadas há uma pelo menos que deve ser de antemão compreendida: você que me lê é um Espírito. Credo ou não, essa é sua condição essencial.

Perispírito

Algumas capacidades que são atribuídas ao Espírito se encontram em verdade nas propriedades do perispírito. Embora seja visto como um corpo energético, material portanto, possui características psicológicas complexas. Ele é sede não só das funções que o capacitam a comandar o corpo como também outras que o conectam ao Espírito. Ele varia, em sua essência, da matéria ao Espírito. Empédocles, filósofo grego, dizia que o semelhante se conhece através do semelhante. O conhecimento se realiza por meio do encontro entre o elemento que existe no ser humano e o mesmo elemento que existe no seu exterior. O perispírito possui essa flexibilidade e pode ser visto como algo suficientemente material para conectar-se ao mundo físico, tanto quanto algo espiritual para ligar-se à transcendência divina do Espírito.

O perispírito com suas funções é a alma do corpo físico. Ele lhe dá substância, muito embora não seja responsável direto pelo seu funcionamento. Ele é uma estrutura acessória do corpo físico, tanto do ponto de vista energético como psicológico.

Minha abordagem será voltada para o aspecto psicológico dessa estrutura, a qual parece responder por todas as funções do Espírito e é seu meio de ligação com o Universo enquanto ele não se depurar o suficiente para tornar-se Espírito Puro.

Há um limite do saber para o ser humano. Sua estrutura psíquica lhe impõe condicionantes. É necessário que se proceda

a reestruturação de seus modos de concepção e apreensão da realidade para que ele alcance novo nível de conhecimento, quer na Terra ou fora dela. Não basta saber ou aprender intelectualmente. As experiências devem ser vividas e internalizadas a cada momento. O perispírito exerce influência decisiva nesse processo. É ele o psiquismo do Espírito.

Dividirei as funções perispirituais em dois tipos de acordo com sua direção, seguindo o exemplo de C. G. Jung, que estabeleceu forma semelhante para a *psiquê*. Considerarei uma direção a que o liga ao Espírito e outra a que o liga à Vida em geral.

As funções são formas de captação (modos de apreensão da realidade) e podem ser divididas, muito embora estejam conectadas entre si, em seis:

- Função de captação da realidade
- Função de decodificação e filtragem
- Função de armazenagem
- Função de comunicação
- Função de conexão emocional
- Função de condensação

Função perispiritual de captação da realidade

A essência do Espírito é constituída de capacidades de realização. Imagens, sons, sinais, etc., não fazem parte do Espírito, visto que, quando necessita, utiliza-se das propriedades do perispírito. Nele o Espírito encontra o que precisa. Essas capacidades de realização constituem-se no saber do Espírito. Ele é o que Deus criou, mais as capacidades adquiridas na evolução. Essas capacidades surgem do conhecimento das leis de Deus. Aos poucos o Espírito vai incorporando em si as leis de Deus, na medida que atravessa experiências, reencarnado ou não.

Para adquirir essas capacidades o Espírito utiliza o perispírito

como uma espécie de câmera que filma tudo aquilo que possui luz e impressiona sua película. É uma espécie de estação de transição entre a realidade vista e aquilo que deve ser incorporado ao saber do Espírito.

A realidade externa é captada pelo corpo físico e pelo perispírito, visto que este possui capacidades de comunicação com o mundo além da matéria bruta, pelo pensamento. Aquilo que é captado pelo corpo através dos sentidos físicos é transformado no cérebro em impulsos nervosos e levado ao perispírito que os absorve num sistema de códigos próprio. Essa transposição do cérebro para o perispírito se dá graças à ação da mente ou *psiquê* que possui propriedades para fazer essa conversão.

A ligação que permite a captação do que é oriundo do corpo físico para o perispírito decorre das propriedades do fluido vital. Este fluido possui a propriedade de interagir com a matéria, organizando-a e lhe dando, além do movimento, um sistema de trocas autônomas com o meio.

As formas de captação da realidade no perispírito se alteram de acordo com o estado emocional do indivíduo. O arranjo perispiritual interfere no conteúdo do que é captado no meio.

Por estar conectado ao Universo, o perispírito emite e absorve, através do meio fluídico, as emissões psíquicas de sua faixa de vibração. Por estar conectado ao corpo físico também absorve os estímulos dele oriundos, porém em formatação diferente daquela captada pelos sentidos corporais. Os órgãos do corpo são antenas que transmitem vibrações ao corpo perispiritual, que por sua vez possui receptores aptos (*chakras*).

As alterações morfológicas ocorridas no perispírito por força das ideias psíquicas, principalmente decorrentes do monoideísmo provocando o surgimento dos chamados *ovóides*, não interferem nos fenômenos da captação bem como em outros, visto que se trata de um automatismo adquirido no decorrer da evolução do Espírito.

As alterações físicas no perispírito nem sempre interferem

em suas propriedades, dada a sua natureza semimaterial. Devemos pensar no perispírito como uma estrutura que se alterna entre a materialidade e a virtualidade.

A morte do corpo, o qual retém o fluido vital, devolve ao Espírito seu exclusivo *habitat* perispiritual, impedindo-o de manipular inteligentemente a matéria orgânica. O fluido vital é o elemento que o capacita não só a manipulá-la como a se adequar, limitando-o a um corpo de natureza orgânica.

Para captar a realidade oriunda dos fenômenos materiais, os órgãos dos sentidos são os portais do perispírito. Já na captação dos fenômenos de ordem transcendente, cujos sentidos físicos não participam, o perispírito utiliza os *portais hipersensoriais* que possui espalhados em toda a sua estrutura.

Por força das experiências havidas durante as vidas sucessivas, o perispírito funcionará como um filtro com características próprias, alterando a realidade de acordo com sua *densidade*. Caso as experiências tenham sido maciçamente carregadas de emoções fortes ou que o indivíduo tenha valorizado os aspectos afetivos em suas vidas pregressas, o que será captado da realidade terá automaticamente esse viés. Não há neutralidade na captação automática da realidade. O Espírito é que dará o sentido que lhe aprouver àquilo que foi captado. A função de captação do perispírito liga o Espírito ao mundo externo e vice-versa.

Função perispiritual de decodificação e filtragem

As funções de decodificação e filtragem se referem à transformação que será feita naquilo que é captado. O que é assimilado perispiritualmente sofre alterações, dada a natureza do perispírito e de acordo com o mecanismo de armazenagem da informação captada. Imagens, sons, cheiros, afetos, sensações tácteis, conteúdos subliminares, inspirações, ondas mentais externas, bem como tudo o mais que possa ser assimilado pelo Espírito passa por uma filtragem e decodificação adequadas. A

codificação é necessária tendo em vista a natureza do Espírito, bem como de seu veículo imediato. Primeiro ocorre a decodificação, visto que não são guardadas imagens ou sons, bem como outros estímulos, mas *códigos afetivos* que irão se conectar a estruturas já existentes no corpo perispiritual. A função de decodificação assim é chamada tendo em vista que aquilo que é captado já é um código em si, em face da impossibilidade de assimilar o objeto real.

Para entendermos esse sistema de códigos, poderíamos recorrer, por analogia, ao sistema binário utilizado na ciência dos computadores, ou mesmo ao hexadecimal, porém a *matéria* é outra. Talvez a codificação seja matricial, onde os elementos constituintes sejam *qualidade de afetos*. Tais componentes são classificados por serem ou não parâmetros das leis de Deus. Eles não se localizam em áreas específicas do corpo espiritual, mas se distribuem pelo espaço psíquico que o gera. Podemos pensar que o *imantado* e o *não imantado* do sistema binário correspondem ao adequado e ao não adequado como parâmetro de uma lei.

A decodificação compreende a recodificação quando é necessário ao Espírito reportar-se à experiência e devolvê-la externamente. A experiência real não chega ao Espírito, mas apenas aquilo que ela representa como aquisição para o conhecimento da lei de Deus.

Função perispiritual de armazenagem (memória)

A memória compreende as capacidades: de fixar ou reter informação das mais diversas naturezas, de poder ser evocada reproduzindo o conteúdo apreendido, de localizar a informação instantaneamente, bem como de permitir que os dados sejam flexíveis a conexões emocionais.

O sistema de armazenagem ou memória, embora tratado num capítulo à parte, pode ser entendido como um sistema de recorrência do Espírito quando necessita contatar a realidade

apreendida. A memória é a garantia contra a perda pelo esquecimento. Podemos entender a memória não necessariamente como um reservatório ou um local onde se encontram armazenados os resíduos das experiências, mas como um campo onde se encontram conexões num sistema de rede vinculando emoções e informações que se assemelham. Os registros não são guardados na memória por semelhança numérica, verbal ou por datas. Eles são gravados pela conexão afetiva que os une de forma atemporal, isto é, não linear, porém são acessados por similitude. Ela é seletiva, classificando as experiências vividas pelo tônus emocional a elas aplicado.

Em relação à memorização das experiências a que o Espírito se submete, utilizando-se do corpo físico, devemos considerar que a transcrição para o perispírito é simultânea, assim como o acesso aos seus arquivos milenares.

A memória ao que tudo indica retém seus conteúdos por semelhança emocional. Ela não parece um simples banco de dados, mas uma grande rede de conexões afetivas.

A memória está diretamente relacionada com a inteligência. Ter uma “boa memória” não significa ter uma grande memória, tanto quanto não significa ser mais inteligente. Memória e inteligência não são sinônimos, porém guardam estrita relação entre si. Ter boa memória não significa saber, mas poder fazer conexões apropriadas às necessidades do Espírito. Como disse, a memória é seletiva e a ela recorremos por causa do tônus emocional que adicionamos aos eventos aos quais dirigimos nosso foco de interesse. Nos lembramos dos eventos aos quais adicionamos emoção e que se encontram em nosso campo geral de interesses.

Memória se distingue de imaginação, visto que enquanto aquela depende da experiência esta última se apóia na recriação e muitas vezes recorre à primeira.

A intuição nos faz buscar conteúdos internos para nossa própria análise. Tais conteúdos podem estar na memória ou nos resíduos decorrentes dos conteúdos ali existentes. A inspiração

nos faz, pelo mesmo motivo, buscar conteúdos externos. A memória é acessada pela intuição.

Ela pode ser dividida, para melhor compreensão, em três partes, segundo sua localização e pertinência.

Há três memórias: uma física, estruturada no córtex cerebral que, pela sua constituição neural consegue bioquimicamente gravar informações; uma perispiritual que armazena informações de todas as experiências do Espírito; e, por fim, uma memória espiritual que se encontra no Espírito, onde são registradas as leis de Deus.

Memória Cortical

A memória cortical é seqüencial, linear e exclusivamente mecânica. Tem a limitação determinada pela capacidade neuronal. Altera-se com o funcionamento adequado do sistema nervoso e de todos os seus elementos constituintes. É passível de falhas também por conta do mal funcionamento do sistema nervoso. Pode ser estimulada quimicamente bem como alterada por influência de agentes orgânicos. Sua limitação é ditada pelo *ego* e pela vontade do Espírito. Seu funcionamento é automático e a armazenagem é baseada na conexão dos estímulos externos com os componentes celulares do córtex.

O córtex é uma espécie de disco em branco para armazenagem de dados de acordo com a seqüência em que ocorrem. São fixados por área cerebral e obedecem a um sistema de ocupação da região cortical por ligação com os nervos sensitivos. O resultante das experiências mais recentes ocupa as camadas mais superficiais sobrepondo-se aos mais antigos que se situam nas mais profundas. À medida que os eventos ocorrem são registrados na superfície do córtex. As estruturas anexas ao cérebro são responsáveis pela memória dos automatismos ancestrais do ser humano. Podemos dizer que nelas existem sub-memórias: motora, olfativa, visual, tátil, auditiva, gustativa, temporal, espacial, etc.

As portas de entrada para a memória cortical são os sentidos físicos, embora, muito especialmente, por conta da ação

perispiritual, ela possa receber influência através dos sonhos. A intensidade emocional atribuída ao estímulo externo parece fixar o conteúdo apreendido.

Não será nenhuma surpresa se futuramente a ciência desenvolver sistemas bio-mecânicos de armazenagem de resultados das experiências, isto é, de conteúdos informacionais. Os chamados “biochips” estão sendo desenvolvidos e terão importante papel na armazenagem de informações disponíveis ao *ego*.

Memória perispiritual

Há uma estrutura perispiritual que nos permite reduzir a um instante todo o conteúdo acessado da memória. O perispírito, dada sua natureza sutil, se presta à armazenagem das experiências complexas da existência do princípio espiritual bem como da vida humana.

A guarda de informações não se restringe a uma área do perispírito, mas a toda a sua estrutura, visto que sua composição permite que os dados que sejam oriundos da experiência do Espírito se agreguem a ele automaticamente.

Todas as experiências do Espírito, desde as mais simples e captadas subliminarmente, até as mais complexas emoções são gravadas no perispírito. A gravação é codificada e não obedece à lógica linear utilizada na armazenagem da memória cortical.

O perispírito grava as informações que lhe chegam em redes conectadas por similaridade emocional sem classificá-las por data. A classificação é pelo tônus emocional atribuído a elas. Isso facilitará a lembrança quando for necessário revivê-la para o aprimoramento do Espírito.

A memória perispiritual não só registra os eventos captados pelos sentidos como também aqueles que escapam aos limites do corpo físico. No perispírito estão gravados codificadamente: emoções, juízos de valor sobre eventos, impressões subliminares, eventos mediúnicos, traumas, *complexos*, etc.

As imagens tridimensionais, as impressões táteis, os olfa-

tos, as vibrações sonoras, bem como as impressões do paladar, são guardadas com componentes subjetivos das motivações que provocaram o Espírito.

Memória espiritual

O sistema de armazenagem nessa memória é extremamente complexo visto que não são guardadas informações no sentido vulgar que atribuímos ao termo. Ali são *gravadas* as leis de Deus. É ali que a evolução do Espírito se processa. Não há base material para justificar um sistema de fixação, nem tampouco de armazenagem de dados. Opera-se nessa memória um re-arranjo em sua íntima estrutura o que significa um maior conhecimento da lei de Deus.

Das experiências gravadas no perispírito, oriundas ou não do corpo físico, nem todas necessitam permanecer nessa memória, mas apenas aquilo que dela se extrai e que modifica o Espírito em sua evolução. As experiências traumáticas, dolorosas, sofridas ou mesmo ditosas permanecem guardadas perispiritualmente. Chega ao Espírito somente o que significa aquisição da lei de Deus.

O Espírito dispõe dessas experiências na medida que interage com o mundo. Elas estão em núcleos perispirituais que se conectam, mas que vão se dissolvendo conforme o Espírito evolui.

Um Espírito Puro não necessita lembrar-se de seu passado quando vivenciou tais experiências, visto que, no estágio em que se encontra, tão somente lhe é importante e necessário saber aplicar as leis de Deus.

O domínio da lembrança das experiências pregressas torna-se desnecessário ao Espírito Puro porquanto ele já percebe o significado de tê-las vivido.

Função perispiritual de comunicação

Saindo da memória, analisarei a função perispiritual de comunicação com o mundo e com o Espírito. É necessário entender

que comunicação é um termo de significado amplo que engloba a forma verbal como todas as formas não verbais de ligação entres os seres da Natureza.

O Espírito se comunica com o mundo externo diretamente face à condição de ser um canal de Deus. Sua fala, seu olhar, sua expressão geral é indiretamente expressa pelo perispírito e pelo corpo físico. No perispírito é que encontramos a complexidade das formas de comunicação.

Ao analisar o complexo sistema de conexão entre partículas atômicas explicitado na Experiência conhecida pelo nome de EPR (Einstein-Podolsky-Rosen), que sugere a existência de velocidades supraluminais (mais rápidas que a da luz), pode-se entender que a comunicação do Espírito, via perispírito, com o Universo é instantânea. Esse sistema de conexão transcende as idéias usuais de causalidade.

O perispírito é uma espécie de usina atômica com todos os controles de qualidade e segurança necessários ao fornecimento de energia para a execução e o atendimento às necessidades do Espírito.

Suas “antenas” de comunicação, distribuídas por todo o corpo espiritual, captam e emitem sinais constantemente, proporcionando ao Espírito a condição de ligação permanente com o meio que o cerca.

A comunicação do Espírito com o perispírito se dá à semelhança de um campo imantado que interfere no espaço à sua volta. O Espírito forma um campo específico no qual o perispírito se insere. A comunicação flui naturalmente e o Espírito capta do perispírito apenas os paradigmas que compõem as leis de Deus. Tais paradigmas são componentes das leis.

Para exemplificar, cito uma experiência da vida de qualquer pessoa. Alguém pode, numa encarnação viver a sublime emoção de parir um filho. Diante de tal fato essa mãe poderá se sentir feliz, recompensada pela espera de nove meses, alegre por corresponder ao desejo de ser mãe, ao anseio social de dar con-

tinuidade à família além de atender à expectativa de seu companheiro. Acompanhar e nutrir seu filho lhe trará momentos de extrema satisfação, sentindo-se comprometida com o desenvolvimento daquele ser frágil e que necessita de cuidados.

Essa simples, mas rica experiência promove no Espírito e no perispírito as seguintes alterações:

1. Em seu cérebro do corpo físico ficarão gravados quimicamente os estímulos envolvidos bem como se reforçarão outros já experimentados;
2. No perispírito a experiência, após codificada, é integralmente armazenada, com todos os detalhes emocionais característicos, conforme explicado anteriormente em outro capítulo;
3. O Espírito irá se apropriar dos paradigmas que dizem respeito ao valor da vida; desenvolverá a capacidade de gerar, nutrir e cuidar da vida; aprenderá a alimentar o amor pelo semelhante; compreenderá o valor da relação humana; alicerçará a necessária distinção entre seu próprio eu e o do outro;
4. Cada momento vivido será importante para reforço da compreensão da lei geral de valorização da Vida.

A cada novo aprendizado do Espírito ocorre uma reorganização com ampliação de complexidade da *psiquê* na estrutura perispiritual, capacitando-a a apreensão de novos paradigmas e novas leis. Os automatismos corporais e perispirituais se ampliam a cada experiência.

A comunicação mediúnica é uma das modalidades de interligação entre os espíritos. Os perispíritos envolvidos se ligam face à justaposição de frequências que se estabelece. Essa ligação, de natureza física, ocorre independente da vontade dos envolvidos. Embora a idéia a ser transmitida parta do comunicante, a vontade do médium exerce capital influência sobre a qualidade do conteúdo da mensagem. Embora o cérebro físico participe do pro-

cesso, nem sempre será imprescindível a que o mesmo ocorra.

Função perispiritual de conexão emocional

A função de conexão emocional permite que no perispírito se liguem emoções semelhantes. As experiências vividas que se assemelham são conectadas entre si independente da época em que ocorreram. Emoções típicas de situações semelhantes serão automaticamente vinculadas. Por exemplo: uma situação, numa encarnação, típica de inveja, será conectada à de outra encarnação cuja experiência também tenha provocado o mesmo sentimento. Quando a emoção já não puder mais ser suportada pela *psiquê*, gerando uma tensão psíquica excessiva, ocorrerá o processo educativo criando situações externas que possam levar o Espírito ao aprendizado necessário.

Um evento externo estará sempre conectado a uma necessidade interna de realização e aprendizado. É por isso que atraímos situações, aversivas ou não, independentemente do desejo de outra pessoa. Não necessitamos que alguém nos agrida para aprendermos. Ninguém pode se arvorar a responsável pela justiça divina. Deus é pai e condutor do ser humano.

No processo evolutivo, aprender a conhecer e utilizar as emoções é condição essencial ao próprio crescimento espiritual.

Função perispiritual de condensação

A função de condensação permite que o Espírito possa se apropriar do estritamente necessário ao seu progresso espiritual. O perispírito irá condensar todas as experiências que se assemelham e se referem ao aprendizado de determinada lei de Deus para que o Espírito possa incorporá-la a si. Nesse sentido o perispírito funcionará como um órgão de filtragem e decodificação das experiências. Chegará ao Espírito de forma que possibilite sua transformação imediata.

Vale a pena reproduzirmos um trecho do que Allan Kardec escreveu em “A Gênese”, Cap. XI, item 17, a respeito do perispírito, visto que nos mostra sua função de transmissor ao Espírito, de tudo aquilo que lhe é importante à evolução.

“O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo, na encarnação. Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. É semimaterial esse envoltório, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado perispírito, faz de um ser abstrato, do Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme se dá com todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais poderosos motores. O fluido perispirítico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto aquele se acha unido ao corpo, serve-lhe ele de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os agentes exteriores produzem. Servem-lhe de fios condutores os nervos como, no telégrafo, ao fluido elétrico serve de condutor o fio metálico.”

O perispírito é o veículo de manifestação do Espírito e se torna flexível à condução de seu mantenedor à proporção que ele aprende a manuseá-lo com maestria e equilíbrio. Há pessoas que não conseguem modificar as condições de saúde do corpo físico em face da excessiva fixação em pensamentos que não alteram o corpo perispiritual. Quando alcançarmos a percepção da influên-

cia de nossa vida psicológica e psíquica no corpo, através do perispírito poderemos influenciar melhor sua condição fisiológica.

Chakras

O conceito a respeito dos *chakras*, existentes no corpo espiritual, é avançado, revelador e se assemelha à percepção dos sistemas orgânicos do corpo físico. Eles são portais de entrada e saída do domínio do perispírito, sem penetrar definitivamente no campo do Espírito. Os *chakras*, como órgãos do corpo espiritual, assemelham-se aos do corpo físico sem, no entanto, alcançar diretamente o Espírito. São órgãos que desempenham funções de natureza mecânica e instintiva. Não são estruturas psíquicas ou virtuais; podem ser vistos e detectados.

Suas conexões se enraízam nas estruturas nervosas do corpo humano, sobretudo na região cerebral. Todo o sistema nervoso possui correspondência direta com os *chakras* do corpo espiritual.

Hereditariedade e Perispírito

É possível pensar-se em hereditariedade perispiritual desde que nos abstraiamos do conceito clássico de transmissão direta de caracteres. Podemos pensar em influência de um campo sobre outro com transmissão de tendências. Podemos herdar de nossos pais certas tendências psíquicas que se transferem no processo em que o perispírito recebe influência durante o processo reencarnatório. Creio que os gametas, masculinos e femininos, responsáveis pelo desenvolvimento do embrião humano, absorvem dos moldes perispirituais paternos e maternos vibrações que se transferem para o perispírito do reencarnante.

Traços do caráter (considerando caráter como tendências a comportamentos específicos) alicerçados nas sucessivas encarnações se localizam no perispírito. No processo de divisão

e multiplicação celular (meiose e mitose), o perispírito do reencarnante além de interferir nas permutações cromossômicas, alterando sobremaneira o novo corpo em formação, também irá submeter-se aos processos de alteração em seu campo. O perispírito de cada um dos pais do reencarnante imprime, no campo modelador das formas, características pessoais que influenciarão na reorganização de seu “novo” corpo perispiritual. O campo formado pelos perispíritos dos pais interferirá na estrutura básica do perispírito do reencarnante através dos genes no processo de desenvolvimento celular.

O perispírito materno tem grande influência sobre a formação e o desenvolvimento de um novo corpo. Nos casos de gravidez sem espírito é ele que contribui para o surgimento do corpo que não chega a vingar.

O perispírito é formado do Fluido Universal e de suas alterações. Um dos componentes que permitem ao perispírito ligar-se ao corpo físico é o fluido vital, diferenciação especial do Fluido Universal que permite o florescimento do que se chamou **vida**. É esse fluido que permite o desenvolvimento dos corpos vegetais e animais. Ele consegue organizar a matéria num sistema fechado de trocas reguláveis com o meio. A matéria por si só não se autoorganiza. Ela obedece a princípios estruturadores do fluido vital que transcendem sua própria condição essencial. A matéria orbita em torno do Princípio Espiritual como os planetas ao redor do Sol.

Evolução Anímica

O ciclo nascimento e morte condiciona o ser humano à idéia de que a vida, por se interromper bruscamente, não é eterna. A necessidade de formar um *ego* a cada encarnação reforça essa idéia e contamina a *psiquê* à configuração bipolarizada nos extremos funcionais do inconsciente e do consciente. A percepção da unidade do ser humano, isto é, de sua individualidade e singularidade, representa importante aquisição evolutiva e só se dá após muitas encarnações. Aquele ciclo, muitas vezes repetido, influencia a percepção da gênese do Espírito, visto que tende à crença de que ela é fruto da combinação de gametas.

O Princípio Espiritual é a denominação que se dá ao Princípio Inteligente quando ainda acoplado a alguma forma material anterior ao corpo humano. Ele é o Espírito em seu estado simples e ignorante. Ele é o futuro espírito, denominação atribuível só após o acoplamento a um corpo humano. No processo evolutivo ele vai formando o corpo espiritual, o qual, um dia, no estágio humano, também terá a denominação específica de perispírito.

O Princípio Espiritual, sendo em si o Espírito, interage com o mundo inicialmente por um simples impulso provocando irritabilidade, ou atrito, o qual será o embrião da futura sensação. O desenvolvimento da sensação e as repetições de experiências sucessivas promoverão o instinto. Este dará surgimento às emoções viscerais. A razão só ocorrerá após o desenvolvimento de

estruturas perispirituais capazes do estabelecimento de conexões cognitivas e pela aquisição de certas leis de Deus pelo Espírito. A razão exigirá tais implementos e o aparecimento dos sentimentos só se fará após sua consolidação.

A sensação, a imagem e a percepção são etapas conquistadas após experiências do Espírito no contato com a matéria, as quais o capacitaram para a aquisição da razão. Nada ocorre sem esse contato externo. A formação de uma idéia e de um juízo se dá após milenares experiências de convívio e de intensas conexões inconscientes. O surgimento da afetividade, por sua vez, exigirá muito mais experiências do que qualquer outra formação intelectual. A consolidação de um sentimento nas camadas do perispírito exigirá evolução do Princípio Espiritual jamais experimentada por qualquer animal.

O Princípio Espiritual necessita de uma unidade orgânica para “descer” à matéria. Ele precisa de um fluido para animar a matéria. Esse fluido, energia, onda, plasma, ou qualquer nome que a ele se dê, tem a característica de permitir o acoplamento do Princípio Espiritual à matéria. Ele foi chamado por Allan Kardec de Princípio Vital. É uma diferenciação do Elemento ou Princípio Material.

É o processo a que se submete o Princípio Espiritual, justapondo-se constantemente à matéria e dela se ausentando temporariamente, que permitirá a aquisição das leis de Deus pelo Espírito. A complexidade é crescente na formação do perispírito que será o instrumento capaz de flexibilizar o desabrochar das leis de Deus no Espírito.

Na questão 621 de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec propõe a seguinte pergunta: *Onde está escrita a lei de Deus?* A resposta vem límpida e clara: “*Na consciência.*” O termo consciência é aqui aplicado, penso eu, como sinônimo de Espírito, visto que se estivesse no campo da consciência, enquanto função perispiritual acessível ao *ego*, teríamos facilmente possibilidade de percebê-la.

As estruturas básicas da *psiquê* se formam desde os primórdios da concepção do Espírito, após sua entrada no mundo da matéria. É uma evolução infinita em busca do próprio infinito. Um dia não precisaremos do perispírito, pois já estaremos na condição de Espírito Puro e, assim, “*veremos*” Deus. O Espírito é criado como uma configuração que direciona a *Vontade* Divina. Ele prosseguirá, independente de seu próprio Eu, na direção do alvo estabelecido pelo Criador.

As fontes do Espírito

Sempre estaremos considerando que toda força, todo poder, toda energia, todo impulso e qualquer que seja o mecanismo fomentador da Vida, advêm de Deus. Independente disso deve-se analisar as disponibilidades do Espírito para sua evolução, bem como para suas ações no mundo.

Ao ser gerado o Espírito, aparentemente adquire a capacidade criadora oriunda de Deus. Esse poder criador é condição existencial de todos os seres da natureza. Embora nos pareça que o Espírito constantemente recebe de Deus forças com as quais se nutre, ele próprio possui uma fonte geradora de capacidades de realização que lhe permite transformar-se e modificar o meio em que vive.

A energia do Universo, em princípio, emana do Criador. Devemos considerar que as manifestações energéticas subdivididas em faixas como num espectro se originam de uma mesma fonte, a qual Allan Kardec denomina, em “A Gênese”, de Fluido Cósmico Universal.

Pelas definições dos Espíritos Codificadores e de Allan Kardec pode-se notar que há um fluido especial que anima a matéria e que possibilita a instalação do que se chama vida orgânica. Trata-se do fluido vital. Ele possui essa característica especial que o torna precioso por possibilitar a manifestação do princípio espiritual em movimento de ascensão.

A palavra amor é empregada em diversos sentidos. A sua maioria está associada à idéia de doação ou de troca. Podemos entender o amor como um fluxo que parte do Criador e atinge as criaturas influenciando-as no mesmo sentido de doação ou de troca. O amor é a fonte inesgotável da Vida. Ele é a seiva do Criador que penetra os escaninhos da alma humana. As emanações dessa seiva divina formam as emoções e os pensamentos. Nossos pensamentos exalam nosso mundo interior e expressam nossas emoções. O amor é o poder criador do Espírito. Toda sua criatividade é expressão de seu amor interior

O Espírito foi criado por um ato de doação do Criador, sendo por isso capaz de amar, visto que nasce dessa lei da Natureza.

Pelo Espírito passa o amor de Deus que o impulsiona à Vida e às relações com a Natureza.

Podemos imaginar o Espírito como um cristal, o qual possui um retículo, uma configuração ou um determinado arranjo de seus átomos e que fosse criado com a capacidade de não só refletir a luz que recebe do Criador como também de decodificar os sinais percebidos da natureza.

As diferentes configurações do retículo do cristal estabelecem a singularidade de cada Espírito, como frequências que provocam distintas vibrações. Não há um Espírito igual a outro tendo em vista as distintas configurações criadas por Deus.

As estruturas reticulares (arranjo espacial) do *cristal* (Espírito) são receptáculos das leis de Deus, isto é, capazes de percebê-las. Conhecer-se é conhecer essas estruturas e, em última análise, é apreender as leis de Deus em si mesmo.

Atributos do Espírito

Certamente que os atributos do Espírito se confundem com a própria evolução do conhecimento humano e de seus feitos históricos. A Terra, enquanto campo de formas, revela, pela sua evolução atual, a capacidade do Espírito. Seus atributos, portanto são múltiplos e potencialmente ricos.

O Espírito é uma realidade indivisível. Tentarei, sem querer quebrar essa unidade, entender sua estrutura conceituando faculdades ou funções que possibilitam sua relação com o mundo, considerando este como algo (uma unidade) também dedutível.

Ao ser criado, o Espírito contém as habilidades para:

- Apreender as leis de Deus nas experiências a que será submetido;
- Inserir-se no espaço, portanto no tempo relativo, segundo um referencial material;
- Condensar matéria à sua volta; sem ele, ela se apresenta em outro estado;
- Tender para uma finalidade pré-determinada pelo Criador (traduzida como progresso, felicidade, etc.);
- Desenvolver habilidades novas a partir de suas potencialidades, autotransformando-se.

⁶ O Espírito confere à matéria a aparência, a forma e a funcionalidade de que necessita para sua evolução.

As características atribuídas ao Espírito no seu estágio humano decorrem das habilidades iniciais acrescidas das leis de Deus durante as experiências sucessivas de sua evolução. Características sexuais, emocionais, instintivas, etc., não são essenciais, mas adquiridas.

Sua indestrutibilidade é inerente à condição de criatura nascida da Vontade Divina. Sua característica autotransformadora lhe permite estar em constante evolução e em busca de uma auto-organização próxima de Deus.

O Espírito deve também ser concebido como um ente que contém capacidades de mobilizar o meio a sua volta. É um campo virtual e ao mesmo tempo real de possibilidades de realização. Ele possui capacidades de apreensão da realidade, isto é, de apreender as leis de Deus modificando sua estrutura íntima, não lhe sendo possível alterá-la com redução de suas potencialidades.

Para o Espírito o que é objetivo é aquilo que lhe chega. O mundo material, tanto quanto o espiritual fluídico, se constitui de subjetividades. A ele não chegam imagens, idéias, emoções, palavras ou sinais. Esses elementos são do domínio do *ego*, da consciência, do inconsciente e do perispírito. Ao Espírito chegam as leis de Deus. Para o Espírito, Deus é seu *alter-ego* maior.

O Espírito em si representa a manifestação de Deus e suas faculdades são janelas ou portais que se abrem à percepção d'Ele. Tudo em que ele coloca seu olhar sofre transformação, visto que a observação direta das coisas como elas são, apenas é acessível ao Criador.

Mediunidade

Do ponto de vista da Física, no Universo não existem interações ou eventos instantâneos, visto que a causalidade é lei. Porém é possível entender que os eventos internos, isto é, aqueles que nascem da vontade do Espírito, fogem dessa regra para obedecer ao princípio do livre-arbítrio.

Os fenômenos mediúnicos são decorrentes das propriedades do perispírito, afetam o organismo físico e são provocados pela ação dos espíritos. Não são ocorrências inusitadas nem raras, pois se dão a todo o momento e nas diversas condições ambientais.

Da mesma forma que a fala, a mediunidade não é mais do que um sistema de comunicação entre os espíritos. Não representa nada de excepcional a não ser para aqueles que não compreendem a natureza dos espíritos.

O espírito dela se utiliza, para possibilitar a comunicação com outros que estejam em vibração diferente da que se encontra.

Difere da telepatia visto que esta decorre do estabelecimento de sintonia entre veículos de comunicação. Devido às propriedades físicas do cérebro, tanto quanto do perispírito, e pelas propriedades do fluido do pensamento, se dá a telepatia, que nada mais é do que a justaposição de frequências de pensamentos numa mesma faixa vibracional. O fenômeno da telepatia independe da vontade consciente.

A interferência de pensamentos estranhos às idéias em curso na mente de alguém nem sempre decorre da telepatia, pois pode se tratar de influência espiritual.

A mediunidade é fenômeno natural e sua existência responde a questões consideradas insolúveis nos paradigmas mecanicistas acadêmicos.

A mediunidade como faculdade coletiva, inerente ao ser, pode e deve ser desenvolvida, pois representa aquisição evolutiva tê-la como meio de comunicação universal.

A utilização dessa faculdade deve ser feita em todas as circunstâncias da vida humana, visto que a consciência de sua utilidade favorece as percepções dos processos psíquicos. Quem utiliza adequadamente a mediunidade tem oportunidade de entender melhor sua própria *psiquê*.

A constante “conversa” que devemos ter com o inconsciente será de grande valia para detectarmos os processos mediúnicos que ocorrem em nossa mente. Quando nos dedicamos a evocar a simples formação de bons pensamentos em nossa mente, adotando idéias positivas, estaremos em verdade fomentando que os espíritos nos influenciem e favoreçam nosso entendimento. Esse “diálogo” constante representa o embrião da mediunidade natural.

Ao exercitarmos a inspiração ou ao compelirmos ou estimularmos a que venham conteúdos à consciência, necessários à compreensão, à fala ou à escrita, estaremos auxiliando sobremaneira o desenvolvimento da mediunidade.

Os desejos de entender uma situação, de prever a ocorrências de fatos futuros, de perceber as emoções dos outros, de construir idéias superiores, são atitudes que favorecem o desenvolvimento da mediunidade.

A mente voltada para o aspecto espiritual da vida permite uma melhor conexão com os espíritos para o exercício da mediunidade natural.

A mediunidade é aquisição do Espírito no processo de cons-

trução de seu perispírito, e isso se dá a partir dos primórdios da evolução e continuará até que alcance a condição de Espírito Puro.

A mediunidade exige a suspensão dos sentidos físicos? Necessariamente não, visto que o fenômeno nem sempre é do domínio da consciência e sua produção é do perispírito. O estado alterado de consciência não é requisito imprescindível à ocorrência do fenômeno, mas contribui para sua qualidade.

Os estados de transe, comuns nas manifestações mediúnicas, nem sempre refletem diretamente a essência do Espírito. Em sua maioria descortinam faixas psíquicas ou estruturas perispirituais, liberando conteúdos alicerçados nas várias encarnações.

A mediunidade possibilita a livre manifestação do espírito (do próprio médium ou de outro espírito). Suas aplicações se estendem ao senso comum do contato com o mundo espiritual, pois permitem a transcendência do humano ao divino.

Fora do capítulo da mediunidade há fenômenos sem causa conhecida, aparentemente fora da ordem natural, a exemplo daqueles que Jung denominou *sincronicidade*, os quais devem obedecer a alguma lei que, por enquanto, foge à nossa possibilidade de entendimento. São fenômenos aos quais não conseguimos anexar uma teoria que explique satisfatoriamente suas causas: a paralisação de um relógio no exato momento em que seu dono desencarna; o aparecimento inusitado, extemporâneo, inadequado ao lugar, de um objeto, planta ou animal, quando a ele nos referimos; ter consciência de que se está sonhando durante essa ocorrência; alternância onda/partícula na intimidade da luz; etc.

A busca de uma lei causal para tais fenômenos, que inclusive englobe outros explicáveis pela ciência, pode ser um equívoco, visto que a lei geral do Universo pode ser o fato de existirem várias leis.

Evolução do Espírito

O Espírito foi criado simples e ignorante, como consta na questão 115 de “O Livro dos Espíritos”. Sua evolução se dá através das experiências no contato com a matéria. Através delas o Espírito apreende o conhecimento das leis de Deus, capacitando-se a novos desafios em sua jornada rumo a perfeição, ou seja, à condição de Espírito Puro.

As aquisições do Espírito adjetivadas como *amor* e *sabedoria* encerram mais do que o conteúdo formal das palavras. O Espírito evolui reconfigurando-se, capacitando-se a melhor entender e viver no Universo. Sua evolução significa capacidade de lidar com o que Deus dispôs. Necessariamente não significa adquirir grande quantidade de informações.

Os primeiros estágios do Espírito, ainda como Princípio Espiritual, no contato com a matéria, lhe proporcionarão, através de sua contraparte, o perispírito, a aquisição de condições para apreensão das leis de Deus. A matéria, tal como concebida pela ciência e constante em nosso psiquismo, não é sólida como nos parece. Tampouco é constituída de minúsculos corpúsculos apenas visíveis microscopicamente. Ela se torna perceptível quando sobre ela aplicamos nossa observação. Isso quer dizer que ela se torna sólida ao ser observada. Ela assim nos parece por que a vemos e percebemos dessa forma, mas ela não é assim. Essa forma com que Deus dispôs o mundo permite ao Espírito evoluir

considerando-se ligado à matéria. É da comunhão dos dois princípios que surge a evolução.

Nos primórdios da evolução, ainda sob o domínio completo do automatismo, o Princípio Espiritual, pelo seu estado embrionário, provoca, no contato com aquilo que lhe constitui a matéria, a aquisição da sensação. Durante o tempo necessário à fixação em si mesmo das leis que lhe permitem aprender a manter o contato com o mundo externo, o Princípio Espiritual permanecerá ligado às sensações físico-químicas. Esse é o período do contato com as construções minerais, bem como com aquelas formas de características transitórias. O Princípio Espiritual está nessa fase se capacitando à manipulação dos fluidos, em particular daquele que será o fluido vital.

Da sensação ele passa à percepção. Esta será apreendida nos contatos discriminatórios com os vários tipos de sensações. A partir dessa perspectiva a matéria será percebida de formas variadas mesmo que ela seja uma única coisa em si. A seletividade da sensação, que o faz diferenciar e perceber vários tipos de matéria é fruto de seu próprio desenvolvimento interno. Essa percepção lhe permitirá futuramente estabelecer a diferença entre sua essência e a de outrem. É aí o momento em que a individualidade começa se estruturar. Na percepção o Princípio Espiritual desenvolve em si o sentido da alteridade e se percebe um ser no mundo. É o período em que estará estagiando no contato com formas vegetais.

Da percepção passa à compreensão e daí ao estabelecimento dos juízos. Nesse momento o Princípio Espiritual penetra nos domínios da valorização da vida e vive o período em que experimentará os medos, principalmente o da morte. É o estágio marcado pela vida animal. O prazer e o medo estarão presentes nesse período e farão com que o Princípio Espiritual apreenda a noção de livre-arbítrio.

No psiquismo forjado ao longo de sua evolução já é possível a captação de imagens, a formação de idéias, o estabeleci-

mento de valores, bem como as noções superiores da Vida.

O caminho evolutivo do Princípio Espiritual até sua ascensão à condição de Espírito passa por várias etapas na aquisição de complexas estruturas psíquicas e de determinados paradigmas das leis de Deus, dos quais os dois principais são: de um lado o domínio da razão na consciência; do outro, a capacidade de construir sentimentos.

Muitas vezes observamos a evolução das formas, bem como o desenvolvimento da sociedade que se torna cada vez mais complexa e dominadora em relação ao indivíduo, e pensamos que aí está a ascensão do ser humano. É preciso entender que o que está fora, embora reflexo do que está dentro, não implica em linearidade absoluta. Apenas reflete a evolução de grupos, mas não de cada indivíduo. A necessidade de se criar uma legislação humana além de proporcionar uma justiça comum e propor regras aceitáveis à convivência pacífica entre as pessoas, permite, através dela, a fixação e a compreensão das leis de Deus. Porém isso se dá de forma muito lenta e gradual.

A ascensão do Espírito à condição de Espírito Puro é o trabalho de Deus, Sua obra de arte e Sua ocupação mais bela e grandiosa. É uma construção primorosa que se opera no mais íntimo do ser humano. Tudo o que o ser humano vê, constrói e aspira, existe dentro dele e é produto do Artista Máximo: Deus.

A evolução pode ser apresentada sob um ponto de vista macro-econômico, religioso, psicológico, moral, sociológico, climático-ambiental, da cadeia alimentar, tecnológico, comercial, das disputas de grupos, dentre outros. Porém, é preciso entender que as análises que se têm feito, mesmo aquelas que levam em consideração a dimensão religiosa, esquecem o Espírito em sua essência. A evolução do Espírito se mede pela aquisição gradativa das leis de Deus, independentemente das construções externas.

A verdadeira evolução ou transformação do Espírito não é uma conversão, pois esta é um movimento brusco na direção oposta. Quando se aceita a própria natureza, com suas imperfei-

ções típicas do estágio em que se encontra, enquanto se dirige a um novo objetivo da caminhada, vive-se mais feliz e consciente de um futuro melhor.

O processo evolutivo que permitiu ao Espírito, através do perispírito, estagiar nas formas da natureza, nem sempre possibilitou sua ausência do contato com a matéria por muito tempo. Nos primórdios da evolução a passagem de uma forma a outra se dá automaticamente. O tempo de permanência do Espírito, fora do contato com a matéria densa, cresce na medida em que ele ascende na escala evolutiva. O período interexistencial nos animais é muito curto. Logo retornam a uma nova encarnação, visto que a consciência de si mesmos e os poucos referenciais externos não lhes acrescentam muito na evolução.

A reencarnação ou o contato do Espírito com o corpo animal possibilita a apreensão de capacidades excepcionais, porém não se pode afirmar em que estágio do caminho ele se encontra. É apenas um momento da evolução, não sendo início, nem meio, tampouco o fim. O que virá pela frente, nos milhões de anos adiante, continua sendo incógnito.

A evolução é também um contínuo aprendizado do Espírito na manipulação da matéria. Em todas as fases que atravessa terá que desenvolver habilidades para lidar com formas organizadas de matéria a seu serviço. Na fase hominal ele deve aprender a usar o corpo físico, dotado de um sistema central complexo, agora mais flexível e apropriado à apreensão das leis de Deus. No período mais primitivo, já na fase humana, ele não tinha consciência de si e perambulava meio perdido tentando ajustar e organizar o pensamento descontínuo que ressoava em seu cérebro.

O corpo físico é a máxima expressão possível que o Espírito pode mostrar de si mesmo no estágio evolutivo em que se encontra. Quanto mais evoluído, mais complexa será sua expressão na matéria. Essa complexidade quer significar também habilidades sensoriais e extra-sensoriais incomuns.

A expansão da consciência, colocada como objetivo da

evolução, é uma metáfora, visto que, ao que nos parece, o Espírito está em processo de integração ao Universo, internalizando suas leis a si mesmo. O Espírito se expande no conhecimento das leis de Deus enquanto a consciência se volta para focalizar o momento que vive. A tomada de consciência das leis é do domínio do Espírito, não chegando ao consciente da vida encarnada. Embora não permaneça na consciência, considerada como estrutura da *psiquê*, as leis de Deus ficam cada vez mais acessíveis. A expansão referida inicialmente é de acessibilidade.

Inteligência

Em O Livro dos Espíritos Allan Kardec, considerando o atributo máximo utilizado pelos Espíritos Codificadores para caracterizar a evolução, questiona sobre a inteligência. Pergunta ele:

Espírito é sinônimo de inteligência?

A pergunta (número 24 do referido livro) parece encerrar a idéia de que nada mais existe além da inteligência. Porém a resposta vem precisa.

“A inteligência é um atributo essencial do Espírito. Uma e outro, porém, se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa”.

Novamente nos parece que os responsáveis pela Codificação Espírita querem afirmar a pobreza de nossa compreensão e da linguagem que não consegue descrever a essência do Espírito.

Por muito tempo se considerou a inteligência como o atributo principal para designar o máximo da capacidade do ser humano em face do mundo e seus desafios. A palavra resumia tudo que se queria afirmar a respeito da capacidade de cada ser humano no que diz respeito às suas aptidões intelectuais. Mas, em

absoluto, ela não consegue resumir todas as qualidades nem a diversidade da natureza humana.

As capacidades intelectivas humanas não mais podem se resumir à palavra inteligência. Ela encerra apenas o domínio lógico-matemático e lingüístico-verbal da mente humana.

O Espírito, na riqueza de sua evolução e na complexidade de suas potencialidades, tem mais do que a inteligência, como muito bem colocaram os Espíritos na Codificação ao afirmarem que ela é apenas um dos atributos. Como a ciência da época não valorizava outras formas de manifestação das capacidades psíquicas do ser humano, confundia-se o Espírito com a inteligência.

Hoje, após estudos e novas formas de percepção e valorização das capacidades humanas, podemos afirmar que a inteligência em todas as suas manifestações é apenas um dos muitos atributos do Espírito.

O domínio das inteligências, pertencente ao Espírito, ainda se encontra de tal forma concebido como um caráter cerebral que não se avança na percepção da totalidade e da realidade psíquica da pessoa. A ciência teima em atribuir ao cérebro os potenciais que pertencem ao Espírito, que se utiliza daquilo que sua estrutura física possibilita manifestar.

A denominação de inteligência obedece a uma época em que faltavam termos para se definir as capacidades do Espírito. Talvez ainda faltem, porém é fundamental entender que a falta não se deve à linguagem, mas ao aprisionamento a paradigmas mecanicistas e estritamente vinculados a uma concepção materialista e utilitarista de enxergar o ser humano.

As inteligências definidas pela ciência como capacidades intelectivas, longe de serem meros campos de avaliação do saber, se aproximam, embora que de forma acanhada, das faculdades do espírito.

Poderíamos redefinir inteligência como uma aptidão do espírito, a qual resume grande número de funções independentes, tais como: imaginação, memória, atenção, conceituação e racio-

cínio, dentre outras. Ela resulta da aprendizagem através da formação de hábitos oriundos dos condicionamentos reflexos bem como da livre expressão do Espírito na utilização de seu livre-arbítrio. É uma função complexa de adaptação ao mundo onde a consciência se torna cada vez mais capaz de compreender, criticar e decidir sobre uma nova situação. Inteligência é a capacidade de ordenar, organizar e utilizar os pensamentos e emoções em proveito próprio. É a capacidade de reunir procedimentos adequados para fazer coisas. Uma inteligência é a capacidade de resolver problemas ou de criar situações que sejam valorizadas dentro de um ou mais cenários culturais.

Modernamente já se admite as múltiplas inteligências, porém devemos entender que se tratam de conceitos que servem para denominar algumas capacidades do Espírito.

Desviando a concepção de inteligência como algo ligado ao raciocínio a ao conhecimento intelectual, Ghandi dizia que *“os únicos demônios deste mundo são os que circulam em nossos corações. É aí que a batalha deve ser travada.”* Na mesma esteira de Ghandi, Antoine de Saint-Exupéry, em *O Pequeno Príncipe*, afirmava que *“É com o coração que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos.”* Um e outro procuram colocar que existe algo mais além do que a inteligência quer significar. Há capacidades emocionais que fogem do domínio daquilo que se conhece com o nome de inteligência.

O desvio do conceito clássico sobre o que é inteligência é percebido:

- no aumento da agressividade, sobretudo juvenil, nas classes sociais cujos membros permaneceram mais tempo na escola formal;
- nas mudanças paradigmáticas na sociedade que passou a valorizar profissões cuja habilidade advém diretamente do ser humano;
- e na crescente importância do aspecto emocional da vida humana.

Numa sociedade em que o aumento do índice de suicídios tem crescido, na qual se observa um grande volume de doenças psicossomáticas, onde há um crescente desenvolvimento de habilidades técnicas antes das humanas e onde a família passa por um complexo processo de reestruturação e as separações se tornam cada vez mais comuns, faz-se necessária a revisão do conceito do que é ser inteligente ou ter inteligência.

Estamos diante de uma “epidemia” cuja erradicação marcará época na humanidade. A doença se chama *alexitimia*, que significa ausência de palavras para descrever os próprios sentimentos. Essa epidemia se deve ao domínio da inteligência lógico-matemática e lingüístico-verbal.

Essa “epidemia” é responsável pela produção de sintomas para suprir essa deficiência. Ao lado disso floresce a indústria de substâncias químicas que, embora diminuam a dor e contribuam para a melhoria das doenças, mascaram as causas dos problemas humanos. Muitos problemas que poderiam ser resolvidos com enfrentamento direto, o que possibilitaria melhor aprendizado ao Espírito, são maquiados com substâncias protelatórias e aliciadoras da passividade.

O uso restritivo ao cognitivo, aplicado à palavra inteligência, nos fez acreditar que ela é o máximo da capacidade humana. Quando a uso estou me referindo às capacidades do Espírito, às quais também compreende a inteligência.

As inteligências, ou melhor, as capacidades intelectivas são independentes umas das outras, isto é, as competências e os talentos humanos são relativamente autônomos. Há interações produtivas entre elas. Quando usamos mais de uma faculdade ou talento, estaremos diante de outras competências.

A falsa matriz determinante do comportamento, que contém a carga genética e as primeiras experiências de vida, nos fez pensar que o ser humano poderia ser moldado por esses princípios, esquecendo-nos das experiências das vidas passadas. A matriz que interfere no comportamento contém: as experiências

pregressas, a educação da encarnação atual, as provas, as expiações, a visão de mundo e o livre-arbítrio do Espírito.

A maioria, ou quase todos nós, não foi treinada a desenvolver habilidades fora do eixo lingüístico-verbal e lógico-matemático. Por causa disso nos limitamos e desenvolvemos poucas habilidades. É como se tivéssemos uma usina atômica e a utilizássemos para acender as velas de uma árvore de natal permanecendo com as lâmpadas da casa apagadas o tempo todo.

As escolas, influenciadas por um modelo reduutivo e mecanicista, dirigem seus currículos para o aprendizado daquele eixo, avaliando o ser humano dentro de seus limites, influenciando toda a encarnação por conceitos estreitos e desestimulantes. Quando o aluno não apresenta rendimento naquele binômio é sumariamente avaliado como inapto, influenciando toda sua vida.

Não fomos estimulados a perceber capacidades outras que predominam em nosso mundo inconsciente; habilidades que jazem latentes à espera de estímulo adequado. Mesmo que ainda não manifestadas ou treinadas em vidas passadas, há capacidades a serem desenvolvidas para o progresso do Espírito.

Isso gerou um padrão de ser humano inteligente – respeitado e bem sucedido. Antigamente o bom filho tinha que ser bom em matemática e em português. Os pais ficam alegres quando seus filhos tiram boas notas nessas duas disciplinas e até mesmo nas outras, porém não reparam que essas notas não avaliam a personalidade deles.

Por causa desses conceitos surgiram os famosos testes de QI, felizmente de restrita aplicação no Brasil. Os testes de QI medem apenas algumas funções lógicas, especialmente a capacidade de fazer conexões racionais. Medem conhecimentos cristalizados. Não medem capacidades de assimilar e resolver novos problemas. Não medem a capacidade de lidar com as emoções e com situações onde se exige talentos integrados.

A ênfase é dada ao método papel e lápis. Infelizmente esse é o campo de avaliação do potencial humano. Deve haver mais

na inteligência do que perguntas certas e respostas certas. Como medir através do papel e do lápis, ou mesmo do computador, os domínios humanos? Certamente que temos que avançar no modelo de educação que temos.

Os testes de QI não são eficazes para medir a inteligência nem medem as aptidões do Espírito. Eles alcançam parcialmente apenas duas das inteligências:

- a) lingüística ou verbal, do domínio da palavra;
- b) lógico-matemática, do cálculo e da percepção algébrica.

Na educação formal infelizmente se cobram apenas essas duas. O fracasso na escola representa o não domínio de apenas uma ou duas inteligências.

Vivemos num cenário em contínuo movimento de mudanças, que por sua vez provocam alterações psíquicas significativas exigindo atitudes diferentes a cada momento. Percebemos cada vez mais que tudo está interligado. A globalização promovida pela revolução tecnológica implica em interferências culturais e de comportamentos. Novos paradigmas surgem, novos produtos, novos comportamentos, novos modos de relação entre as pessoas, que provocarão mudanças interiores significativas.

As avaliações cognitivas mudaram a cada século. No Século XVIII vigorava a Frenologia de Franz Joseph Gall, que se baseava no tamanho e formato da caixa cerebral; no Século XIX surgiram as pesquisas das regiões cerebrais de Pierre-Paul Broca, valorizando o órgão central como determinante do comportamento; no Século XX surgiram os testes de QI, de Alfred Binet, estreitando a avaliação a certas perguntas e respostas padronizadas. Provavelmente no Século XXI o critério será outro, ampliando as capacidades humanas, principalmente valorizando o desempenho emocional.

Os principais paradigmas cognitivos foram enviesados pela cultura que supervalorizou o domínio lógico-matemático e lingüístico-verbal. O “Conhece-te a ti mesmo” dos gregos, usado por Sócrates, coloca o **conhecer** como o objetivo máximo do

ser humano; o aforismo de Aristóteles “Todos os homens, por natureza, desejam o saber”, apresenta a supremacia do **saber**; o famoso manifesto de Descartes, “Penso, logo existo”, estabelece a evidência do **pensar** sobre tudo o mais. São esses os paradigmas considerados mais importantes pelo ser humano, porém a supremacia do intelecto e da razão enviesados está com os dias contados. Talvez o próximo paradigma a ser considerado seja o **sentir**, para que no futuro haja a integração de todos.

Estamos assistindo as mudanças de paradigmas no que diz respeito aos conceitos sobre o conhecer, o saber e o pensar. Estamos percebendo que há uma mente que pensa e uma que sente, ou pelos menos a mente é capaz de conhecer, saber, pensar, também se emocionar, dentre outras capacidades. O centro da consciência certamente está se deslocando do cérebro para o coração. Segundo os hindus a sede da consciência está na altura do *chakra* cardíaco.

Agora a fórmula para o sucesso pessoal é a combinação do pensamento racional agudo com o controle e o conhecimento emocional. Torna-se imprescindível para isso aprender a educar a ira, a ansiedade, a melancolia ou os ímpetos agressivos. As empresas modernas estão exigindo, além de um bom currículo, sentido de cooperação, entusiasmo para encontrar as saídas de um problema, calma e, principalmente, bom senso.

As empresas do terceiro milênio exigem um currículo pessoal onde constem habilidades de: redação, comunicação oral, capacidade de ouvir, bom negociador, capacidade de estabelecer estratégias e exercer influências, honestidade, energia criativa, confiabilidade, integridade, intuição apurada, imaginação, flexibilidade, compromisso, motivação, sensibilidade, empatia, bom humor, coragem para enfrentar desafios, consciência da responsabilidade e, sobretudo humildade. Mas, como aferir se os indivíduos, candidatos a ocupar cargos importantes, possuem esses requisitos?

Enquanto as empresas ainda não encontraram as fórmulas

adequadas para medir esses requisitos, é fundamental que busquemos aumentar o desempenho emocional próprio adaptado ao trabalho. Podemos iniciar com as seguintes ações:

1. Envolvimento criativo em um trabalho, um projeto ou um debate, participando ativamente na empresa nos momentos que surgirem oportunidades;
2. Fazer pausas estratégicas de 5 minutos a cada duas horas de trabalho;
3. Realizar atividades físicas regularmente; leves (andar logo após as refeições); moderadas (alongamentos após cada turno de trabalho); intensas (praticar um esporte por duas horas num dia da semana);
4. Refeições moderadas: comer de duas a três refeições por dia, em intervalos regulares;
5. Praticar o bom humor e a alegria espontânea, começando em casa, antes de sair ao trabalho, preferencialmente logo ao acordar;
6. Construir um bom ambiente de trabalho, com ótima iluminação, cores vivas e, se possível, música ambiente;
7. Buscar o sono profundo, evitando trabalhar no próprio quarto de dormir, acostumando-se a acordar à mesma hora;
8. Ter uma conversa diferente a cada dia com alguém.

A administração adequada das emoções pode influenciar decisivamente no sucesso da carreira profissional.

- nas tomadas de decisões;
- na atividade de liderança;
- no aproveitamento dos talentos pessoais;
- na capacidade criativa e inovadora;
- na iniciativa
- no desenvolvimento de uma comunicação aberta e honesta;

- na capacidade de exercer o descontentamento construtivo;
- na busca de relacionamentos confiantes;
- no trabalho em equipe;
- no gerenciamento das mudanças inevitáveis;
- nas inovações estratégicas;
- e na consolidação do compromisso, da lealdade e da responsabilidade.

Éramos convidados a lidar com situações simples, previsíveis, prognosticáveis. As oportunidades eram óbvias e em condições muitas vezes inalteráveis. Acreditávamos que o trabalho era apenas lidar com rotinas e tudo podia ser planejado e programado com antecedência.

Embora tudo isso ainda vigore e seja necessário que assim ocorra, as situações do mundo moderno são complexas e de difícil análise, imprevisíveis, não prognosticáveis. As oportunidades devem ser procuradas e as condições estão em constante transformação. O planejamento e a programação nem sempre podem ser feitos com antecedência e a rotina torna-se exceção.

O campo das emoções do ser humano torna-se o território a ser explorado pelos estudiosos e pelos psicólogos da linha organizacional. Quem se conhece e sabe lidar com as próprias emoções certamente sairá na frente na hora de ser escolhido para desempenhar determinadas funções no trabalho.

As emoções, ou melhor, “o *espírito* que nos move”, são poderosos elementos direcionadores e organizadores do pensamento. As emoções situam-se nas camadas profundas do psiquismo inconsciente e ativam determinantes sentimentos na consciência. Elas produzem energia à espera de movimento adequado. Governam a nossa vida inconsciente e consciente sem que nos demos conta.

O raciocínio lógico obedece a emoções. São emoções que geram atitudes. Inteligência e emoção não se opõem. As emoções são a base dos pensamentos. Para a elaboração destes concorrem: estímulos ambientais, estímulos orgânicos (conscientes e

inconscientes), estímulos psicológicos (conscientes e inconscientes), intuições e inspirações e a vontade do Espírito.

Segundo Jung o ser humano se dirige para a realidade através de funções que se transformam em atitudes psíquicas. Quando associadas aos comportamentos e de acordo com a direção da energia psíquica elas se transformam em tipos psicológicos. São quatro as funções psíquicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Elas são responsáveis pelos modos de apreensão da realidade. A função pensamento nos faz entender as coisas e os eventos de forma utilitária e causal. A função sentimento nos auxilia a atribuir juízos de valor. A função sensação nos possibilita apreender a realidade como ela é, com forte ligação sensorial. A função intuição nos permite estabelecer conexões espaciais e temporais aos eventos que se passam conosco. Independente dessa classificação, que por si só já nos bastaria, podemos captar a realidade de modos tão distintos quantas sejam as configurações da *psiquê* humana.

A nossa visão de mundo, isto é, as expectativas e configurações que atribuímos à realidade, são o principal direcionador da forma *como* e *do que* captamos dela. A realidade torna-se como a água que adota a forma do vaso que a contém.

Por esse motivo os sentimentos que se encontram em nosso mundo inconsciente são determinantes para o que captamos da realidade. Eles moldam o que assimilamos e enviamos nosso destino. Cultivar emoções nobres, saber viver aquelas que nos deprimem e senti-las com o Espírito voltado para o amor é fundamental ao nosso desenvolvimento psíquico.

Os sentimentos de amor, felicidade, medo, ódio, tristeza, saudade, repugnância, bem como o sentimento íntimo da existência de Deus, devem ser vividos pelo Espírito com o compromisso consciente de retirar deles o melhor. Não só os sentimentos como as emoções ligadas à ansiedade, à surpresa, à raiva, dentre outros, devem também ter o mesmo tratamento.

Certos sentimentos inibem ataques ao psiquismo daquele

que tem a satisfação de experimentá-los. O amor e a felicidade, dentre outros, favorece o desenvolvimento espiritual e prepara o Espírito para a aquisição dos parâmetros das leis de Deus. Fundamental é senti-los constantemente.

Porém, sentimentos como o medo e a ansiedade devem ser sentidos e deles se retirar proveito, utilizando-se a energia por eles gerada em favor do momento em que os experimentamos.

Durante os momentos em que sentimos as emoções devemos estabelecer a diferença entre as sensações físicas experimentadas pelo corpo e os sentimentos do Espírito, a fim de melhor aproveitarmos as energias por elas geradas.

As emoções não estão no cérebro embora as sensações físicas centralizadas no sistema nervoso central contribuam para que elas sejam percebidas de forma intensa ou não. Confundimos sensações físicas com emoções e não percebemos o quanto o sistema nervoso contribui para que isso se dê.

Quando o sistema nervoso ou seus elementos periféricos estão com defeito pensamos que o problema é do Espírito. Às vezes o problema é perispiritual e afeta o corpo, que, nem sempre, apresenta qualquer deficiência. Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, desenvolveu o conceito de Inteligências Múltiplas. Ele coloca que a lesão que causa distúrbio de leitura em uma cultura (digamos na Itália) não produz qualquer distúrbio numa cultura onde a leitura procede por um mecanismo diferente (digamos Japão). Diz que a forma cognitiva é a mesma para a linguagem, para a música, para o gesto, para a matemática ou para o desenho. No seu trabalho ele afirma que não existe apenas um número determinado de inteligências e que estas não são sistemas sensoriais nem devem ser pensadas em termos valorativos. As inteligências existem não como entidades fisicamente verificáveis, mas apenas como construtos científicos potencialmente úteis.

Ele considera que são “sinais” de uma inteligência:

1. Isolamento potencial por dano cerebral, isto é, a ausência das habilidades características por deficiência física congênita ou adquirida;
2. Existência de “idiotas sábios”, prodígios e outros tipos de excepcionais, isto é, a presença de sinais exacerbados de habilidades características;
3. Conjunto de operações, ou mecanismos de processamento de informações recebidas, identificáveis, isto é, a reunião de elementos distintos que configuram e encerram uma habilidade específica;
4. Uma história desenvolvimental distinta, isto é, a existência de um processo evolutivo observável na espécie, ao longo do tempo;
5. Apoio de tarefas experimentais distintas, isto é, a possibilidade de isolamento das habilidades a partir de comportamentos passíveis de repetição;
6. Apoio de achados psicométricos, isto é, possibilidade de medir aquelas habilidades através de escalas pré-definidas;
7. Suscetibilidade à codificação em um sistema simbólico, isto é, a possibilidade de universalização das habilidades observadas.

Pode-se perceber que o critério de aferição é puramente baseado nas funções cerebrais. As capacidades do Espírito não são consideradas. As habilidades que ocorrem em situações fora da rotina, não demonstráveis explicitamente, são desprezadas.

Analisarei a classificação de Gardner sobre as inteligências e, ousadamente, acrescentarei uma última.

Inteligência Lógico-Matemática.

É assim denominada a capacidade de raciocínio lógico e a compreensão de modelos matemáticos. A inteligência lógico-mate-

mática compreende também a habilidade de lidar com conceitos científicos. O desenvolvimento dessa habilidade decorre do pragmatismo e da necessidade de adaptação à realidade. O uso das sensações corporais fortalece o desenvolvimento das habilidades dessa inteligência. Ela se caracteriza também pelo uso predominante da *função pensamento*. A forte ligação do *ego* com o corpo favorece a expansão dessa inteligência, visto que, o desenvolvimento cognitivo acompanha o crescimento corporal. É uma inteligência fortemente validada na maioria das culturas de nosso planeta.

Essa habilidade permite ao Espírito desenvolver a capacidade de adaptação ao mundo e de moldá-lo segundo sua vontade. Com ela, ele apreende os elementos que o capacitam a assimilar a lei de Deus, a qual possibilita o estabelecimento da noção de causalidade. A busca e descoberta da própria natureza são favorecidas por essa inteligência. Ela foi mãe da ciência empirista e favoreceu um viés característico de uma época. O Espírito terá que dar saltos largos para apreender outras habilidades fora desse domínio.

Inteligência Lingüístico-Verbal

Apresenta-se como o domínio da expressão através da linguagem verbal. Facilidade de expressar-se pela palavra falada ou escrita em um ou mais idiomas. Favorece a comunicação e desenvolve a habilidade de autopercepção. Essa habilidade é responsável pelas formas de entendimento e compreensão do discurso e do curso do pensamento. Com ela, consegue-se ordenar e dar forma material ao pensamento. As pessoas que têm essa habilidade desenvolvida costumam ter sensibilidade à repercussão dos sons das palavras na própria mente. Têm facilidade na compreensão do que lêem, tanto quanto em falar e escrever o que pensam e sentem.

Essa inteligência permite ao Espírito a capacidade de desenvolver em si o sentido da percepção do outro e de diferenci-

ar-se dele. Desenvolve a habilidade em entender a si mesmo e de compreender seu semelhante.

Inteligência Musical

Essa inteligência se caracteriza pelo domínio da expressão com sons e com harmonia. Facilidade em entender a linguagem musical. É a habilidade de “falar” e “ouvir” através da sonoridade. A característica básica é a constância de sons e ritmos na consciência que parecem vir do inconsciente. Essa capacidade permite o desenvolvimento da memória tonal. A linguagem escrita ou verbal não influencia na composição musical. A melodia surge como uma onda que se assemelha ao pensamento. Por vezes ela, pelo seu poder de penetrar a intimidade do Espírito, consegue inibir temporariamente outras inteligências, sobretudo a lógico-matemática. A linguagem musical é uma espécie de meta-linguagem que vai além dos limites cerebrais.

O desenvolvimento dessa inteligência permite ao Espírito a apreensão da musicalidade que impregna todo o Universo e a percepção da melodia da Vida, isto é, do *ritmo* de Deus. Faculta possibilidades de comunicação além dos limites materiais, transcendendo corpo e perispírito. É a linguagem da alma elevada.

Inteligência Corporal-Cinestésica

Essa inteligência permite o domínio do movimento do corpo e do funcionamento orgânico. Permite a coordenação motora do corpo com objetividade, ampliando a capacidade de utilizá-lo como instrumento de comunicação.

O uso do corpo e a integridade dele representam aquisições importantes, sendo a consciência de seu valor um instrumento de crescimento e desenvolvimento pessoal uma característica dessa habilidade. Essa inteligência não se limita ao domínio do movimento corporal, mas também à habilidade com o perispírito.

O aprendizado que permite a inteligência corporal-cinestésica dá ao Espírito a consciência da instrumentalidade. Com ela, ele desenvolve o poder de manipular os implementos necessários à sua evolução.

Inteligência Espacial

É essa inteligência que nos permite o sentido de movimento, de localização e de direção. Com ela temos a percepção do espaço e tempo em que nos incluímos. Auxilia-nos na percepção de formas geométricas no espaço. Ela é que nos torna capaz de recriar aspectos da experiência visual, mesmo na ausência de estímulos físicos relevantes.

Sua influência nos leva a “sair” do casulo do corpo e, de fora, perceber o espaço a nossa volta. Ela é responsável pelo referencial físico espacial que adotamos. O desenvolvimento dela tornou-se possível a partir da capacidade imaginativa humana e de sua percepção de futuro. No Espírito, ela provoca a percepção das leis que se referem à existência do Universo e sua infinitude. Com a inteligência espacial os limites do Espírito vão cada vez mais se expandindo, ampliando sua compreensão do infinito.

Inteligência Intrapessoal

Essa inteligência ou habilidade representa a capacidade de autocompreensão, automotivação e conhecimento de si mesmo. É uma aquisição pertencente ao surgimento da sociedade humana organizada. É a habilidade de administrar as emoções a seu favor, com um propósito definido. O desenvolvimento desse talento permite a facilidade de mobilizar a energia psíquica pessoal no equilíbrio das emoções. Com ela adquirimos o discernimento de distinguir prazer de dor, não nos permitindo viver sob o domínio de ambos.

Essa é a inteligência que mais aprendizagem permite ao

Espírito. Com ela é possível adiantar-se no processo evolutivo espiritual de forma mais intensa. As habilidades espirituais superiores são facultadas em maior escala quando o indivíduo entra na posse dessa inteligência. É a utilização da energia psíquica pessoal a favor dos processos internos e do crescimento íntimo.

Inteligência Interpessoal

É o domínio da capacidade de se relacionar com o outro, entender reações e criar empatia. É a capacidade de administrar convivência em grupos. Compreende também a inteligência naturalista, que é a facilidade de apreender os processos da natureza. A habilidade dessa inteligência está no alto grau de sociabilidade e de relacionar-se indistintamente.

O Espírito, na experiência da inteligência interpessoal, permite-se aprender a convivência com seu semelhante e a interiorizar a grandeza de Deus na obra da criação do próprio ser. Ela permite ao Espírito o uso da energia psíquica pessoal na exteriorização de si mesmo em favor do externo, isto é, em benefício do meio que o cerca.

A união dessas duas habilidades, a inteligência intrapessoal com a inteligência interpessoal, forma o que se conhece com o nome de **Inteligência Emocional**, a qual analisaremos adiante.

Inteligência Intuitiva

Capacidade de questionar e obter respostas inusitadas e criativas, utilizando a intuição e a atenção, buscando captar novas formas de percepção dos problemas e da vida. A intuição não é algo contrário à razão, mas algo fora de seu domínio. Na intuição estão envolvidos os seguintes fatores: capacidade de lidar com as emoções e sentimentos, visão holográfica, atenção concentrada, consciência da distinção entre o *si mesmo* e o corpo físico, valo-

rização do subjetivo, espiritualidade na vida, memória fotográfica e inspiração aguçada.

O desenvolvimento dessa inteligência pode ser feito sempre que:

1. Buscarmos momentos de silêncio exterior e interior simultaneamente;
2. Desenvolvermos o surgimento de momentos de inspiração (“insights”);
3. Valorizarmos os símbolos captados do inconsciente, inclusive através dos sonhos;
4. Evitarmos a mente julgadora;
5. Tirarmos proveito da energia do medo e da raiva;
6. Questionarmos nossas dúvidas de forma clara;
7. Usarmos a empatia no contato com o outro;
8. Tivermos conexões emocionais claras, isto é, não tomarmos decisões secretamente, não reagirmos a sugestões, não enviarmos mensagens confusas e não nos comunicarmos indiretamente.

Inteligência Emocional

Essas são as inteligências ou habilidades do Espírito com ou sem os corpos de que se utiliza para lidar com o mundo. É claro que não são as únicas do Espírito, mas são as que conseguimos perceber.

Deter-me-ei na Inteligência Emocional, não só pela sua importância como também pela necessidade de melhor aprendermos sobre ela com o intuito de integrá-la ao Espírito.

Enquanto a Inteligência Interpessoal nos remete para fora, isto é, nos ensina a lidar com o outro, a Intrapessoal nos leva para dentro de nós mesmos, educando-nos ao convívio com nosso mundo íntimo. A primeira é progressiva, leva-nos a extroversão e a segunda é regressiva, induz-nos a introversão, no que diz res-

peito ao movimento da energia psíquica pessoal. Uma leva ao oposto fora de nós e a outra ao *si mesmo*, dentro de nós. A primeira desenvolve o sentido masculino, a outra o feminino. São como o Yang e o Yin, faces de uma mesma realidade. Na exacerbação, a primeira leva à euforia e a segunda, à depressão. No equilíbrio desenvolve-se a empatia e a auto-estima.

A **Inteligência Emocional** é a capacidade de reconhecer sentimentos, e aplicá-los eficazmente como uma energia em favor da sobrevivência, adaptação e crescimento pessoal. É a capacidade de sentir, entender e aplicar eficazmente o poder e a perspicácia das emoções como uma fonte de energia, informação, conexão e influência humanas.

Mahatma Gandhi dizia, demonstrando ter integrado seus defeitos e chegado ao equilíbrio e a harmonia espiritual desejável a qualquer ser humano: *“Sou um homem mediano com uma capacidade menos que mediana. Admito que não sou intelectualmente brilhante. Mas não me importo. Existe um limite para o desenvolvimento do intelecto, mas nenhum para o coração.”*

O desenvolvimento da inteligência emocional se dá com o aparecimento da EMPATIA, que é a capacidade de se identificar com o outro, sentindo o que ele sente. Pressupõe: compreensão, tolerância e paciência.

A inteligência emocional compreende:

1. Autoconhecimento
2. Administração de humores
3. Automotivação
4. Educação do impulso
5. Sociabilidade

Autoconhecimento

Inicialmente remeto o leitor ao livro “Psicologia e

Espiritualidade”, de minha autoria, que aborda essa temática do ponto de vista psicológico. Aqui o farei dentro dos limites da abordagem diretamente relacionada à aquisição da Inteligência Emocional.

O autoconhecimento visando o desenvolvimento da Inteligência Emocional é a capacidade de reconhecer uma emoção quando ela ocorre, educando-a para melhor governar a própria Vida. É preciso para tanto reconhecer na emoção uma oportunidade de intimidade ou aprendizado e transmissão de experiência. Essa espécie de autoconhecimento inclui a capacidade de tomar consciência das emoções viscerais, isto é, daquelas instintivas, portanto, inconscientes. Abrange a compreensão e a capacidade de lidar com pensamentos perturbadores sendo capaz de regular os próprios estados emocionais. No processo de autoconsciência é importante o reconhecimento dos próprios sentimentos, o que é fundamental em momentos de decisão. Para desenvolver essa autoconsciência é preciso:

1. Estabelecer objetivos;
2. Diminuir os objetivos vagos tornando-os específicos;
3. Trabalhar sempre por etapas;
4. Aprender a sentir;
5. Ter consciência de seus limites e pontos fracos;
6. Ter coragem de perdoar a si mesmo e aos outros.

Administração de Humores

A palavra humor aqui é empregada no sentido do *estado de espírito*, com o qual nos colocamos diante do mundo externo. O mau humor atrapalha nossa disposição para viver e dificulta o crescimento espiritual. Para o desenvolvimento da Inteligência Emocional é fundamental estimular uma personalidade agradável. Reenquadrar situações na busca de uma nova forma de ver e perceber a realidade que nos incomoda. Tentar descobrir o que

em nós foi incomodado e que perturbou nosso mundo interior. Reinterpretar conscientemente as situações de forma positiva é um dos modos mais eficazes de abrandar a raiva.

Diante de problemas que nos pareçam insolúveis é oportuno dar um longo passeio a pé, refletindo sobre os motivos pelos quais a Vida nos colocou naquela situação. Fazer exercícios respiratórios buscando renovar o ar das camadas mais profundas dos pulmões. Aprender a meditar e rezar, fazendo da oração um hábito, atraindo as boas influências espirituais.

Educar o próprio humor significa autocontrole e facilidade de concentração na solução de problemas e nos embates naturais da Vida.

Procurar não atribuir as próprias deficiências aos outros ou a fatores irreversíveis. Pensar no fracasso como uma deficiência de estratégia e não como defeito pessoal de caráter. Compreender que toda mudança decorre a partir de quando entramos em contato com o que nos opõe, sobretudo quando nos dispomos a transformar o antagonismo em energia criativa.

Automotivação

A automotivação é outro requisito para o desenvolvimento da Inteligência Emocional. É preciso reunir sentimentos de entusiasmo, garra e confiança para conquistar objetivos que se deseje. O otimismo faz bem à saúde; estimula o sistema imunológico. Quando conseguimos identificar os pensamentos negativos e derrotistas assim que eles ocorrem, podemos reenquadrar as situações em termos menos catastróficos. Estabelecer limites ao mesmo tempo em que exploramos as estratégias para a solução dos problemas, mantendo o otimismo diante das derrotas e sendo persistentes nos objetivos, é garantia para iniciarmos a conquista da Inteligência Emocional.

Dentro da automotivação é preciso imaginar o sucesso sem expectativas, ensaiando as possibilidades de vitória. Considerar

o próprio mérito, comemorando os feitos e valorizando sua atuação.

Educação do Impulso

A essência do autocontrole emocional é a capacidade de educar ou adiar o impulso a serviço de um objetivo. É ter a capacidade de adiar gratificações e recompensas. Quem consegue torna-se mais sociável, mais opinativo e capaz de enfrentar as frustrações da vida. Os outros, isto é, os impulsivos, têm mais tendência à teimosia, à indecisão e ao estresse.

Quando quiser educar os impulsos deve lembrar-se dos objetivos de longo prazo. É a receita para adiar recompensas imediatas indesejáveis. Sempre que possível deve-se fugir da rigidez do certo e do errado, libertando-se do recalque e da culpa. Esta dualidade que nos obriga a escolhas nos tem levado a polarizações, seguindo os ditames coletivos e que geralmente vão de encontro à nossa realização essencial. Elas, as escolhas do ‘certo’, eliminando o ‘errado’, nos afastam do verdadeiro processo de aquisição da felicidade.

Sociabilidade

É fundamental estabelecer relações com as pessoas, buscando uma convivência saudável e transparente. Nas relações com as pessoas transmitimos e captamos o *estado de espírito* dos outros de forma sutil. Tendo grande número de contatos pessoais, construímos uma rede de contatos sólida. Para ampliarmos nossas relações é preciso que aprendamos a ouvir com empatia, legitimando os sentimentos das pessoas. Na medida do possível ajudando-as a encontrar as palavras para identificar e verbalizar a emoção que estão sentindo. Num nível mais amplo é preciso envolver-nos em projetos sociais, formando redes de ajuda comunitária sem finalidade lucrativa financeira.

É preciso agir com empatia o que traz uma compreensão melhor a respeito dos sentimentos dos outros, pois ela é a base da liderança competente; lidar com pessoas exige: capacidade de ouvir, vontade de ver as coisas pela ótica do outro e generosidade. Para melhor nos sociabilizarmos devemos aprender a dar valor aos sentimentos que estão por trás dos comportamentos, possibilitando uma maior facilidade de fazer amigos. É preciso desenvolver a cordialidade e a capacidade de se comunicar profundamente, aprendendo a tratar bem, sobretudo às pessoas simples.

Os parâmetros que norteavam as avaliações cognitivas ultrapassadas, sem considerar o equilíbrio emocional, valorizavam as pessoas ambiciosas, produtivas, previsíveis, pouco a vontade com a sexualidade e emocionalmente frias. Os novos parâmetros estão valorizando as pessoas socialmente equilibradas, comunicativas, harmonizadas, com visão ética, responsáveis, solidárias e atenciosas.

Para desenvolver essa personalidade precisamos aprender a usar mais determinadas formas de conversação, tais como:

1. Diante da dificuldade em compreender alguém
– *Por favor, ajude-me a entender. Fale mais sobre...*
2. Quando quiser uma opinião sobre algo controvertido
– *Quais são suas idéias e sentimentos em relação a...?*
3. Quando a opinião do outro deve ser levada em consideração para uma tomada de decisão
– *O que é importante para você no que se refere a...?*
4. Quando quiser valorizar a opinião do outro
– *Como você lidaria com...?*

Não basta, é claro, aprender a usar algumas frases, nem as mudanças devem ser externas, porém quando aprendemos a nos relacionar com as pessoas, damos grandes passos para a conquista do pensar e sentir visando o equilíbrio emocional.

Muitas vezes aquilo a que chamamos senso de justiça é

uma forma de encobrir a incapacidade de estabelecer conexões emocionais. Exageramos quando aplicamos aos outros, mas costumamos ser condescendente conosco e com aqueles por quem nos sentimos atraídos.

Inteligência Emocional na Educação

Esse é o maior campo de aplicação dos princípios da Inteligência Emocional, visto que é onde aprendemos a cultura e os valores da sociedade na qual estamos integrados.

A educação, em geral, baseia-se em passar conhecimentos e em fazer com que o próprio aluno construa seu saber. A *maiêutica* socrática parece ser revivida no que se chama educação construtivista. Porém, como preparar o aluno para descobrir seu próprio saber? É necessário um método que antecipe a aprendizagem e que vise prepará-lo a enfrentar suas próprias deficiências e a conhecer seu mundo emocional. É preciso preparar o aluno para aprender e isso deve começar no lar e ter sua continuidade na pré-escola.

Além de preparar o aluno é preciso também, numa seqüência de estruturação de condições, dar-se atenção ao professor. Ele precisa adequar-se à exigência da preparação emocional, isto é, aprender a educar e regular os próprios estados emocionais.

Para o professor também cabem os mesmos requisitos que se espera das pessoas que desejam desenvolver a Inteligência Emocional. Além disso, o professor deve buscar:

1. Compreensão melhor a respeito dos sentimentos dos outros, percebendo as emoções das crianças;
2. Facilidade de fazer amigos, reconhecendo na emoção uma oportunidade de intimidade ou aprendizado e transmissão de experiência;
3. Aprender a adiar gratificações;
4. Saber lidar com os altos e baixos da vida, considerando que a criança também vive essa realidade, impondo

limites ao mesmo tempo em que explora estratégias para a solução dos problemas que ela porventura atravessa;

5. A empatia como base da educação competente, considerando que ouvir acolhendo legitima os sentimentos da criança;
6. Entender que educar é também mexer com a emoção, ajudando a criança a encontrar as palavras para identificar e verbalizar aquela que ela está sentindo;
7. Perceber que as interações emocionais entre os membros de um grupo passam a ser a base da transmissão de valores e da formação de pessoas equilibradas.

Além de preparar o professor para transmitir os princípios da Inteligência Emocional e para agir de acordo com eles, resta educar os pais como co-participantes dessa magna tarefa.

Lidar com crianças exige, sobretudo, empatia, capacidade de ouvir e vontade de ver as coisas pela ótica dela, além de uma boa dose de generosidade.

Encontramos pais que, de forma simplista, não dão importância, ignoram ou banalizam as emoções negativas ou positivas da criança. Há aqueles que, de forma crítica, desaprovam as manifestações emocionais dos filhos, principalmente as demonstrações dos sentimentos negativos. Há outros que, embora aceitem as demonstrações emocionais dos filhos, não orientam nem estabelecem empatia educativa. É preciso citar os autoritários que impõem limites e exigem obediência irrestrita sem qualquer possibilidade de que seus filhos exteriorizem suas manifestações emocionais.

De alguma maneira devemos aprender, nós pais, que temos o dever de impor limites aos nossos filhos, porém também de sermos flexíveis, compreendê-los em suas dificuldades, dando-lhes boa dose de carinho e atenção amorosa. Inclusive é importante que os pais expressem suas emoções para que seus filhos aprendam a viver as deles, isto é, não ter vergonha de ser gente perante eles.

A violência é característica da sociedade enferma e, por esse motivo, precisamos preparar nossos filhos para essa doença sem lhes inculcar o desejo de responder também com a mesma moeda. A preparação emocional é fundamental para que não nos armemos nem nos tornemos estranhos uns aos outros. Por outro lado, cada vez mais os jovens estão antecipando a atividade sexual sem a maturidade necessária para exercê-la e para fazer as escolhas adequadas à sua evolução espiritual. É aí também que a preparação emocional contribui na definição dos valores que vão nortear as escolhas adequadas. Os vícios ligados a drogas, em particular à maconha e ao álcool, proliferam sem que se tenha controle da situação. Muitas vezes, isso decorre da falta de preparação emocional no lar, no qual se deveria buscar o entendimento, a fraternidade, a compreensão emocional. Há conflitos naturais no lar e, via de regra, eles começam na adolescência, debaixo dos olhares, quando ocorrem, de seus pais.

Para iniciar o processo de preparação e para melhor lidar com nossos filhos devemos, quando com cada um deles interagir:

1. Olhar sempre nos olhos quando lhes falarmos;
2. Conversar muito com eles sobre vários assuntos;
3. Reservar espaço no tempo deles para a música;
4. Estimular a pessoa criativa que mora dentro deles;
5. Aplaudir e estimular seus acertos.

A educação das emoções não exclui a disciplina. Quanto mais envolvidos com os filhos, mais se participa da vida deles. Quanto mais envolvidos na vida deles, mais influência se tem sobre eles.

Outro ambiente onde necessitamos desenvolver habilidades emocionais é o do trabalho profissional. Ali ocorrem conflitos cuja solução se tornaria bem simples se tivéssemos um pouco mais de Inteligência Emocional.

Quando nossas crenças e valores entram em choque com os

de pessoas com as quais lidamos diretamente ou mesmo com os da empresa, quando não encontramos motivação para a execução de tarefas as quais somos obrigados a executar, quando nos sentimos diminuídos e inferiorizados perante situações onde o poder está em jogo; e, quando nosso trabalho interfere na saúde física e psicológica sobrevivendo mal estar e estresse, é fundamental buscarmos o necessário preparo emocional para enfrentar esses desafios.

As fontes de conflito no trabalho não se resumem às apresentadas no parágrafo anterior, pois há aquelas que dizem respeito à própria organização da empresa, envolvendo mudanças estruturais, alteração de metas e objetivos empresariais, bem como limitação de recursos financeiros. Essas situações interferem direta ou indiretamente na vida da pessoa exigindo respostas emocionais à altura.

Para melhorar nossa Inteligência Emocional e despertar o potencial criativo interior que a fortalece, devemos:

1. Não nos aborrecer com coisas pequenas;
2. Cultivar o otimismo e o entusiasmo, que significa ter Deus dentro de si;
3. Cultivar a persistência objetiva;
4. Desenvolver a própria singularidade, um estilo pessoal e a simplicidade no viver;
5. Sempre reconhecer os próprios erros;
6. Saber ouvir e escutar o outro;
7. Aprender a fazer distinção entre os atos e a pessoa que os pratica;
8. Olhar nos olhos da pessoa com quem falar;
9. Acreditar naquilo que dizemos;
10. Dar *feedback* emocional;
11. Reconhecer e sentir a emoção, sem negá-la ou minimizá-la;
12. Cultivar a amorosidade, a humanização e a compaixão.

Na busca em direção ao aprendizado da Inteligência Emocional devemos acreditar no sucesso pessoal e na Vida, independentemente da saúde física, considerando que qualquer derrota é aprendizado importante, tanto quanto a vitória. Persistir em buscar alternativas diferentes para os problemas aparentemente insolúveis, sem se atribuir incompetência. Manter as expectativas, considerando-as e ampliando-as também para resultados negativos, pois fazem parte de qualquer caminhada.

Além dos objetivos imediatos e mais próximos, devemos desenvolver internamente a crença num objetivo global para a Vida como um presente de Deus. Considerar importante planejar, organizar e responsabilizar-se por tudo que ocorre na própria vida. Aprender a guiar-se pela razão e pelos sentimentos, buscando alternativas que conciliem essas possibilidades. Estimular em si mesmo, no próprio caráter, os aspectos mais puros e nobres que possui. Amar a simplicidade, as pessoas, a si mesmo e a Vida. Considerar-se cria do Universo, acreditando em si mesmo e não desenvolvendo obstáculos ao próprio crescimento espiritual.

Fundamental é desenvolver a auto-estima. Para tanto não é preciso nada de excepcional na personalidade. É suficiente considerar-se filho de Deus e, portanto, detentor de habilidades mínimas para o desempenho adequado na arte de viver. Cultivar a segurança física, valorizando adequadamente o corpo, não se sentindo intimidado ou com medo da Vida. Ter sua crença pessoal sobre a própria origem divina, sentindo-se pertencente a um grupo, consciente de ter senso de capacidade e competência e, acima de tudo, tendo o sentimento de que a própria vida tem significado e uma direção definida.

Buscar não se perturbar com pequenas derrotas, consciente de que melhorará o próprio desempenho na próxima vez. Não permitir que a própria ansiedade atrapalhe o preparo para enfrentar novas provas. Cultivar a simpatia e o encanto pessoal, administrando a vaidade natural. Aprender a nominar instantaneamente as próprias emoções.

Aferir o estágio em que se encontra a própria Inteligência Emocional, analisando os seguintes itens:

CONFIANÇA = Senso de controle e de domínio sobre a maneira de encarar suas probabilidades de vencer ou fracassar nos projetos que põe em prática;

CURIOSIDADE = Como se colocar diante da vontade de descobrir coisas. Sentir verdadeiramente prazer em descobrir coisas novas;

AUTOCONTROLE = Capacidade de controlar suas emoções dentro de limites. Tempo mínimo em que “guarda” raiva, medo, tristeza, frustração;

INTENCIONALIDADE = Você agride a pessoa que o aborrece ou responde ao gesto que lhe desagradou? Você intenciona agredir ou apenas responde às agressões?

RELACIONAMENTO = Capacidade de entrosar-se com outras pessoas. Compreender e ser compreendido. Verificar se cumprimenta as pessoas com respeito emocional.

COMUNICAÇÃO = Ser claro nas idéias que passa. Percepção dos sentimentos que desperta nas outras pessoas

COOPERATIVIDADE = Ser prestativo sem bajulação. Equilibrar necessidades suas com as do grupo.

EMPATIA = Colocar-se no lugar do outro. Sentir-se como o outro. Solidariedade. Simpatia;

RECONHECER AS EMOÇÕES DO OUTRO = Ouvir o outro com interesse e consideração;

LEGITIMAR OS SENTIMENTOS DO OUTRO = Não negar ou minimizar o sentimento do outro;

CAPACIDADE DE CRÍTICA = Criticar o gesto e não a pessoa. Distinguir a atitude separadamente da pessoa que a toma;

ENCORAJAR SOLUÇÕES = Não ter respostas prontas.

As emoções são reconfigurações do Espírito. O uso da inteligência não deve se limitar a conhecer os objetos ou mesmo servir para lhes caracterizar com nomes ou utilidades. Ela repre-

senta aquisição superior do Espírito e deve ser colocada a serviço do amor, sem o qual se torna ferramenta inútil e perigosa.

A Inteligência Emocional, ou a capacidade de administrar afetos, emoções e sentimentos, é o fator mais importante da evolução do Espírito em seu atual estágio no planeta. Essa aquisição possibilitará a percepção de leis transcendentais que o capacitarão a alcançar limites fora do sistema solar.

Há um cumprimento Hindu que resume o *estado de espírito* que identifica o equilíbrio emocional. As pessoas quando se cumprimentam sentem algo descrito da seguinte maneira:

“Eu reverencio a grandeza que há em você. Eu reverencio o lugar em seu coração onde moram sua coragem, honra, amor, esperança e sonhos. Eu reverencio o lugar em você onde, se você estivesse nesse lugar em você e eu estivesse nesse lugar em mim, haveria somente um de nós.”

Razão

Essa faculdade, advinda desde o Pleistoceno, corresponde ao momento em que o ser humano, espírito imortal, adentra um corpo onde a estrutura cerebral e, principalmente, cortical lhe permitiu, dentre outras possibilidades, a elaboração de imagens com alto padrão de definição. As experiências vividas nos corpos animais, bem como nas espécies macacóides e sub-hominais, lhe creditaram implementos psíquicos capazes de, habitando um corpo humano, ter consciência de sua individualidade.

Porém não é o cérebro humano que lhe daria a razão, mas sua constituição perispiritual, já estruturada nas referidas experiências. O perispírito altamente organizado lhe permite a capacidade de forjar o corpo humano tal qual ele hoje existe.

O Princípio Espiritual ainda estagiando no corpo físico do animal superior, o mamífero, ainda não possui implementos psíquicos suficientes para acoplar-se ao corpo humano. Seu perispírito ainda não possui as características psíquicas capazes de impulsionar a formação da camada cortical do sistema nervoso como ela se constitui no corpo humano. O princípio vital, diferenciação do Fluido Universal, moldável pelo psiquismo espiritual, só dá origem àquela camada quando o Espírito possui determinados elementos das leis de Deus. Elementos esses que surgem nas experiências solitárias do Espírito e na complexidade das organizações sociais. A razão vai surgir dessas experiências coletivas. Ela

é forjada nas vivências das comunidades humanóides que existiram há mais de um milhão de anos.

Hoje não é mais possível ao Princípio Espiritual que habita os corpos animais dos mamíferos próximos ao ser humano adquirir, no planeta, a razão. As condições sociais que propiciaram a geração dos elementos das leis de Deus são possíveis em outros planetas. A aquisição deles é impraticável aqui, pois as condições climáticas e sociais não lhes permitem.

O animal, isto é, o Princípio Espiritual que nele habita, não é dotado de razão, visto que ainda não conseguiu viver as experiências que o capacitariam à transformação psíquica. No reino animal superior existiram experiências vivenciais exaustivamente repetidas que possibilitaram o surgimento da razão. São elas que, impregnadas no perispírito, deram surgimento à razão no Espírito. Eis algumas delas:

1. As lutas pela supremacia nos grupos animais;
2. A defesa de territórios;
3. Os cuidados com a manutenção alimentícia de seus dependentes;
4. A previsibilidade de alguns fenômenos da natureza;
5. A aquisição de uma linguagem mais compreensiva em seu grupo;
6. As manifestações afetivas embrionárias nas trocas sexuais;
7. As perdas diante da morte;
8. As manifestações de emoções instintivas diante de doenças;
9. A repetição de tendências comportamentais recompensadoras pelo grupo;
10. As experiências perceptivas do tempo;
11. As vivências que alicerçam as dimensões espaciais.

Portanto, do macaco para o ser humano há uma distância a ser perseguida pelo Princípio Espiritual que habita no primeiro. Provavelmente não houve esse marco definido, no qual se pode

afirmar o início da razão, mas seguramente, ela não existe no primeiro e está presente no segundo. O ser humano foi se descobrindo como tal e distanciando-se cada vez mais do reino animal, na fase humanóide. A aquisição de capacidades que lhe deram tal condição se alicerçou ao longo de milhares de anos e só foi possível através de reencarnações sucessivas.

A razão no Espírito é resultante da aquisição de importantes elementos constituintes das leis de Deus. Só após ter adquirido certas faculdades é que o Princípio Espiritual alcança a condição de Espírito.

A razão permite ao Espírito ingressar no ciclo da percepção de si mesmo como individualidade e na possibilidade de considerar a existência de Deus como causa da própria. O apogeu desse ciclo foi iniciado desde o Século XVI com o surgimento do Racionalismo. Nós ainda estamos sob o domínio dele, pois, a maioria de nós não viveu suficientes experiências para alcançar uma nova fase. Esse ciclo só irá se concluir na medida que o Espírito adquira outras faculdades que o capacitarão a perceber sua essência e atingir o sentimento pleno da existência de Deus em si mesmo.

Podemos afirmar que o Espiritismo é a base em que se assenta o novo ciclo, pois incorpora os princípios do racionalismo e apresenta os paradigmas espirituais que farão o Espírito incorporar novas faculdades a si mesmo.

É a razão que permite ao Espírito estabelecer a diferença entre a própria existência e a Natureza a sua volta. Com ela ele se vê separado do mundo, sentindo-se distinto dele.

Pode-se dizer que a consciência de si mesmo irá dar os primeiros passos para poder fixar no Espírito as noções superiores do amor.

A razão não transformou o ser humano em superior ou mesmo completou seu ciclo evolutivo. Apenas lhe forneceu mais uma ferramenta para a compreensão do Universo. Ela é apenas mais um degrau evolutivo. Com ela, ele deve buscar novos instru-

mentos que lhe permitam avançar no rumo da felicidade.

Quanto mais nos quedamos diante da razão, deixando de lado o rico material oriundo das emoções, mais nos distanciamos da verdadeira Vida.

Emoção e Sentimento

Assim como a razão é decorrente de experiências sucessivas na evolução do Espírito, a educação das emoções surge como resultante das vivências emocionais no campo do convívio e das relações interpessoais.

A emoção é uma reação afetiva, aguda e momentânea, de curta duração, com ou sem conseqüências somáticas, cuja ocorrência, na maioria das vezes, é de forma instintiva. O sentimento, mais complexo que a emoção, é uma configuração afetiva estável, de duração maior e que está associada a conteúdos psíquicos mais consistentes. O sentimento se constrói a partir de experiências ou reflexões conscientes que se associam a redes emocionais inconscientes.

O questionamento quanto às reações emocionais próprias e àquelas provocadas nos outros, permite o surgimento e o desenvolvimento da educação das emoções. O Espírito necessita evoluir nesse campo a fim de agregar faculdades ao perispírito para que possa apreender novas leis de Deus.

Parece-nos que o Criador reservou às emoções um capítulo posterior à aquisição da Razão quando idealizou a alma humana, o Espírito. A integração da Razão ao Espírito é patamar necessário à educação das emoções, visto que estas elevam o Espírito a um ponto mais próximo de Deus.

As emoções são o encontro da idéia com a energia

impulsionadora da Vida. Os pensamentos são a mesma idéia, porém já contaminada ou influenciada pelas emoções.

As emoções devem ser sentidas com equilíbrio e harmonia, pois nos facultam possibilidades de contato com as vibrações superiores do Universo. É preciso aprender a vivê-las sem as limitações características da alma medrosa e intimidada pela racionalidade excessiva ou pelo dogma.

O sentir com o coração é o desabrochar para permitir-se a manifestação de Deus sob a forma mais sublime, percebendo que a Vida é mais do que a racionalidade e a capacidade de escolher palavras para construir frases ou saber fazer conexões lógicas. As emoções equilibradas podem nos fazer conectar com as forças superiores do Universo.

Deus parece que endereça o ser humano ao caminho da busca pelo seu equilíbrio emocional. Toda a cultura, todo o saber, toda a racionalidade, toda a sabedoria, bem como todo o intelecto, podem levar o ser humano a dar passos muitos largos em sua evolução, porém jamais o farão sentir a Vida em sua beleza e sua generosidade. Por mais que conheça o mundo e o Universo, ninguém chegará ao cume da evolução sem aprender a sentir emoções e a educá-las nas relações com seus semelhantes.

De que vale o saber se, o que se conhece, não enxuga a própria lágrima de quem sente a dor na alma? Toda a construção humana deve ter seu sentido voltado para a felicidade, e esta é alcançada no equilíbrio e na harmonia do mundo interior das emoções do Espírito.

O Espírito é livre para manifestar-se e viver a própria Vida que estruturou para si. A conquista do livre-arbítrio torna-o eternamente responsável pelas construções emocionais que abriga em si mesmo e pelas que fomenta nos outros. Os sentimentos são produtos que se constroem a partir da complexa união de experiências vividas ao longo da trajetória evolutiva. Não são simples momentos em que nos permitimos extravasar a energia reprimida. São frutos de construções onde se misturam idéias, símbolos,

complexos, desejos, vontade, sexo, poder, etc. Eles nascem do fundo da alma e trazem seu histórico milenar. Educá-los é o mesmo que organizar o próprio passado, colocando-o a serviço do presente, na direção do futuro.

As conexões emocionais são matéria prima da *psiquê*. São elas que contêm nossa força propulsora para a felicidade.

Sensibilidade

A sensibilidade é uma das primeiras percepções que o ser espiritual experimenta em sua jornada evolutiva, através do perispírito. Ela possibilita o contato entre o Espírito e a matéria. Pode-se dizer que é através dessa faculdade que vai se formar, nos primórdios da evolução, o envoltório que servirá de liame entre o Espírito e a matéria e que o capacitará a apreender as leis de Deus.

Ela é a base do sentido tátil, o qual nos permite interagir com o meio ambiente e dele nos distinguirmos. Ela possibilita a que nos sentamos ligados e integrados ao Universo. É ela que nos dá a percepção de limites e possibilidades, trazendo-nos a noção de espaço.

Com as experiências constantes do contato com a matéria, essa faculdade vai se aprimorando e tornando-se cada vez mais complexa até permanecer no inconsciente e imperceptível ao *ego*, assumindo a condição de automatismo biológico.

O Espírito, nas suas experiências de contato, submetendo-se às condições *a priori*, condiciona-se à percepção embrionária que lhe dará a capacidade futura de sentir emocionalmente. Hoje, quando conseguimos sentir emoções, mesmo aquelas mais aversivas, devemos ter a consciência de que isso se deve ao trabalho exaustivo de repetidas experiências ao longo de milhões de anos no contato íntimo com a matéria.

As condições *a priori* dizem respeito à capacidade de

acoplar-se à matéria, a qual tem a propriedade de flexibilizar-se sob a influência do Espírito, moldando-se de acordo com as necessidades evolutivas dele. O Espírito, por força das leis de Deus, promove alterações na matéria (**matéria** = *mater* = mãe ⇒ natureza moldável).

No período em que se acopla ao princípio vital organizado nas plantas, o Princípio Espiritual estará absorvendo os elementos constituintes das leis de Deus que dizem respeito à formação da capacidade de sentir e emocionar-se.

A sensibilidade física é o embrião da faculdade do Espírito em sentir as emoções primitivas no animal e base para os sentimentos superiores do ser espiritualmente elevado.

Tudo o que o corpo experiencia transfere-se para o perispírito, o qual codifica cada fase do processo. Por sua vez, o Espírito absorve o resultante de tais experiências e o integra às suas estruturas de consolidação das leis de Deus em si.

Mesmo as sensações primárias que o espírito vive, nos seus gozos animais, são transferidas ao perispírito que as associa a outras, integrando-as em parâmetros das leis de Deus e que se conectarão na intimidade do Espírito.

A sensação física apurada em certas pessoas não lhes garante a correspondente sensibilidade perispiritual, nem tampouco evolução espiritual maior. Isto se deve tão somente à repetição de experiências próprias e hereditárias no campo da sensibilidade orgânica.

A sensibilidade observada nas pessoas que as torna capazes de sentir presenças espirituais ou de pressentir eventos futuros, também parece decorrer de exercícios e habilidades conquistadas.

A sensibilidade para perceber os sentimentos e os aspectos sutis da Vida decorre das aquisições do Espírito nas experiências ricas em emoções e que atingem a alma divina. Essa sensibilidade está presente nos Espíritos que já alcançaram maturidade para a percepção da grandeza do amor.

Eu ou *ego*

Chamo de eu ou *ego* a representação do Espírito no mundo externo. Ele é, de um lado, a síntese momentânea da personalidade integral, do outro, uma função que permite a ligação da consciência com os conteúdos conscientes. Através dele o Espírito se realiza, transformando milhões de anos de evolução na efemeridade de um instante. A existência do *ego* é fundamental ao Espírito, visto que sua manifestação direta no mundo sem esse intermédio tornar-se-ia impossível dada a natureza de sua essência.

Segundo Jung, o *ego* é o sujeito da consciência e surge constituído de disposições herdadas e de impressões adquiridas inconscientemente. Jung também considerava o *ego* um *complexo*. Creio também que o *ego*, por representar o *Self*, também traz um modelo dele oriundo.

É a consciência emprestada ao mundo pelo Espírito, dando-lhe a feição material. Torna-se sua manifestação de identidade ao se apresentar ao mundo.

Mesmo durante o sono, nos estados de coma, na idade infantil, ele está presente, ainda que temporariamente inibido. No sono, face ao entorpecimento do corpo, ele se encontra mais livre dos condicionamentos da matéria carnal. Nos estados de coma, bem como no período de preparação reencarnatória permanece vigilante em face da possibilidade de deixar ou entrar no

corpo. Na criança, logo após o nascimento, inicia-se nova fase de agregação de valores, emoções, conhecimentos e experiências para a estruturação de um novo *ego*.

A formação do eu ou *ego* é uma exigência evolutiva imprescindível à aquisição das leis de Deus. Sem essa estrutura funcional é impossível a percepção da singularidade do Espírito. É com o *ego* que o espírito se realiza e apreende as leis de Deus.

A cada nova experiência reencarnatória, quando ainda criança, por força da convivência social, a *psiquê* vai formando uma identidade pessoal que permite o aparecimento do *ego*. As fases estabelecidas por Piaget para o desenvolvimento cognitivo, sinalizam para a maturação de estruturas psíquicas, portanto perispirituais, no processo de aprendizagem. A primeira fase é a sensório-motor, na qual há o predomínio das sensações e imagens e pressupõe a assimilação por repetição dos estímulos ambientais. A segunda fase é a pré-operatória, na qual há o domínio dos símbolos e o desenvolvimento da linguagem e dos sentimentos interpessoais. A terceira fase é a operatório-concreto na qual há o domínio de classes, de números e o pensamento lógico se estrutura. E, por último, a fase operatório-formal, na qual estrutura-se o pensamento abstrato. Essas fases descrevem de forma lógica como as capacidades latentes do Espírito, já estruturadas no perispírito, alcançam a vida consciente, porém se referem necessariamente à formação do eu. Elas não se referem às capacidades do espírito.

Sua estruturação se inicia a cada nova encarnação e desencarnação, visto que, sempre que a realidade externa muda radicalmente, ele se apresenta como recurso do Espírito para o necessário aprendizado.

O corpo faz parte do eu ou *ego* enquanto este se sentir identificado com aquele. Por conseguinte o *ego* se auto-estrutura contraindo-se ou se expandindo. Pode-se afirmar que o corpo é uma extensão da consciência.

Antes de transcender o *ego* ou mesmo de tentar anulá-lo,

devemos pensar em conhecê-lo, estruturá-lo, e, se for o caso, redefini-lo. É equívoco pensar em renúncias e desapego para quem ainda não conseguiu, por motivos diversos, da atual ou de outras encarnações, estruturar adequadamente seu *ego*.

O *ego* estabelece o domínio do tempo e do espaço. Por causa dele existe passado, presente e futuro. Não há tempo no domínio do Espírito. Da mesma forma, o *ego* delimita um espaço. Para o Espírito não há espaço, mas apenas existência.

A entrada no corpo, físico ou perispiritual, desloca a consciência do Espírito para o *ego*. A matéria atrai o Espírito à semelhança de um ímã sobre um metal.

O *ego* é um portal de acesso à zona consciente e elo de ligação psíquica da matéria com o perispírito. Por ele transitam experiências do campo da consciência, desde aquelas que são captadas diretamente pelos sentidos até as que são devolvidas do inconsciente.

O acesso do *ego* aos conteúdos do inconsciente gravados no perispírito, bem com às leis de Deus já conquistadas pelo Espírito é automático e não depende da suspensão da consciência, porém nunca é direto, visto que eles são guardados no formato de símbolos conectados emocionalmente. O *ego* trabalha de forma linear e seqüencial, portanto numa freqüência incompatível à existente no perispírito. O que ocorre é que o acesso nem sempre é desejado, porém a influência dos conteúdos é constante.

Desejo

O desejo, seja sexual ou não, o movimento em todas as suas gradações, desde Aristóteles, as motivações ou necessidades conforme estabeleceu Abraham Maslow, as exigências de identificações coletivas dentre outros impulsos que direcionam as ações humanas, não são mais do que expressões do influxo criador que encontra possibilidades de manifestação externa a partir da estrutura íntima do Espírito, a quem cabe dar-lhe expressão específica.

O desejo é gerador da vontade e pertence às estruturas mais íntimas do Espírito; é através das experiências acumulativas do Espírito que ele se enraíza no perispírito gerando os condicionamentos. A maioria dos desejos conscientes do ser humano obedece aos condicionamentos orgânicos ainda embrionários e perispirituais já consolidados.

O processo evolutivo implica em educar os desejos, já transformados em condicionamentos, a serviço do Espírito. Erradicá-los, não só é prejudicial, como, de certa forma, impossível. É nesse sentido que toda repressão gera necessidade de realização futura, visto que, se trata, muitas vezes, de se tentar intervir em condicionamentos perispirituais.

O Espírito necessita educar seus instintos e utilizar seus desejos com o objetivo de extrair de suas experiências as leis de Deus.

O desejo é a força interna que move a vontade. E esta é o ato voluntário com objetividade para a realização de algo. O animal não possui vontade. Seu instinto é a manifestação do desejo oriundo de sua essência divina.

Por causa do condicionamento, sem o necessário preparo educativo do desejo, o ser humano costuma atendê-lo abruptamente, assim que ele irrompe à consciência. Às vezes, nem à consciência ele precisa vir para que nos movamos para atendê-lo, face ao automatismo perispiritual inconsciente. Por esse motivo, atendemos a desejos dos quais mais tarde nos arrependemos, atribuindo aos estímulos externos sua ocorrência.

A educação do desejo se inicia com a percepção de sua existência, identificação dos fatores que estimulam seu surgimento, experimentação moderada e adequada de sua realização, renúncia a atendê-lo quando lhe perceber o dano que possa causar, mobilização da energia gerada por ele para outro foco, e, por fim, com seu direcionamento para os objetivos de auto-realização.

As obsessões espirituais, ocorrência comum ao ser humano e típica do nível evolutivo em que se encontra, decorrem, muitas vezes, da realização inadequada dos desejos.

As medicações inibidoras da motivação, da ansiedade e da mobilidade, longe de erradicarem os desejos humanos, os ampliam, adiando sua expressão para algum momento em que o Espírito se sinta mais corajoso para realizá-los. Toda repressão gera acúmulo que necessita de escape.

No ser humano é importante que seu desejo o guie para a felicidade, sem que amarras psíquicas o prendam ao passado e sem que ele mesmo tente desviar ou boicotar seu destino.

Vontade

A vontade é o desejo educado. A vontade é patrimônio do Espírito, o qual, dotado de razão, deverá, para seu progresso, colocá-la a serviço da evolução. Ela é uma potência que nasce na intimidade do Espírito, sendo continuação ou expressão da Vontade Divina.

Enquanto o desejo é o impulso inconsciente para realizar algo, a vontade é a disposição consciente para fazê-lo. Nela, a iniciativa faz parte de conexões emocionais e racionais dirigidas a determinado fim.

A falta de ânimo numa pessoa não lhe anula o desejo, mas apenas inibe sua vontade, a qual estará impedida pelo direcionamento daquele a outro móvel.

É fundamental que estejamos sempre a nos perguntar a serviço de que objetivo está nossa vontade, a fim de que não nos peguemos de surpresa, atendendo a desejos inconscientes contrários aos nossos propósitos de Vida. Esse objetivo deve pertencer aos ideais de Vida e ser considerado como algo que transcende o tempo e as limitações do corpo.

Quando nossa vontade nos dirige para objetivos que nem sempre estão de acordo com o que queremos de bom, pode ser que estejam ocorrendo influências externas (de encarnados ou de desencarnados), além daquelas oriundas do nosso mundo interior (inconscientes). Muitas vezes nos afirmamos sem *força de*

vontade por não percebermos a sutileza dessas influências. Face à interferência dos *complexos* e das influências espirituais, a vontade dirige os nossos pensamentos para um alvo determinado, porém nem sempre consciente. Esses *complexos*, na sua maioria estruturados no decorrer das vidas passadas, necessitam da percepção consciente da natureza de seus conteúdos, a fim de que a vontade possa se manifestar em sua plenitude para dissolvê-los. Mesmo conscientes do que queremos e percebendo a direção de nossa vontade, isso não significa que conheçamos seus motivos estruturais. Mesmo que se encontre um nome para definir essa objetividade inconsciente, sempre há que considerar a impossibilidade de obstaculizar-lhe a direção ascensional. É preciso que nos conscientizemos desse movimento para o qual a Vida nos conduz. Entendê-lo e trabalhar na sua direção é condição essencial à felicidade; torna-se fundamental aprender a perceber o fluxo espontâneo da Vida e para onde ela nos leva, diminuindo a ansiedade e a impulsividade.

Ela é direcionadora do princípio da evolução do Espírito. É o motor da existência real. Saber educá-la e direcioná-la a serviço do amor e da Vida é garantia de felicidade.

É necessário em algum nível realizar a vontade. Por algum motivo ela é conseqüência do impulso criador do Espírito querendo fluir. Muitas vezes sua manifestação em algumas atitudes nos choca pela flagrante oposição ao amor, à paz e à harmonia; no entanto devemos ter o discernimento para avaliar o nível de evolução daquele que a manifesta a fim de não disparar o crivo forte do juízo ao comportamento alheio. O respeito ao equívoco do outro é fundamental ao próprio equilíbrio.

O perispírito contém várias configurações que representam as diversas experiências reencarnatórias, os inúmeros processos existenciais, bem como as aquisições evolutivas. A vontade perpassa essas configurações, trazendo novas re-configurações, as quais mobilizam a matéria sutil do perispírito gerando pensamentos e atitudes.

O Espírito, no ato da criação, não possui livre-arbítrio, visto que essa é uma conquista decorrente das experiências no contato com a Vida. Nele há apenas o impulso natural para o desenvolvimento.

É preciso que coloquemos a vontade a serviço da própria felicidade dentro dos objetivos singulares de Deus para conosco. Onde a vontade é conscientemente e harmonicamente exercida, o destino se mostra mais flexível e os caminhos se abrem à disposição do Espírito para que melhor possa escolher.

O que nos move para construir e realizar na Vida tem vários nomes. Pode ser chamado de necessidade, instinto, motivação, desejo, impulso; não importa a denominação que se lhe dê, porém deve-se ter a consciência de que é isso que leva o ser humano a atender algum anseio íntimo; esse anseio é a expressão de Deus através do Espírito. Há que considerar a existência de uma motivação inconsciente no ser humano, da qual ele só se dá conta quando ascende na escala evolutiva. Ele tem um desejo, ou necessidade latente, em realizar, em construir, em fazer, em se movimentar na Vida.

Há um influxo criador divino. Há algo que de Deus emana e flui, o qual perpassa cada ser, que, devido à configuração ou arranjo de cada “molde”, corporifica-se.

Os motivos pelos quais realizamos as coisas são manifestações características da expressão de Deus e podem ser entendidos sob vários ângulos distintos. Quando buscamos a satisfação dos instintos nas manifestações primárias da energia psíquica, nem sempre educadas; nas respostas ao ambiente, o qual nos estimula a trocas para o necessário convívio; quando aparece o desejo de poder, o qual nos impulsiona ao exercício da autoridade; no desejo de satisfação sexual com a permuta das energias geradoras de vida; quando queremos segurança para estabelecer uma base pessoal; sempre que percebemos a necessidade de amor no equilíbrio das relações pessoais; quando queremos a aceitação dos outros para que nos sintamos existentes; ao buscar uma

significação para a própria vida; na busca da necessária socialização por conta da existência do outro; na necessidade de crescer e amadurecer para fazer face aos desafios da Vida; no impositivo da autopreservação, condição inerente à imortalidade; quando temos a necessidade de valorização pessoal na busca da *individualização*; na necessidade de realização do próprio destino e do *si mesmo*; quando estamos na busca do que consideramos ser o Criador da Vida; quando estamos à procura de algo ou alguém que nos complemente. Em todas essas circunstâncias estaremos expressando a Vontade Divina para a manifestação do Deus interior que em nós habita.

A motivação é um componente básico da personalidade. Sem ela estaríamos à mercê do inconsciente e das influências externas. Tê-la sob o fluxo que nos leva às realizações superiores do Espírito, possibilitando a conquista da harmonia.

A motivação se traduz num certo querer, numa inclinação para um objeto além de nós, num impulso para a saída da inércia, numa tendência a que algo se realize fora de nós, num anseio a que algo se concretize. Todas essas possibilidades nos levam à manifestação daquilo que flui de Deus para a realização de Sua obra.

A necessidade do encontro com o outro, bem como a integração com Deus, também são manifestações desse fluxo criador e realizador da Vida.

Deus quando criou o Espírito e conseqüentemente fez o Universo, colocou-Se nele para que o ser O buscasse de acordo com suas possibilidades evolutivas.

O impulso criador da vida é dotado de um certo poder de renovação e criatividade. Quando, através da motivação e da vontade, o colocamos a serviço do amor, realizamos a obra divina.

Poder

O poder, enquanto desejo de dominar e determinar o destino alheio representa a assunção do orgulho como *complexo* preponderante na consciência. É o egoísmo levado ao extremo.

Como expressão do egoísmo e do orgulho, o poder é radicalmente contrário ao amor, sendo impossível sua convivência com ele. Onde o poder se apresenta o amor se recolhe.

Quando se permite que o *ego* domine a Vida e ele se identifique com as representações da autoridade, da subserviência e do predomínio da obediência cega, surge o poder, cuja manifestação básica corrompe as forças amorosas do Espírito.

Não obstante as manifestações destrutivas do poder, sua experimentação, quer na posição de mando ou de obediência, é necessária ao Espírito. As experiências no exercício do poder o farão apreender leis que o ajudarão a co-criar em nome de Deus. Não basta saber obedecer; é preciso ao Espírito também aprender a mandar.

Por ser criado da Divina Essência, mais tarde, quando a evolução lhe permite, é comum ao Espírito acreditar que é Deus. Não percebe a necessidade de entender a distinção essencial entre Criador e criatura. Deus é. O ser humano existe a partir de Sua Vontade. A evolução do Espírito também é a descoberta de sua essência e a constatação paulatina de seu poder interior. Descubra ele que seu crescimento em busca de Deus é a conquista da

própria liberdade de ser. Caso não fosse um processo de amadurecimento espiritual levá-lo-ia ao desejo desenfreado de poder.

Quando se afirma que “querer é poder” deve-se ter em mente que o querer foi burilado para que não se imagine a possibilidade de algo absoluto. Seria melhor afirmar-se que “saber querer é poder” ou ainda que “descobrir o querer da Vida é poder”. Esse poder representa a capacidade de motivar-se para realizar.

Quando vamos a busca do poder estamos querendo afirmar a necessidade de estabelecer uma identidade pessoal, a qual se encontra perdida no emaranhado do inconsciente. A inferioridade certamente está lá, exigindo compensação. O poder que se exerce porventura sobre alguém, deverá sempre ser percebido como algo de extrema responsabilidade, pois somos responsáveis por entrar no destino alheio.

Quando a Vida nos oferece uma posição de comando, devemos entender que precisamos exercê-la com o máximo de equilíbrio a fim de desempenharmos, naquele instante, o papel a nós reservado por Deus. Ele nos confere a sublime tarefa de representá-LO junto àqueles que ainda não O percebem.

Por mais que queiramos fugir dessa responsabilidade, um dia estaremos exercendo esse papel. O feliz e responsável desempenho será determinante para a vivência de experiências em outros campos da Vida.

Por muito tempo prevaleceu na sociedade humana, como também entre os animais, o predomínio do poder sobre a igualdade natural. A força, o poderio militar, as reservas econômicas e as conquistas intelectuais estabeleceram hierarquias entre as coletividades. Um dia, quando o amor vigorar como princípio de união entre nós, prescindiremos daquelas formas de domínio.

Impulso Criador

Nada cresce ou se cria. Só o Espírito se move. Ele representa o impulso criador da Vida. Por ser ele que descreve e percebe a Vida tal qual ela é, sua existência se torna condição imprescindível. Tudo na Vida, portanto, é impulso criador.

O impulso que nos leva a viver e a realizar no mundo não parece ser diferente para cada ser humano. O desejo de ter prazer, de ter poder ou mesmo a busca por uma auto-realização, parece-nos ter uma origem comum. Essa origem advém da estrutura íntima do Espírito que contém a capacidade de ser receptivo ao influxo criativo de Deus e, ao mesmo tempo, a disposição de aplicar esse ganho externo vindo do Criador.

Todos somos “convidados” ao uso desse impulso participando da organização e manutenção do Universo. Usando a criatividade e aplicando as leis de Deus, com o livre-arbítrio, contribuimos com Ele na expansão da Natureza.

A esse impulso, quando se manifesta na busca pela expressão instintiva que inclui a conservação da própria vida, atribuo o adjetivo de primário. É nessa fase que o ser solidifica sua existência pela estruturação e defesa da vida orgânica. É primário por que é básico e primitivo. Está presente em todos os seres da Natureza. É a manifestação do Impulso Divino na forma mais inconsciente e embrutecida possível.

Por sua causa o Espírito estará atuando na Vida

deterministicamente, sem consciência de sua existência e, principalmente, de sua individualidade.

Após o aprendizado, recebendo desde milhões de anos as primeiras manifestações do Impulso Divino, o ser viverá a fase em que ele se apresentará de forma secundária. É quando ele passa a expressá-lo de três formas distintas: do sexo, do desejo de referenciar-se e do estabelecimento de um espaço próprio. Embora continue a manifestá-lo na forma primitiva, ele buscará refinar esse impulso interno irrefreável, nas ações que podem ser, mesmo que por instantes, postergadas. Nesse período seu desejo de poder se manifestará, instalando-se nele as primeiras ocorrências *egóicas*.

Em toda sua evolução o Espírito estará sujeito a esse impulso, sendo característica de maturidade a educação de seu uso.

O impulso terciário, isto é, a manifestação do Impulso Divino, de forma mais madura ocorrerá quando o Espírito começar a compreender que é inevitável fugir dele e que deve utilizá-lo a serviço da Vida. Com ele buscará livrar-se de seus medos, das tensões psíquicas provocadas pelas experiências comuns e estará consciente de sua utilidade na aquisição do conhecimento das leis de Deus.

É ainda nessa fase que ele aprenderá o significado das relações afetuosas, do amor, do perdão e de outras formas superiores de expressão daquele Impulso.

A descoberta da necessidade de auto-realização, da realização do *si mesmo*, da individuação, ou de qualquer denominação que venhamos a dar ao sentido da Vida, pressupõe uma percepção plena da natureza do Impulso Divino, bem como do conhecimento de sua utilidade.

Esse impulso também foi chamado por Jung de energia psíquica, a qual se distribui pelo perispírito e nos permite a realização de todas as emoções, pensamentos e atitudes.

Mente, Cérebro e Pensamento

A mente, aparelho psíquico, ou *psiquê*, se situa no perispírito e é responsável pela gama de fenômenos que atravessa o cérebro a caminho do Espírito. Ela, a mente, não é uma criação arbitrária da evolução, mas um mecanismo de captação e atuação de que se serve o Espírito e que foi deliberadamente constituída para servir a seus propósitos.

A *psiquê* é um enigma, um mistério tanto quanto a própria Natureza. Temos apenas uma pálida e imperfeita idéia do que ela é.

Podemos perceber que o cérebro, como qualquer máquina, obedece a um programa pré-definido. Sua deficiência, por uma disfunção, não impede o ato de pensar, visto que este surge na intimidade do Espírito e se irradia através das propriedades do perispírito. O cérebro não gera pensamento, tanto quanto não é responsável pelos fenômenos sutis da mente. Esta, tanto quanto o pensamento, é anterior a ele e em nada dele depende.

Embora alguns problemas psicológicos possam indiretamente decorrer de disfunções cerebrais, visto que o ser em evolução nem sempre sabe lidar com obstáculos, impressionando-se com eles, as anomalias ou transtornos psíquicos decorrem de deficiências estruturais na mente.

A profusão de pensamentos que ocorrem na mente humana sempre esteve presente em sua evolução e se constitui aquisição importante discernir a procedência deles. A construção do *ego* decorre também da necessidade de organizar os pensamentos que surgem do inconsciente, da influência de entidades desencarnadas, dos fenômenos telepáticos, bem como dos que, pelo ato da vontade, se formam na consciência.

O pensamento parece, às vezes, ocorrer como uma fala dentro do cérebro, porém ele é uma emanção ou expressão do Espírito, o qual, utilizando-se da sutil energia do perispírito, faz surgir.

Para que o pensamento se desenvolva e forme uma idéia é preciso que ocorram algumas operações básicas, nas quais interferem os afetos, o desejo e a vontade. As operações básicas são: o conceito, o juízo e o raciocínio. O conceito é a expressão dos elementos gerais dos objetos e fenômenos e decorrem sempre da generalização. O juízo ocorre quando estabelecemos uma relação entre dois ou mais conceitos. E o raciocínio decorre da relação entre juízos. Essas operações ocorrem no perispírito e não dependem das estruturas cerebrais, salvo quando estamos encarnados e desejamos expressá-las.

Ele é uma espécie de voz interior que constantemente nos obriga a conectá-lo a algo consciente. Torna-se difícil não pensar, salvo se o Espírito utilizar-se de outra forma de expressão para manifestar a Vontade Divina.

Em termos materiais o pensamento é uma onda de frequência altíssima que impressiona a matéria de forma sutil, mas consistente a tal ponto de movê-la.

O pensamento é uma emanção coercitiva, isto é, obrigatória enquanto tivermos um corpo, seja este carnal ou perispiritual. Sua matéria prima é a energia sutil do Universo. Seu fluxo é determinado pelo impulso criativo do Espírito. Sua construção é de responsabilidade do Espírito. Seus elementos e símbolos de ligação são encontrados na consciência e no inconsciente.

O *ego*, enquanto função, parece ser o filtro de um feixe luminoso proveniente do Espírito que, constantemente apontando para a vida externa, perpassa por entre as redes de conexões emocionais existentes na zona inconsciente.

Esse filtro tem funções de alcance interno, dentro de limites estabelecidos pela evolução do Espírito. A lembrança é uma ação na qual o filtro estará conectando-se a conteúdos internos, resultantes das experiências havidas e arquivadas no perispírito e na consciência, assim como a conteúdos externos, os quais ainda estejam no córtex. Ele também estará permeável à força de algum conteúdo inconsciente com o qual se conectou, oriundo de influência espiritual.

O pensar, isto é, o organizar o pensamento em torno de uma idéia diretora é um dialogar consigo mesmo. Isso se dá através da comparação que fazemos com algo conhecido. O “penso, logo existo” decorre da necessidade da existência de um interlocutor interno para que o *ego* se sinta referenciado.

Os “biochips”, aos quais me referi lá atrás, poderão servir futuramente à armazenagem de processos informacionais úteis e que talvez possam vir a alcançar a mente.

O corpo não parece ter sido *construído* para abrigar um ser espiritual. O cérebro não contempla mecanismos com os quais o Espírito possa manifestar suas potencialidades. A máquina orgânica foi concebida e está sendo estruturada para a vida na matéria, a fim de fazer face aos desafios das condições externas. Tudo no organismo humano, em particular no cérebro, gira em torno da vida material e de atender a respostas a estímulos oriundos dela. O cérebro foi concebido para regular o corpo a fim de que ele se adapte aos embates físicos. É quimera querer, através dele, explicar o Espírito. Ele é mero reflexo imperfeito e pobre do corpo espiritual. Seu funcionamento e sua estrutura não correspondem nem ao seu molde perispiritual, que dirá ao Espírito.

Creio que o Espírito, ao utilizar-se do corpo, deve se asse-

melhar a algum adulto que, desejando se deslocar de uma cidade a outra distante, só dispõe de um pequeno velocípede infantil. A limitação é o desafio a ser vencido pelo Espírito, visto que, caso nascesse perfeito, não valeria a pena existir.

Estudar o cérebro é dever da ciência e ele deve ser cada vez mais conhecido a fim de que possa ser utilizado todo o potencial que o corpo pode oferecer ao Espírito para seu aprendizado. É equívoco pensar que se possa alcançar o Espírito tendo-se mapeado o cérebro e após a descoberta de todas as funções que ele desempenha. Não há região no corpo onde se possa limitar o Espírito ou mesmo o perispírito.

Notamos que há uma certa confusão entre o que é a mente e seus atributos e o que é o Espírito. Os processos mentais ou psicológicos estão presentes tanto nos encarnados quanto nos desencarnados. As percepções extra-sensoriais não são reveladoras ou provas da existência do Espírito, mas tão somente uma demonstração de propriedades psíquicas pertencentes ao perispírito. No perispírito, quer ligado ao corpo físico ou não, há estruturas que permitem o pensar, o sentir, o memorizar, bem como todas as funções que atribuímos ao cérebro além de outras por hora desconhecidas.

A mente não parece “tocar” o cérebro, mas justapor-se a ele sofrendo-lhe e provocando-lhe influência como um ímã o faz quando se depara com um objeto metálico suscetível ao alcance de seu campo. A ligação entre o perispírito e o corpo físico, através de conexões sutis na base do cérebro, percebida por videntes, estabelece uma íntima união entre os dois corpos. Essas conexões são de natureza energética e se enraízam na estrutura molecular, porém de forma não impregnante.

Psicopatologia e Doenças Mentais

Parto do pressuposto de que o Espírito não adocece nem tampouco se degenera. O Espírito é essência divina, *princípio inteligente* e, como tal, não sofre qualquer processo de degradação ou involução, característica do adoecer. O Espírito sempre evolui, acrescentando à sua ignorância o resultante das experiências vividas.

As falhas de caráter, a *maldade*, os desvios de personalidade, observados nos indivíduos e comumente caracterizados como enfermidades da alma, são decorrentes da ignorância do Espírito quanto às leis de Deus. Portanto a “doença” é o **desconhecimento** das leis de Deus. É exatamente esse desconhecimento que será causa da grande maioria dos transtornos psíquicos.

É preciso também entender que os conceitos de desvio de personalidade e de normalidade são extremamente difíceis de se alcançar com precisão. O indivíduo considerado normal é aquele que está ajustado ao seu meio, conseguindo sentir-se bem psicologicamente e espiritualmente. Acresce também o fato dele sentir que sua vida tem um ou mais objetivos e que está encontrando no que faz o sentido da própria Vida. É um conceito flexível, visto que, as condições externas, isto é, do meio em que ele vive, po-

derá estabelecer uma norma de conduta não aceitável em outra época ou em outro meio ou cultura.

Não se deve pensar que o indivíduo “anormal” apresenta um estereótipo definido, com sintomas observáveis, ou que aquele que é “normal” não apresenta os mesmos sintomas. Essa separação entre o que é normal e o que é anormal é perigosa, visto que não consegue resumir a gama de variações em que se apresenta a *psiquê* humana, nem se consegue perceber todos os sintomas oriundos dos distúrbios psíquicos.

A separação que se faz entre aquilo que é normal do que é anormal pode ser perigosa, pois, em se tratando do ser humano, a subjetividade desempenha papel importante. Do ponto de vista de quem examina, a comparação com modelos de comportamento pré-estabelecidos através de critérios enviesados, induz muitas vezes a erros graves. Por sua vez o paciente, ou quem o encaminha, muitas vezes induz (ao próprio paciente, à família ou a outro profissional) a equívocos com diagnósticos precipitados e sem base em observações acuradas. Disposto a obter sua cura ele pode mascarar certos sintomas ou apresentar apenas aqueles que configuram um diagnóstico que já lhe foi apresentado. O mascaramento, muitas vezes involuntário, dos sintomas apresenta-se como alternativa de fuga ao processo de efetiva cura. Esse mascaramento faz parte da própria doença do indivíduo e, geralmente, só é perceptível depois de repetidas observações.

Uma entrevista ou um breve encontro, tendo como base algumas respostas do doente, não deve ser suficiente para um diagnóstico preciso. Deve-se observar na pessoa: a aparência (higiene pessoal, vestuário, deformidades físicas, etc.), conduta diária (traços do caráter), sentimentos (emoções típicas, humor, labilidade emocional, etc.), percepção sensorial (qualidade e quantidade das percepções dos cinco sentidos), pensamento (curso, conteúdo e forma), sono (duração, qualidade e alterações), uso de substâncias químicas (drogas ou medicações), grupo familiar (relacionamentos e responsabilidades); acrescento a esses itens a

necessidade de apurar a intuição, a fim de que o exame possa trazer elementos não observáveis percebidos pela própria experiência do entrevistador bem como pelo auxílio espiritual. A observação deve estender-se aos aspectos decorrentes dos fenômenos mediúnicos na vida do indivíduo, a fim de se completar o quadro e se estabelecer um diagnóstico mais preciso. Mesmo que se apresente um diagnóstico do indivíduo, deve-se ter em mente que ele nunca é definitivo ou rígido. As mudanças podem ocorrer a qualquer momento, inclusive no ato da entrevista. O diagnóstico a que chegue o entrevistador não deve ser passado ao entrevistado, mesmo que ele o insista. A ele deve ser apresentado o que deve ser feito para que ele encontre equilíbrio em face de seus processos que lhe causam sofrimento. Quando possível é sempre bom uma entrevista em particular com parentes próximos ao doente.

Os distúrbios de natureza psíquica, anteriormente chamados de loucura ou doença mental, devem ser especificados detalhadamente, haja vista a gama de sintomas que a natureza humana revela quando quer expressar seu estado interior. O que se convencionou chamar de doença mental pode ter origens física, psicológica ou espiritual. O termo é inadequado tanto quanto as formas de tratamento convencionais. Cada ser humano que se encontre em desarmonia interior por força da ignorância do próprio Espírito, apresentará uma sintomatologia específica, com diagnóstico distinto e com tratamento⁷ singular. Chamar de loucura é o mesmo que dizer que todos os seres humanos são exatamente iguais.

Os desequilíbrios e transtornos psíquicos se devem a uma irrupção inapropriada do inconsciente perturbando a adequação do indivíduo ao meio, na qual ocorrem ou não a contribuição das

⁷ Chamo de tratamento médico o uso de medicação prescrita por um psiquiatra; tratamento psicológico a aplicação de algum tipo de psicoterapia efetuada por um psicólogo; tratamento espiritual ou espírita aquele executado num Centro Espírita, com passes, água fluidificada, reunião mediúnica intercessora, oração pelo doente, além das recomendações de que ele faça leituras edificantes, aprenda a orar e buscar sua transformação interior. As recomendações incluem o grupo familiar.

influências espirituais nocivas. Fundamental para o equilíbrio do indivíduo é a preservação da unidade da relação *Self-ego* alcançada pela internalização e integração à personalidade do conteúdo daquela irrupção.

Os tratamentos químicos convencionais e aqueles que se baseiam na contenção física partem do pressuposto que o problema está na organização (ou desorganização) cerebral. Embora possam cometer equívocos quanto às causas, a administração de medicamentos, em certos casos, torna-se imprescindível a fim de se diminuir o sofrimento do indivíduo. Há casos, mesmo se tratando de obsessão, em que a medicação é necessária como também o internamento em casas especializadas. Trata-se, nestes casos, de processos de subjugação de difícil erradicação, nos quais vítima e algoz se interpenetram sem se poder distinguir quem é quem. Ambas as providências visam evitar um sofrimento maior para o doente.

A medicação ataca os sintomas, inibindo parcialmente a manifestação de certos conteúdos do inconsciente. Por detrás da não aparição dos sintomas continuam existindo e ocorrendo fenômenos dissociativos necessitando compensação adequada. O Espírito está sempre ativo.

É comum confundir-se os transtornos psíquicos com certos comportamentos socialmente não aceitáveis. E para facilitar nossa compreensão poderemos dividi-los de acordo com a procedência e com o tipo de manifestação, embora sempre considerando que eles decorrem da ignorância do Espírito.

Os primeiros são aqueles que se manifestam no corpo e provocam distúrbios psíquicos diversos, decorrentes de mal funcionamento ou mal formação do sistema nervoso. São os transtornos provocados ou por distúrbios neurológicos ou que decorrem de alguma anomalia genética. No primeiro caso podemos encontrar transtornos provocados por acidentes e traumatismos que interferirão na capacidade de manifestação adequada da consciência. Nos traumatismos nem sempre existem problemas

perispirituais, visto que a deficiência está na máquina física. A inadaptabilidade ao mal funcionamento do corpo físico pode gerar traumas emocionais, portanto perispirituais, ao indivíduo, agravando sua problemática. A degeneração cerebral, a senilidade, as isquemias cerebrais, as síndromes do sistema nervoso central e periférico podem trazer distúrbios psíquicos de acordo com o nível de evolução do Espírito e pela forma como ele vai lidar com seu problema. Do ponto de vista reencarnatório os casos os quais não são resultantes de imperícia, negligência ou imprudência do indivíduo, são decorrentes de agressão impetrada numa encarnação anterior nas áreas correspondentes ao corpo físico próprio ou de outra pessoa. Quando a deficiência é genética, isto é, adquirida no processo reencarnatório, a problemática é mais grave e suas causas mais complexas. Essas alterações, sejam posteriores ao processo reencarnatório ou não, nem sempre resultam em transtornos psíquicos. E quando o são, podem trazer distúrbios na consciência, na capacidade de atenção e concentração, no sentido de orientação, na memória, na capacidade intelectual pela impossibilidade física de manifestá-la, bem como em outros tipos de alterações, a depender da região cerebral atingida. Em alguns casos, o problema é orgânico, sem alteração na mente.

O segundo caso advém dos *imprints* perispirituais que alteram a formação do corpo físico no processo reencarnatório. Os transtornos psíquicos decorrentes de alterações cromossômicas no código genético são fruto das experiências de reencarnações anteriores, nas quais o ser humano promoveu desordens psicológicas a partir de seu próprio comportamento. Essas desordens foram de tal monta e com tamanha complexidade que são capazes de alcançar sua estrutura perispiritual.

De acordo com o capítulo V do CID-10, 10ª revisão da Conferência Mundial da Saúde, que trata dos Transtornos Mentais e Comportamentais, os desequilíbrios psíquicos podem ser divididos em onze tópicos, cuja seqüência não obedece nenhum princípio de valoração:

1. Transtornos Mentais Orgânicos, Inclusive os Sintomáticos;
2. Transtornos Mentais e Comportamentais Devidos ao Uso de Substância Psicoativa;
3. Esquizofrenia, Transtornos Esquizotípicos e Transtornos Delirantes;
4. Transtornos do Humor (Afetivos);
5. Transtornos Neuróticos, Transtornos Relacionados com o Estresse e Transtornos Somatoformes;
6. Síndromes Comportamentais Associadas a Disfunções Fisiológicas e a Fatores Físicos;
7. Transtornos da Personalidade e do Comportamento Adulto;
8. Retardo Mental;
9. Transtornos do Desenvolvimento Psicológico;
10. Transtornos do Comportamento e Transtornos Emocionais que Aparecem Habitualmente durante a Infância ou a Adolescência;
11. Transtorno Mental não Identificado.

Essa classificação é meramente didática e convencional, embora embasada em Congressos internacionais e feita por especialistas do mundo todo. Em alguns casos transcrevi a descrição constante no capítulo referido. É possível estabelecer-se outro modo de classificação ou mesmo a inclusão de outros tipos de transtornos, porém evitarei isso, não só por falta de capacidade e por exigir maior espaço que um capítulo de um livro. Apenas comentarei os diversos transtornos relacionados pela Organização Mundial de Saúde. Embora essa divisão seja criteriosa encontramos indivíduos cujo transtorno apresenta vários tipos de sintomas e que são descritos em tópicos diferentes. Essa divisão não inclui as cefaléias, a epilepsia, bem como uma gama de problemas que afetam o Sistema Nervoso e que são tratadas no capítulo VI do CID-10.

O fato de se diagnosticar o sintoma de um desequilíbrio psíquico ou mesmo de estabelecer uma classificação para suas variações não implica em se detectar suas causas, mas apenas em enquadrá-los tecnicamente visando uma terapêutica.

Por outro lado, a classificação das obsessões em Simples, Fascinação e Subjugação é também ampla, embora bastante compreensiva. Pode-se observar uma variação muito grande tanto nos sintomas como nas causas dos transtornos psíquicos que têm como componente a obsessão, o que exigirá uma maior especificação dessa problemática espiritual. Essa maior especificação facilitará os processos de tratamento e cura.

A obsessão simples vai desde a modificação das idéias da pessoa até a execução de atitudes à revelia da vontade e de forma completamente inconsciente. Isso significa dizer que existem diversos graus de obsessão simples. Ela se subdivide de acordo com a intensidade e o ponto no qual atinge na pessoa. Quando interfere no raciocínio chama-se Obsessão Simples na Cognição. Quando interfere no campo emocional chama-se Obsessão Simples na Afetividade. Quando ocorre no comportamento concreto, modificando a manifestação da vontade consciente, chama-se Obsessão Simples na Atitude.

A obsessão por fascinação também tem suas gradações. Sua característica básica é atingir a identidade do eu, isto é, o indivíduo se fragiliza em sua personalidade que se amolda sutilmente à outra. Quando a fascinação promove uma identificação parcial da personalidade de uma pessoa com a de outra, levando-a a emitir opiniões sem o devido discernimento, contrariando o senso comum, em prejuízo das próprias idéias, chama-se Obsessão por Fascinação na Expressão Verbal. Quando a fascinação se dá pela admissão de afetos inapropriados em relação a determinada pessoa, chama-se de Obsessão por Fascinação no Campo Emocional. Quando a fascinação atinge a despersonalização com assunção de comportamentos explícitos, modificação na aparência física e alteração significativa da perso-

nalidade na direção de outra, chama-se Obsessão por Fascinação na Personalidade.

A obsessão por subjugação ocorre quando a vontade do indivíduo é completamente tomada por outra, provocando inadaptabilidade social e inconsciência do eu. A ação parece se dar de forma consistente, atingindo os centros perispirituais do desejo, da vontade e do discernimento da pessoa. Quando a subjugação atinge a capacidade de raciocínio, impedindo a pessoa de manter o curso do pensamento e adequar seu conteúdo a realidade, além de interferir na memória, dentre outros distúrbios, chama-se de Obsessão por Subjugação do Eu. Quando a subjugação altera a senso-percepção, a consciência e a atividade voluntária, chama-se Obsessão por Subjugação da Atividade.

Os tipos de obsessão devem merecer classificação complementar de acordo com os distúrbios observados no pensamento, na consciência, na consciência do eu, na afetividade, na inteligência lógico-matemática, na percepção sensorial, na memória e na vontade.

Devemos entender que os transtornos psíquicos não são necessariamente causados pela obsessão espiritual. Ela é componente comum na maioria dos casos. Muitas vezes não se pode determinar onde começa um e termina o outro. Independente da ocorrência da obsessão espiritual, a gênese dos transtornos está sempre no espírito (encarnado ou desencarnado) com sua complexa estrutura mental e seus processos emocionais não resolvidos.

Comentarei a seguir alguns itens e subitens do referido capítulo do Cid-10.

Entre os **Transtornos Mentais Orgânicos** são catalogados aqueles que afetam o cérebro provocando alguma disfunção ou lesão cerebral. Enquadra-se nesta categoria a Demência, a Síndrome Amnésica, o Delírium e as Síndromes Pós-traumáticas. A maioria compromete a memória, a consciência, o pensamento, o humor e o sono. A alteração no cérebro, na maioria dos casos, está associada à lesão perispiritual grave e que dificilmente se

resolve numa encarnação. O tratamento de passes, a paciência da família, a água fluidificada e a oração, amenizam tais processos. A obsessão eventualmente ocorre e é componente secundário na causa tanto quanto nos efeitos. O uso de medicação é altamente recomendável.

Nos **Transtornos Mentais e Comportamentais devidos ao uso de Substâncias Psicoativas** (álcool, opiáceos, canabinóides, sedativos e hipnóticos, cocaína, estimulantes, alucinógenos, fumo, solventes voláteis, etc.) os sintomas observáveis se assemelham àqueles catalogados entre os decorrentes de disfunções ou lesões cerebrais. Em alguns casos (a maioria) são reversíveis os efeitos. Porém o uso prolongado causa danos cerebrais irreversíveis, pois alcançam o perispírito. O ato de usar tais substâncias em excesso parece estar associado à fuga da realidade por ausência de limites. Psicologicamente parece que o indivíduo busca a contenção de si mesmo na substância que vai alterar seu organismo, dando-lhe mais condições a que chegue a um desfecho limitador. Em crianças e em adolescentes o fenômeno está associado à ausência paterna. A obsessão é componente coadjuvante no uso de drogas. Em alguns casos ela é determinante como causa, mas é difícil dizer quem determina a vontade do uso da substância, se o obsidiado ou o obsessor. O tratamento desobsessivo tem alcance limitado se não se fizer acompanhar de apoio psicológico e, em alguns casos, médico. O uso de medicação apropriada para cada caso é recomendável. A família deve unir-se na busca de cura para o doente, sobretudo tendo paciência e procurando o diálogo maduro sem a recriminação sobre a atitude do indivíduo nem querer o estabelecimento de culpados. Em alguns casos o uso de algumas substâncias psicoativas está associado às vidas passadas e seu surgimento muito precoce se deve à impregnação perispiritual. Nesse caso é também recomendável o tratamento de passes.

No tópico referente à **Esquizofrenia e Transtornos Delirantes** vamos encontrar uma série de inclusões cujos sintomas

básicos são: distorções dos pensamentos, distorções da percepção, afetos inapropriados, afetos embotados, ecos do pensamento, fuga de idéias, fixações persistentes, idéias paranóides, alucinações, catatonias, anedonias, alterações de consciência, alterações de identidade, dissociações do eu, etc.

Para o mais principiante dos estudiosos da mediunidade não é difícil perceber que neste tópico estão catalogados os sintomas típicos da obsessão. A esquizofrenia é um termo consagrado na psiquiatria, porém se tornou extremamente abrangente englobando uma série de distúrbios por falta de expressão adequada. Ela inclui delírios persecutórios, alucinações visuais, auditivas, perturbações afetivas, comportamentos irresponsáveis e imprevisíveis, discursos incoerentes, enfraquecimento da vontade, hipo-atividade, hiperatividade, pobreza na comunicação, falta de cuidados pessoais, idéias delirantes, retraimento social, distúrbios de comportamento, psicose, manias, passividade e desejos suicidas. Esses fenômenos associados, no todo ou em parte, enquadram o indivíduo como esquizofrênico ou esquizotípico.

A análise dos sintomas deve ser muito criteriosa a fim de se evitar precipitações em diagnósticos apressados e tendenciosos. Os sintomas esquizofrênicos podem ser causados por disfunções cerebrais, perispirituais ou por obsessão. Há fenômenos provocados pelas disfunções cerebrais, os quais nos impedem de afirmar com certeza se estaria ocorrendo, por exemplo, uma alucinação visual ou uma vidência mediúnica. O paciente que vai a um consultório ou a um Centro Espírita apresentando os mesmos sintomas, tenderá a prestar informações diferentes de acordo com o meio onde esteja e a partir de diagnósticos anteriores ou suposições empíricas.

A análise do histórico de vida e das relações familiares, a observação direta e a percepção dos fatores subjetivos envolvidos na relação entrevistador-entrevistado devem ser criteriosamente feitas para se ter idéia do encaminhamento de cada caso.

Pela experiência pessoal, ousou afirmar que, em todos os casos de esquizofrenia ou dos transtornos assim enquadrados, a obsessão está presente. O tratamento, portanto, será, além do acompanhamento médico-psicológico, a desobsessão nos moldes preconizados pelo Espiritismo, isto é, passes, água fluidificada, leituras edificantes, orações, além de reuniões mediúnicas intercessórias, as quais viabilizam o contato direto com o provável obsessivo.

Muitas manias gestuais, a maioria das alucinações visuais, os delírios persecutórios causados por vozes estranhas, bem como certos tipos de sonhos, todos característicos da esquizofrenia se devem às influências diretas e insidiosas de espíritos vinculados perispiritualmente ao indivíduo encarnado. Em alguns casos de epilepsia também se observa a mesma vinculação quer direta ou próxima. Nos casos de epilepsia de origem mediúnica/espiritual as convulsões observadas são autênticas manifestações típicas da mediunidade atormentada, necessitando de tratamento espiritual. Geralmente nos casos de esquizofrenia o tratamento espiritual leva algum tempo, entre meses ou anos.

Nas esquizofrenias costuma-se utilizar medicações para contenção de certos sintomas. Em que pese serem recomendáveis e em certos casos o doente não pode deixar de tomá-las por muito tempo, elas não resolvem e, às vezes, devem ter suas dosagens reduzidas, sob controle médico, para que se observem sintomas mascarados pelos seus efeitos.

O tópico referente aos **Transtornos do Humor** inclui os episódios maníacos e os episódios depressivos. No primeiro caso é citada a hipomania, a mania com e sem psicose e o transtorno afetivo bipolar. No segundo caso são incluídas a ciclotimia e a distímia. Em ambos os casos as características básicas são as alterações de humor e de afeto.

Nas manias se enquadram as elevações de humor, as idéias de grandeza e de superestima. Torna-se bipolar quando há aumento e rebaixamento do humor e da atividade.

Nos episódios depressivos ocorrem: o rebaixamento do humor, a diminuição da atividade, a perda de interesse, a fadiga e lentidão psicomotora, alterações no apetite, problemas no sono, idéias de culpa, anedonia, irritabilidade e desejos suicidas.

As influências espirituais podem ocorrer nesses tipos de transtornos e contribuem muito para que se demorem na *psiquê* do indivíduo. Elas são causa e consequência ao mesmo tempo, pois o indivíduo atrai suas companhias espirituais de acordo com seu estado mental. Elas se demoram pela facilidade de conexão que encontram. O tratamento espírita e psicológico é altamente recomendável. O uso de medicação ansiolítica e antidepressiva é necessária em certos casos, porém deve ser evitada na maioria deles.

No tópico referente aos **Transtornos Neuróticos, transtornos relacionados com estresse e transtornos somatoformes**, estão incluídos as fobias, as ansiedades, o pânico, os transtornos obsessivo-compulsivos, as reações ao estresse, as conversões dissociativas e as somatizações psicogênicas.

As fobias (medo de morrer, medo de perder o controle, medo de ficar 'louco', medo de sair de casa, medo de multidão, medo de viajar só, medo de exposição, medo de ser criticado, medo de certos animais, medo de sangue, medo de lugares altos, medo de escuro, medo de locais fechados, medo de viajar de avião) quando não estão relacionadas a traumas de infância, pela exposição a algum evento grave e não estão associadas a outros transtornos da personalidade, isto é, quando tomadas isoladamente, se devem à sintonia com eventos semelhantes oriundos de vidas passadas. Esses eventos se encontram gravados no perispírito e, por um mecanismo *cármico*, foi aberta uma 'janela' de comunicação. O inconsciente passado se abre para o presente. Em certos casos as fobias são provocadas por influência espiritual. Em geral medicações são inócuas. O tratamento espírita alivia, porém o tratamento psicológico é fundamental. A Terapia de Vidas Passadas é recurso que pode trazer possibilidades de cura em certos casos.

Os rituais observados nos Transtornos Obsessivos Compulsivos (TOC), em muitos casos, obedecem a imposições causadas pela obsessão espiritual. O ato, às vezes, é causado por imitação automática promovida por entidade espiritual que tem ligação *cármica* com o doente. Em outros casos o doente obedece a um automatismo perispiritual repetindo gestos e atitudes que cometeu no passado a fim de se libertar da culpa nele existente. O tratamento espiritual é recomendável. O tratamento com medicação é ineficaz para a cura, porém pode ser utilizado para alívio, e o psicológico tímido.

O transtorno de pânico em geral está associado à obsessão tendo em vista a existência do medo sem causa aparente, da ansiedade grave, das palpitações cardíacas, das sensações de asfixia, das tonturas e sensações de irrealidade. Em muitos casos está também associado à abertura do inconsciente. O tratamento espiritual é fundamental. O uso de medicação é inicialmente recomendável e o tratamento psicológico auxilia.

Nas reações ao estresse (reações a um fato marcante e traumático, lembrança de evento desagradável, perturbação emocional por luto, separação ou perda financeira, etc.) o tratamento psicológico é altamente recomendável. O auxílio espiritual contribui para a cura.

Os transtornos dissociativos e os transtornos somatoformes estão associados a processos psicológicos e exigem tratamento correspondente. Em alguns casos, quando há transe involuntário, recomenda-se o tratamento espiritual, por se tratar de obsessão.

No tópico que diz respeito às **Síndromes Comportamentais Associadas a Disfunções Fisiológicas e a Fatores Físicos** estão incluídos os transtornos de alimentação (Bulimia e Anorexia), os transtornos do sono (insônia não orgânica, hipersonia, sonambulismo e pesadelos), as disfunções sexuais não orgânicas e a depressão e psicose puerperal.

Tanto a anorexia quanto a bulimia, quando associadas a outros comportamentos psicóticos e a idéias delirantes podem

ser catalogadas como sintomas secundários de um processo mais amplo de desequilíbrio psíquico. Isoladamente elas apenas representam aspectos psicológicos ligados a *complexos* e que devem merecer tratamento psicoterápico. Quando envolvidas em outros processos, os quais não são observados no exame superficial, devem ser tratadas não só como distúrbio psicológico como também espiritual. Identificações com *personas* de encarnações passadas que trouxeram uma maior auto-estima, quando num corpo mais magro, principalmente na anorexia, podem ser tratadas com Terapia de Vidas Passadas. Há casos de anorexias decorrentes de vampirização espiritual. Neste caso outros sintomas típicos da influência de desencarnados costumam estar associados. A bulimia pressupõe um grau maior de compulsividade que sugere identificação reativa a um passado reencarnatório ou com obsessão espiritual. O tratamento psicológico associado ao espiritual é recomendado em ambos os casos. O uso de medicação tende a surtir efeito redutor.

A maioria dos transtornos do sono está associada à obsessão espiritual. Quando o sono do adulto for interrompido por várias noites seguidas ou apresentar insônia constante, talvez aja interferência espiritual. Quando o sono da criança for agitado é recomendável que um dos pais, ou ambos, após que durma, converse baixinho com ela, falando-lhe palavras de confiança, carinho, segurança, impondo-lhe uma das mãos sobre o peito, transferindo-lhe energias enquanto ora em seu favor. O uso constante de medicação para dormir é um hábito perigoso, camuflando as reais causas. Tanto nos casos de crianças quanto de adultos, merece tratamento psicológico e espiritual.

As disfunções sexuais não orgânicas (incapacidade de participar de uma relação sexual, frigidez, anedonia sexual, falta de ereção, falta de lubrificação vaginal, retardo orgásmico, ejaculação precoce, oclusão vaginal, dores durante a relação, ninfomania, satiríase etc.) devem ser tratadas caso a caso. A maioria delas, quando não associadas a outros sintomas característi-

cos de psicose, se devem a fatores psicogênicos. O tratamento psicológico é recomendável em todos os casos. O uso de medicação é inócuo e o tratamento espiritual é, em geral, protetador de uma efetiva cura, em face do desvio do foco do problema. Em alguns casos o problema é perispiritual, decorrente de perturbação no *chakra* genésico pelo uso inadequado da energia sexual na vida presente ou passada.

As depressões e psicoses puerperais podem estar relacionadas com fatores *cármicos* oriundos da relação entre o reencarnante e a mãe. Merecem tratamentos médico, psicológico e espiritual.

No tópico referente aos **Transtornos da Personalidade e do Comportamento Adulto** estão inclusos: a) indivíduos cuja personalidade possui traços paranóicos, esquizóides, anti-sociais, histriônicos, ansiosos, perfeccionistas, dependentes; b) indivíduos com transtornos dos hábitos e dos impulsos (jogo patológico, piromania, roubo patológico, tricotilomania); c) indivíduos com transtornos da identidade e da preferência sexual (transexualismo, travestismo, fetichismo, exibicionismo, voyerismo, pedofilia, sadomasoquismo, bolinagem, necrofilia, imaturidade sexual, orientação sexual egodistônica).

Da mesma forma que os itens do tópico anterior cada um desses transtornos merece análise específica. A maioria desses traços é fragmento de personalidades vividas em encarnações passadas que persistem mesmo contra a vontade consciente. Eles podem fazer parte de outros transtornos como aspectos secundários o que implicará em outro tipo de análise mais complexa. Tratarei como sintomas isolados. Uma mesma pessoa pode apresentar traços das várias personalidades adiante descritas, exigindo análise mais detalhada. Deve-se verificar a preponderância de traços ao longo de certo tempo. Os traços de personalidade descritos adiante, como em outros tópicos, não se configuram como doenças, mas eles atrapalham o desenvolvimento espiritual do indivíduo. Por esse motivo é importante a busca de um equilíbrio.

A *personalidade paranóide* apresenta uma sensibilidade excessiva a contrariedades, recusa a perdoar insultos, caráter desconfiado, tendência a distorcer os fatos, suspeitas injustificadas a respeito da fidelidade sexual do parceiro e um sentimento combativo e obstinado de seus próprios direitos. Às vezes, há uma superavaliação da importância pessoal, havendo freqüentemente auto-referência excessiva. São pessoas com tendências querelantes e propensas ao fanatismo. Pode-se perceber que se trata de aspectos profundos da personalidade de alguém, o qual precisa de auxílio especializado. As causas para esse tipo de personalidade se localizam em vidas passadas onde as experiências vividas levaram a essa forma de reação ao mundo. Nesse caso a recomendação é tratamento psicológico e a busca por uma proposta religiosa ou por um sentido superior para a própria Vida. A proposta espírita para uma vida espiritualmente sadia pode também ser recomendada.

A *personalidade esquizóide* apresenta um transtorno caracterizado por um retraimento dos contatos sociais, afetivos ou outros, com preferência pela fantasia, por atividades solitárias e afeita à reserva introspectiva. Acresce também uma incapacidade de expressar seus sentimentos e a experimentar prazer. Para melhor entendermos esse tipo de personalidade é preciso considerar que ninguém é obrigado a viver extrovertidamente e em contato social intenso. A sociabilidade é desejada, mas a reserva e o gostar de viver consigo mesmo é opção também saudável de vida. Porém, a personalidade aqui analisada apresenta aquelas características exacerbadas, juntamente com outros traços, além do simples caráter introvertido, o qual não promove o transtorno descrito. As recomendações de tratamento são as mesmas da personalidade descrita no parágrafo anterior.

A *personalidade dissocial* ou *anti-social* e a *personalidade com instabilidade emocional* se caracterizam por um desprezo às obrigações sociais, pela falta de empatia, pela tendência de oposição às normas sociais estabelecidas, pela baixa tolerân-

cia à frustração e um baixo limiar de descarga da agressividade, inclusive da violência, com tendência a culpar os outros. Em alguns casos observa-se uma tendência a adotar um comportamento autodestrutivo, compreendendo tentativas de suicídio e gestos suicidas. Os indivíduos com essas características também são chamados de sóciopatas, psicopatas, amorais, 'borderline' ou associais. Quando esses traços aparecem repentinamente na vida de uma pessoa, sem dúvida nenhuma se devem a obsessão espiritual. Quando eles iniciam timidamente na adolescência e depois de algum tempo alcançam a maturação, a qual caracteriza esse tipo de personalidade, pode estar ocorrendo uma obsessão espiritual com a agravante da afinidade psíquica e quase cumplicidade do encarnado. Qualquer que seja o caso é recomendável o tratamento psicológico, o espiritual e, em alguns casos onde haja riscos ou exposição perigosa do indivíduo ou de seus familiares, é prudente o uso de medicação.

A *personalidade histriônica*, também chamada de histérica, se caracteriza por uma afetividade superficial e lábil, tendência à dramatização, teatralidade, expressão exagerada das emoções, sugestibilidade, egocentrismo, autocomplacência, falta de consideração para com os outros, desejo permanente de ser apreciado e de constituir-se no objeto de atenção e tendência a se sentir facilmente ferido. Esse tipo de personalidade é típico de influência espiritual obsessiva face à sintonia entre o encarnado e o desencarnado. Ambos apresentam traços semelhantes de personalidade e se comprazem em permanecer assim. As recomendações para esse caso são de tratamento psicológico e espiritual. Não há necessidade de uso de medicação.

A *personalidade anancástica* se caracteriza por um sentimento de dúvida, perfeccionismo, escrúpulos exagerados, verificações, e preocupação com pormenores, obstinação, prudência e rigidez excessivas. O transtorno pode se acompanhar de pensamentos ou de impulsos repetitivos e intrusivos não atingindo a gravidade de um transtorno obsessivo-compulsivo. Esse caso

requer tratamento psicológico. O apoio espiritual é recomendado.

A *personalidade ansiosa* ou esquiva se caracteriza por sentimentos de tensão e de apreensão, insegurança e inferioridade. Existe um desejo permanente de ser amado e aceito, hipersensibilidade à crítica e a rejeição, reticência a se relacionar pessoalmente, e tendência a evitar certas atividades que saem da rotina com um exagero dos perigos ou dos riscos potenciais em situações banais. A recomendação é pelo tratamento psicológico. Do ponto de vista espiritual o problema pode ser decorrente dos repetitivos insucessos em vidas passadas que podem influenciar uma expectativa de nova ocorrência.

A *personalidade dependente* se caracteriza por: tendência sistemática a deixar a outrem a tomada de decisões, importantes ou menores; medo de ser abandonado; percepção de si mesmo como fraco e incompetente; submissão passiva à vontade de outros (por exemplo, de pessoas mais idosas) e uma dificuldade de fazer face às exigências da vida cotidiana; falta de energia que se traduz por alteração das funções intelectuais ou perturbação das emoções; tendência freqüente a transferir a responsabilidade para outros. O tratamento recomendado é psicológico sem necessidade de uso de medicação. O apoio familiar bem como o espiritual é importante.

Há certos comportamentos que tendem à repetição, em geral contra a vontade e que aparecem em dado momento da vida do indivíduo como alternativa ou fuga diante de obstáculos, os quais parecem intransponíveis ou como resultante de algo não resolvido ao longo da vida. Em todos eles observam-se traços obsessivos espirituais, sempre com a conivência do encarnado, requerendo tratamento psicológico e espiritual. Nesses casos o uso de medicação se torna inócuo.

O jogo patológico ou compulsivo é um transtorno que consiste em episódios repetidos e freqüentes de jogatina que dominam a vida do sujeito em detrimento dos valores e dos compro-

missos sociais, profissionais, materiais e familiares. Ocorre geralmente na idade adulta tendendo a se tornar compulsivo pelo hábito. A tendência pode ser fruto do mesmo comportamento em vidas passadas, porém pode ser apenas oriundo da atual encarnação como fuga psicológica ou por obsessão espiritual. O tratamento recomendado é psicológico e espiritual.

A piromania é o comportamento caracterizado por atos ou tentativas múltiplas visando pôr fogo em objetos e bens sem motivo aparente, associado a preocupações persistentes com relação a fogo ou incêndio, quando não associados a outros transtornos típicos da psicose ou da esquizofrenia. Este comportamento se faz acompanhar freqüentemente de um estado de tensão crescente antes do ato e uma excitação intensa imediatamente após sua realização. O comportamento é fruto da obsessão espiritual por força de um problema psicológico. Às vezes decorre da influência do inconsciente de vidas passadas na vida atual. O tratamento, portanto, é psicológico e espiritual. Em certos casos é recomendável o uso de medicação ansiolítica.

O roubo patológico (cleptomania) é um transtorno caracterizado pela impossibilidade repetida de resistir aos impulsos de roubar objetos. Os objetos não são roubados por sua utilidade imediata ou seu valor monetário; o sujeito, ao contrário, quer descartá-los, dá-los ou acumulá-los. Este comportamento se acompanha habitualmente de um estado de tensão crescente antes do ato e de um sentimento de satisfação durante e imediatamente após sua realização. Esse transtorno é assim chamado quando não está associado a outro transtorno mental, depressivo ou à esquizofrenia. Geralmente é decorrente de influência espiritual obsessiva muito embora o desejo mórbido já exista no próprio indivíduo de forma inconsciente. O tratamento recomendado é psicológico e espiritual.

A tricotilomania é um transtorno caracterizado por uma perda visível dos cabelos, causada por uma impossibilidade repetida de resistir ao impulso em arrancá-los. O arrancamento dos

cabelos é precedido em geral de uma sensação crescente de tensão e seguido de uma sensação de alívio ou de gratificação. Quando há uma afecção inflamatória pré-existente do couro cabeludo, ou quando existe a prática do arrancamento dos cabelos em resposta a delírios ou a alucinações ou quando há movimentos estereotipados com arrancamento dos cabelos o diagnóstico é outro. A tricotilomania está associada a episódios vividos em encarnações passadas e requerem tratamento psicológico (recomendável Terapia de Vidas Passadas). Por vezes acontece com influência obsessiva espiritual motivada por perseguição vingativa, exigindo tratamento espiritual. O uso de medicação ansiolítica no início do tratamento psicológico e espiritual é recomendável.

Os transtornos de identidade e de preferência sexual assim são colocados em face da inadaptabilidade psicológica do indivíduo consigo mesmo e em resposta às exigências do meio. Não são, portanto, patologias em si. Quando um mesmo indivíduo apresenta um conjunto variado de comportamentos ou práticas sexuais isso pode representar uma síndrome denotando uma focalização excessiva de seu interesse geral nessa dimensão. Merecerá nesse caso tratamento psicológico.

O transexualismo é o desejo de viver e ser aceito como pessoa do sexo oposto. Geralmente é acompanhado de um sentimento de mal estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao do outro sexo. A impossibilidade de realização desse desejo proporciona desconforto psicológico e, em certos casos, inadaptabilidade ao meio social. A percepção de que sua *psiquê* consciente é feminina leva o indivíduo a esse desejo, que pode ser favorecido, isto é, pode receber a contribuição de entidades espirituais. Há um forte apelo de *personas* vividas em encarnações passadas na estruturação do desejo. No caso do indivíduo querer mudar seu desejo por não concordar ou não se submeter ele é recomendável o apoio psico-

lógico e a desobsessão espiritual. Esta última tem efeito secundário.

O travestismo bivalente é o termo empregado para a atitude do indivíduo usar vestimentas do sexo oposto durante uma parte de sua existência, de modo a satisfazer a experiência temporária de pertencer ao sexo oposto, mas sem desejo de alteração sexual mais permanente ou de uma transformação cirúrgica; a mudança de vestimenta não se acompanha de excitação sexual. Esse é o caso típico da influência do passado reencarnatório do indivíduo que o faz querer travestir-se. Não se constitui em problema, salvo se provocar desconforto psicológico no indivíduo. Nesse caso o tratamento será também psicológico.

O fetichismo se caracteriza pela utilização de objetos inanimados como estímulo da excitação e da satisfação sexual. Numerosos fetiches são prolongamentos do corpo, como por exemplo, as vestimentas e os calçados. Os objetos fetiches variam na sua importância de um indivíduo para o outro. Esse tipo de prática reflete a necessidade de encontrar novas formas de obtenção de prazer, nas quais o encontro com o outro tem importância secundária. O uso de fetiches torna-se um ato condicionado típico da fuga da realidade. Geralmente na sua prática contribui a obsessão espiritual. Quando o indivíduo sente algum desconforto psicológico nessa prática são necessários uma psicoterapia e reforço de um tratamento espiritual.

Quando os dois itens anteriores estão presentes num mesmo indivíduo, diz-se que ele tem o chamado travestismo fetichista. As recomendações são as mesmas aplicadas a cada uma das situações.

O exibicionismo é a tendência recorrente ou persistente de expor os órgãos genitais a estranhos (em geral do sexo oposto) ou a pessoas em locais públicos, sem desejar ou solicitar contato mais estreito. Há em geral, mas não constantemente, excitação sexual no momento da exibição. Às vezes o ato é seguido de masturbação. O contrário do exibicionismo é o voyeurismo que é

a tendência recorrente ou persistente de observar pessoas em atividades sexuais ou íntimas como o tirar a roupa. Isto é realizado sem que a pessoa observada se aperceba de o sê-lo, e conduz geralmente à excitação sexual e à masturbação. Ambas as práticas estão relacionadas à necessidade de chamar a atenção sobre si e sobre sua própria sexualidade. O indivíduo que assim procede acredita que ela é a maneira mais adequada a ele para um contato afetivo. As duas práticas têm cunho psicológico, porém podem ser fruto de atitudes ligadas às vidas passadas, quando não havia o pudor tão excessivo quanto hoje. Quando a atitude produz satisfação em constranger ou no desconforto que causa a exibição, o psicológico é tratamento adequado. O apoio espiritual não deve ser descartado.

A pedofilia é a preferência sexual por crianças, quer se tratem de meninos, meninas ou de ambos os sexos, geralmente pré-púberes ou no início da puberdade. É uma prática que por si só demonstra a imaturidade sexual e afetiva em que se encontra o indivíduo. Tem raízes na repressão sexual a que o indivíduo foi submetido e em práticas sexuais viciosas, geralmente ocorridas em vidas passadas. O desejo mórbido em fazer sexo com crianças reflete a utilização da energia sexual como instrumento de dominação, visto que há sempre imposição da prática. Em casos raros a busca é feita pela criança. O tratamento psicológico é necessário. O tratamento espiritual pode ser importante quando a prática está associada à obsessão promovida por espíritos com a mesma patologia psíquica.

O sadomasoquismo é a preferência por uma atividade sexual que implique dor, humilhação ou subserviência. Se o sujeito prefere ser o objeto de um tal estímulo fala-se de masoquismo; se preferir ser o executante, trata-se de sadismo. Comumente o indivíduo obtém a excitação sexual por comportamento tanto sádico quanto masoquista. O sadomasoquismo é uma prática que transforma o ato sexual em encenação e em instrumento de simbolização de conteúdos psíquicos. O indivíduo que o pratica

não sabe distinguir prazer de dor e confunde emoções com sensações. Representa uma queda do ato sexual como encontro afetivo e íntimo entre pessoas que se amam, para se tornar um instrumento autoflagelador e punitivo. A prática abusiva exige tratamento psicológico e, muitas vezes, espiritual. Seu uso está associado à prática excessiva e ao abuso do sexo em encarnações passadas. Às vezes decorrem de abusos sexuais sofridos na infância.

Há outros transtornos da preferência sexual visto que esta é uma dimensão muito vivida pelo ser humano e que nem sempre se torna pública, mas que trazem incômodo psicológico e que merecem tratamento específico, tais como: o fato de dizer obscenidades por telefone, de esfregar-se contra alguém em locais públicos, a atividade sexual com um animal, o emprego de estrangulamento ou anóxia para aumentar a excitação sexual, bolingem e necrofilia. Geralmente nesses atos mais esdrúxulos há, não só a influência, como também a participação de espíritos desencarnados em estado de grave distúrbio psíquico na dimensão sexual.

No tópico referente ao **Retardo Mental** estão inclusas as graduações leve, moderado, grave e profundo. O Retardo Mental é a parada do desenvolvimento ou desenvolvimento incompleto do funcionamento intelectual, caracterizado essencialmente por um comprometimento, durante o período de desenvolvimento, das faculdades que determinam o nível global de inteligência, isto é, das funções cognitivas, da linguagem, da motricidade e do comportamento social. O retardo mental pode acompanhar um outro transtorno mental ou físico, ou ocorrer de modo independente. A graduação do retardo mental leve inclui a dificuldade de aprendizado na escola, o atraso mental leve, a debilidade mental, a fraqueza mental e a oligofrenia leve. Muitos adultos com retardo mental leve são capazes de trabalhar e de manter relacionamento social satisfatório e de contribuir para a sociedade. No retardo mental moderado ocorrem atrasos acentuados do desenvolvimento na infância, mas a maioria dos pacientes aprende a desempenhar

algum grau de independência quanto aos cuidados pessoais e adquirir habilidades adequadas de comunicação e capacidades intelectuais. Quando adultos, necessitam de assistência em grau variado para viver e trabalhar em comunidade. Inclui o atraso mental médio e a oligofrenia moderada. No retardo mental grave ocorre a necessidade de assistência contínua. Inclui o atraso mental e oligofrenia graves. No retardo mental profundo devem ocorrer limitações graves quanto aos cuidados pessoais, incontinência, comunicação e mobilidade. Inclui atraso mental e oligofrenia profundos. O retardo mental está diretamente relacionado a processos *cármicos* de longo curso e a ocorrência em vidas passadas, que implicaram em abuso ou perturbações das funções cognitivas. As alterações são perispirituais e de difícil melhora. O indivíduo permanece na encarnação com as limitações impostas pela expiação educativa.

As matrizes que interferem nas condições reencarnatórias a que todos nos submetemos se conjugam com o intuito de fazer o Espírito, através de seu perispírito, apreender as leis de Deus. A matéria, em especial o cérebro, é apenas o campo de materialização dessas matrizes. Suas disfunções obedecem rigorosamente às necessidades evolutivas do Espírito. Nada além daquilo que é necessário, muito embora, para evitar as possibilidades de fracasso e, reconhecendo as incapacidades do Espírito, atenuem-se as complicações orgânicas a que ele estaria sujeito, graças à Misericórdia Divina.

O retardo mental, muitas vezes, representa a necessidade que tem o Espírito de dar uma parada em seus complicados processos, os quais, por imaturidade, o levam a desequilíbrio frequentes. Nessa reencarnação expiatória, ele irá desenvolver outras habilidades que estavam inibidas pelos desequilíbrios em curso desde muitas encarnações. Entre essas outras habilidades incluo: a calma, a paciência, um ritmo mais desacelerado de viver, etc. Nesse sentido, não há reencarnação que não possibilite algum tipo de benefício ou aprendizado ao Espírito.

O tratamento adequado, visando a adaptação do indivíduo ao seu problema e ao meio, requer cuidado especial. A medicação quando recomendada é necessária. O tratamento psicológico quando possível deve ser feito. E o tratamento espiritual é sempre bem vindo.

No tópico referente aos **Transtornos do Desenvolvimento Psicológico** são classificados aqueles que têm em comum: a) início situado obrigatoriamente na primeira ou segunda infância; b) comprometimento ou retardo do desenvolvimento de funções estreitamente ligadas à maturação biológica do sistema nervoso central; e c) evolução contínua sem remissões nem recaída.

Na maioria dos casos, as funções atingidas compreendem a linguagem, as habilidades espaço-visuais e a coordenação motora. Habitualmente o retardo, ou a deficiência, já estava presente mesmo antes de poder ser colocada em evidência e geralmente diminui progressivamente com a idade; deficiências também mais leves podem, contudo, persistir na idade adulta.

Os transtornos no desenvolvimento da fala e da linguagem, que geralmente estão comprometidas desde os primeiros estágios do crescimento da criança, podem ser resolvidos a partir de tratamentos convencionais. Não são diretamente atribuíveis a anomalias neurológicas, a anomalias anatômicas do aparelho fonador, a comprometimentos sensoriais, a retardos mentais ou a fatores ambientais. Os transtornos específicos do desenvolvimento da fala e da linguagem se acompanham com frequência de problemas associados, tais como dificuldades da leitura e da soletração, perturbação das relações interpessoais, transtornos emocionais e transtornos comportamentais. No transtorno da articulação da fala e da linguagem, a utilização dos fonemas e a capacidade de expressão verbal pela criança são inferiores ao nível que corresponde a sua idade mental, mas, no entanto, o nível de aptidão lingüística de compreensão da linguagem é normal. Incluem-se a dislalia (dificuldade em articular palavras), a lalação (forma infantil de falar), a disfasia (dificuldade de coordenação e arranjo

das palavras) ou a afasia (perda da palavra falada ou escrita) de desenvolvimento do tipo expressivo. Há também o transtorno receptivo da linguagem, no qual a capacidade de compreensão da linguagem pela criança está abaixo do nível correspondente à sua idade mental. Em quase todos os casos, a linguagem expressiva estará também marcadamente prejudicada e são comuns anormalidades na articulação. Classificam-se nesses casos a agnosia auditiva congênita, a surdez verbal e outros tipos de afasia.

Ainda dentro deste mesmo item incluem-se os transtornos específicos do desenvolvimento das habilidades escolares. São transtornos nos quais as modalidades habituais de aprendizado estão alteradas desde as primeiras etapas do desenvolvimento. O comprometimento não é somente a consequência da falta de oportunidade de aprendizagem ou de um retardo mental, e ele não é devido a um traumatismo ou doença cerebrais. Inclui-se o transtorno específico de leitura cuja característica essencial é um comprometimento específico e significativo do desenvolvimento das habilidades da leitura, não atribuível exclusivamente à idade mental, a transtornos de acuidade visual ou a escolarização inadequada. A capacidade de compreensão da leitura, o reconhecimento das palavras, a leitura oral e o desempenho de tarefas que necessitam da leitura podem estar todos comprometidos. O transtorno específico da leitura é acompanhado freqüentemente de dificuldades de soletração, persistindo comumente na adolescência, mesmo quando a criança haja feito alguns progressos na leitura. As crianças que apresentam um transtorno específico da leitura têm freqüentemente antecedentes de transtornos da fala ou de linguagem. O transtorno é acompanhado comumente de transtorno emocional e de transtorno do comportamento durante a escolarização. A leitura especular e a escrita especular são classificadas nesse item. O transtorno específico da soletração tem como característica essencial uma alteração específica e significativa do desenvolvimento da habilidade para soletrar, na ausência de antecedentes de um transtorno específico de leitura e não atribuível à baixa ida-

de mental, a transtornos de acuidade visual ou a escolarização inadequada. A capacidade de soletrar oralmente e a capacidade de escrever corretamente as palavras estão ambas afetadas. Ainda no que diz respeito às habilidades escolares, há o transtorno que implica numa alteração específica da habilidade em aritmética, não atribuível exclusivamente a um retardo mental global ou à escolarização inadequada. O déficit concerne ao domínio de habilidades computacionais básicas de adição, subtração, multiplicação e divisão, mais do que as habilidades matemáticas abstratas envolvidas na álgebra, trigonometria, geometria ou cálculo.

Os transtornos que envolvem as habilidades relativas à fala, à linguagem, à escrita podem ter causas distintas, no que diz respeito às atitudes do indivíduo em vidas passadas. Nesses casos a comunicação do ser com o mundo está alterada ou comprometida. É nessa capacidade de comunicação que se encontram os problemas, os quais se instalaram por força da lei de evolução. As dificuldades representam oportunidade de aprendizagem. Talvez o indivíduo tenha utilizado aquela capacidade de forma inadequada em atitudes que alteraram sua estrutura perispiritual. Não está descartada a possibilidade de serem resíduos de *carma* negativo do passado reencarnatório ainda não completado. A responsabilidade dos pais ou equivalentes é resolvida na medida em que eles buscam a melhora e a cura de seus filhos. Provavelmente foram co-responsáveis pelos problemas que eles atravessam.

A maioria desses transtornos envolvendo a comunicação e a aprendizagem escolar pode ser reversível, caso sejam diagnosticados e tratados logo na primeira infância. A educação infantil especializada, incluindo a fono-audiologia, a psicopedagogia, a psicologia infantil, a pediatria, dentre outras especialidades, deve ser consultada para um tratamento eficaz. O tratamento espiritual contribui para a cura quando esses transtornos estão associados à hiper-atividade, a dificuldades no sono, à labilidade emocional, à agressividade e a outros sintomas típicos das influências espirituais aversivas.

Um outro transtorno que geralmente ocorre na infância e que implica nas interações sociais do indivíduo, reduzindo sobremaneira seu contato com o outro é o **autismo**. As características principais do autismo são: a) desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado geralmente antes da idade de três anos, e b) apresentação de uma perturbação característica do funcionamento no domínio das interações sociais, da comunicação e do comportamento focalizado e repetitivo. Além disso, o transtorno se acompanha comumente de numerosas outras manifestações inespecíficas, por exemplo, fobias, perturbações do sono ou da alimentação, crises de birra ou agressividade (auto-agressividade). Os sintomas do autismo nem sempre se fazem acompanhar do retardo mental muito embora na maioria dos casos ele esteja presente. Além do autismo denotar uma rejeição à reencarnação expiatória do indivíduo, ele também apresenta sinais de que o tempo e o lugar estão inadequados aos desejos inconscientes que possui. Sua mente se encontra fixada numa época que não a atual, muito embora deseje voltar-se para o presente. Os *complexos* existentes no inconsciente atraem o *ego* ao passado. Seu foco de interesse se divide sem que o indivíduo se aperceba disso. É necessário chamar esse *ego* ao momento em que vive. Tentar penetrar o antigo alvo de interesse seria recomendável. O tratamento psicológico, o médico e o espiritual são altamente recomendáveis.

À semelhança do autismo encontramos outros tipos de síndromes, com ou sem retardo mental, nas quais também aparecem os comportamentos estereotipados repetitivos, a marcha alterada, perda parcial ou completa da linguagem, perda de habilidades já adquiridas, atividade global desorganizada e dificuldades cognitivas, com ou sem encefalopatias e retardo no desenvolvimento craniano. Às vezes esses sintomas aparecem no todo ou em parte, indicando graves processos *cármicos* em curso. A recomendação é a mesma dada ao autismo.

Há um grupo de transtornos, chamados de hipercinéticos,

que envolve a falta de perseverança nas atividades que exigem um envolvimento cognitivo e uma tendência a passar de uma atividade a outra sem acabar a anterior, associadas a uma atividade global desorganizada, descoordenada e excessiva. Geralmente as crianças hipercinéticas são imprudentes, impulsivas, impopulares, sujeitas a acidentes, com problemas disciplinares, desinibidas e sem reservas com adultos. Às vezes apresentam déficit cognitivo. Esses sintomas geralmente se devem a traços da personalidade do indivíduo já consolidados em vidas passadas. A educação, por mais equilibrada que seja e por mais atenção que se dê a essas crianças, não consegue vencer a pesada carga de traços inferiores da personalidade. Muitas vezes o indivíduo reencarna e continua a merecer a companhia de espíritos de sua mesma condição que influenciam a conduta do reencarnado, e com sua concordância. Essas crianças devem ser encaminhadas a tratamento psicológico desde que se note qualquer dos sintomas descritos e a tratamento espiritual para o esclarecimento próprio e de quem as acompanhe.

Outra categoria de transtorno é a que contém os distúrbios de conduta. São caracterizados por padrões persistentes de conduta dissocial, agressiva ou desafiante. Tal comportamento abrange grandes violações das expectativas sociais próprias à idade da criança; deve haver mais do que as travessuras infantis ou a rebeldia do adolescente e se trata de um padrão de comportamento duradouro (seis meses ou mais), não devendo ser considerado os atos dissociais isolados. São sintomas típicos dos transtornos de conduta as manifestações excessivas de agressividade e de tirania, a crueldade com relação a outras pessoas ou a animais, a destruição dos bens de outrem, condutas incendiárias, roubos, mentiras repetidas, cabular aulas e fugir de casa, crises de birra e de desobediência anormalmente freqüentes e graves. Às vezes, alguns distúrbios se restringem ao contexto familiar, o que denotará a existência de processos *cármicos* necessitando de ajustes entre os membros. Há casos em que a sociabilização ocorre, mas entre o indivíduo e um grupo fora do contexto adequado, levan-

do-o à delinquência “de grupo”. Muitas vezes, principalmente na adolescência, ocorre o comportamento desafiador e de oposição, caracterizado essencialmente pela provocação e desobediência não acompanhado de atos delituosos ou de condutas agressivas ou dissociais graves.

Pode-se perceber que os transtornos de conduta podem ser confundidos com episódios obsessivos espirituais e, na maioria deles, principalmente, após a puberdade, ela pode ocorrer visto que as defesas psicológicas estão ainda por se construir. Esses transtornos devem ser tratados do ponto de vista psicológico e espiritual. Caso haja qualquer resistência ao tratamento espiritual, o mesmo pode ser feito à distância pelos membros da família. Embora de difícil administração, o uso de ansiolíticos pode ser feito, porém costuma ser inócuo.

Há também transtornos típicos da puberdade e adolescência mistos da conduta e das emoções, que reúne comportamentos inadequados com crises depressivas e de ansiedade. São típicos de processos *cármicos* não resolvidos e que redundam em obsessão espiritual. O tratamento psicológico e espiritual é recomendável.

Alguns transtornos são ocasionais e se devem a fenômenos externos e acidentais, mas que causam perturbação no psiquismo da criança e, às vezes, do adolescente. É exemplo deles o transtorno ligado à angústia de separação (conjugal ou não), que pode alterar sobremaneira a personalidade da criança. Neste caso é recomendável o acompanhamento psicológico; há também os medos típicos da infância que muitas vezes merecem o mesmo acompanhamento; há o transtorno caracterizado pela presença de retraimento com relação a estranhos e temor ou medo relacionado com situações novas, inabituais ou inquietantes; há também crianças que se perturbam, durante uma fase da infância, pelo nascimento de um irmão. Esse comportamento pode ser tratado psicologicamente, porém pode ser administrado pelos pais se não evoluir para a agressividade incontrolável.

Há uma categoria de perturbações das coordenações motoras fina e grosseira ou vocalização descontrolada conhecida com o nome de tiques. Um tique é um movimento motor (ou uma vocalização) involuntário, rápido, recorrente e não-rítmico (implicando habitualmente grupos musculares determinados), ocorrendo bruscamente e sem finalidade aparente. Os tiques são habitualmente sentidos como irreprimíveis, mas podem em geral ser suprimidos durante um período de tempo variável. São freqüentemente exacerbados pelo estresse e desaparecem durante o sono. Os tiques motores simples mais comuns incluem o piscar dos olhos, movimentos bruscos do pescoço, levantar os ombros e fazer careta. Os tiques vocais simples mais comuns comportam a limpeza da garganta, latidos, fungar e assobiar. Os tiques motores complexos mais comuns incluem se bater, saltar e saltitar. Os tiques vocais complexos mais comuns se relacionam à repetição de palavras determinadas, às vezes com o emprego de expressões socialmente reprovadas, freqüentemente obscenas e a repetição de seus próprios sons ou palavras.

Os tiques motores geralmente estão associados a eventos de natureza espiritual. Em alguns casos se devem a algum movimento repetitivo que o indivíduo fez em vidas passadas, do qual se sente culpado. Outras vezes se devem a movimentos executados por espíritos que se ligam ao encarnado que os repete inconscientemente, bem como reações motoras a provocações de desencarnados. Em ambos os casos, os tratamentos recomendados são: psicológico, pois o indivíduo geralmente apresenta dificuldades em aceitar e entender o tique; médico, a fim de reduzir a ansiedade; espiritual, com o intuito de se tentar remover suas causas geradoras. Os tiques vocais podem ter as mesmas origens dos motores. As palavras pronunciadas de forma desconectada podem ser: respostas a provocações oriundas de espíritos desencarnados que obsidiam o indivíduo; respostas a interrogações que ressoam na mente do indivíduo decorrentes de eventos vividos em outras encarnações, os quais, pela sua forte carga de

culpa, ainda exigem reparação; e, por fim, repetição inconsciente de sons por interferência mediúnica. Os tratamentos são os mesmos dos tiques motores.

Há uma categoria de transtornos comportamentais e emocionais cujo início habitualmente ocorre durante a infância ou na adolescência, os quais quando acontecem isolados de outros transtornos, devem ser tratados especificamente. São eles: a) enurese de origem não-orgânica – micção involuntária, diurna e/ou noturna, anormal; b) encoprese de origem não-orgânica – emissão fecal repetida, involuntária ou voluntária, habitualmente de consistência normal ou quase normal, em locais inapropriados a este propósito, tendo-se em conta o contexto sócio-cultural do sujeito; c) malacia do lactente ou da criança – consumo duradouro de substâncias não-nutritivas – por exemplo, terra, lascas de pintura, etc); d) estereotipias motoras, não ligadas a um transtorno psiquiátrico ou neurológico identificado, com movimentos intencionais, repetitivos, estereotipados, desprovidos de finalidade (e freqüentemente ritmados) – balançar o corpo, balançar a cabeça, arrancar os cabelos, torcer os cabelos, estalar os dedos e bater as mãos, bater a cabeça, esbofetear a face, colocar o dedo nos olhos, morder as mãos, os lábios ou outras partes do corpo; e) gagueira ou tartamudez; f) roer unhas; g) sucção do polegar.

A maioria dos transtornos desse último parágrafo se faz acompanhar de outros sintomas nem sempre perceptíveis aos pais. Todos requerem tratamento psicológico adequado. A maioria é decorrente de problemas de fundo emocional relacionados com a infância ou com processos e experiências de vidas passadas. O tratamento espiritual é recomendável.

A classificação do CID-10 pretende reunir todos os sintomas que afetam a vida psíquica do ser humano, porém não leva em consideração aqueles decorrentes das obsessões espirituais, nem tampouco os oriundos das experiências *cármicas*. São considerados transtornos aqueles que apresentam algum sintoma de alteração nas seguintes áreas da atividade humana:

1. Consciência, atenção, orientação, vontade, vivência do tempo e do espaço (unidade e identidade do eu);
2. Memória, no que diz respeito à fixação, retenção e evocação;
3. Inteligência (retardo e demência);
4. Linguagem;
5. Sensopercepção, seja quantitativa (hiper e hipo-estesia e analgesia) ou qualitativa (ilusão e alucinações);
6. Pensamento (forma, curso e conteúdo);
7. Conduta (atividade do eu, juízo da realidade e eu *versus* realidade);
8. Afetividade (euforias, elação, exaltação, êxtase, ansiedade, depressão, apatia, inapropriação, ambivalência, medos, fobias, pânico);
9. Psicomotricidade, incluindo a hiper e a hipo-atividade, os tiques, a enurese, as compulsões, as atividades repetitivas estereotipadas.

As alterações observadas geralmente decorrem ou são iniciadas após certas experiências aversivas na vida do ser humano. Há momentos que, seja pela emoção própria da situação, seja pela semelhança com fatos vividos no passado da vida atual ou de encarnações passadas, promovem alterações psicológicas e/ou perispirituais. São exemplos desses momentos que proporcionam tendências à existência e instalação de transtornos psíquicos:

1. Morte de uma pessoa próxima sem a devida consciência da imortalidade da alma;
2. Separação conjugal litigiosa ou grave desilusão amorosa;
3. Morar sozinho sem internalização do significado da solidão;
4. Desemprego ou descontrole financeiro;
5. Abandono materno ou paterno;

6. Abuso ou carência sexual;
7. Trauma de infância;
8. Deficiência física não resolvida psicologicamente;
9. Baixa auto-estima ou rejeição;
10. Pavor da morte;
11. Ateísmo;
12. Ocorrência de fenômenos mediúnicos.

É preciso que não esqueçamos da responsabilidade pessoal no que diz respeito às obsessões nos transtornos psíquicos, pois todos somos responsáveis pela qualidade dos espíritos que atraímos e não vítimas deles.

A psicopatologia da alma é provocada pelo egoísmo e pela ausência de referencial superior para a própria vida. Quando ela é dedicada à construção da personalidade em consonância com o *espírito* da própria época em que se vive, afastam-se as possibilidades dos transtornos psíquicos.

No meu trabalho como psicólogo clínico não enxergo os doentes como simples casos de patologia. Muitas vezes eles são doentes por que não conseguiram perseguir seu próprio modelo de vida. Afastaram-se demasiadamente de sua própria busca. Perderam-se no labirinto escuro das próprias criações psíquicas. Querem fazer o caminho de volta e a doença é a alternativa mais rápida. A doença é mero recurso instintivo para o retorno à saúde. Muitas vezes vejo em meus pacientes algo diferente da doença que me querem mostrar. Percebo que sua dificuldade está em se adaptarem à sociedade que lhes exige comportamentos padronizados e tipicamente “sadios”.

Ao se observar os sistemas que classificam os distúrbios e transtornos psíquicos, percebe-se que não há limites entre o que é e não é psicopatológico na *psiquê*. Não há limites entre a “neurose” e a “psicose”, ou mesmo em outras “doenças” emocionais. Há uma deficiência no modelo e na forma como o indivíduo é visto e compreendido.

Existem transtornos psíquicos gerados pela deficiência na aparelhagem cerebral, e a grande maioria deles se deve à impossibilidade psicológica do *ego* em lidar com os conteúdos do inconsciente, assim como, muitas vezes, com os da consciência. A patologia psíquica não é decorrente de uma disposição química como querem os adeptos da psiquiatria farmacológica, pois a rigor não existem doenças, mas doentes. O problema está na alma e não necessariamente no corpo. A doença é uma mensagem enviada para o favorecimento da cura, a fim de que o doente entenda que ele não é uma vítima da natureza, mas o autor de seu próprio desequilíbrio. O corpo é uma totalidade e um campo físico, magnético e simbólico. A doença é a perda da harmonia e o questionamento de uma ordem que interrompe o fluxo da Vida. Ela é um sintoma visível de um processo oculto. A cura do doente não se dá com a simples erradicação da doença, mas com a integração da causa.

Um martelo quebrado não consegue pregar adequadamente o prego. O desejo de pregar não pertence nem ao prego nem ao martelo. Nenhum dos dois sabe do que se trata. Ambos apenas obedecem ao impulso de uma inteligência que deseja pregar algo. Por analogia podemos entender que uma doença pode estar no instrumento da inteligência que deseja pregar como também nela que pode desejar pregar algo inadequadamente. As neuroses, as psicoses, a esquizofrenia, os transtornos psíquicos, a síndrome de pânico, as alucinações, dentre outras afecções, não são doenças em si, mas apenas a forma encontrada para descrever sintomas, sem se saber a real causa por detrás.

Não basta descobrir e denominar os *complexos* psicológicos ou ainda os transtornos psíquicos sem lhes buscar as causas. Tampouco aliviar o sofrimento do ser humano, embora meritório e necessário, através de medicações, apontará os motivos pelos quais a alma adoce. Certamente que esses motivos se encontram nas experiências pregressas do espírito que, enfermo da mente, apresenta os sintomas em seu comportamento. Apontar

as causas como decorrentes das experiências equivocadas de vidas passadas elucidam-nos quanto à origem, porém nos leva a continuar a busca da causa que, invariavelmente, está em seu mundo íntimo e no modo como ele apreende a lei de Deus.

É na nossa ignorância quanto ao uso do impulso criador, da energia da Vida, sobretudo quando ele se apresenta como energia sexual, que reside a causa principal dos transtornos psíquicos. Não é o sexo a origem dos nossos problemas emocionais ou psicológicos nem tampouco é ele o gerador da vontade, porém, pela excessiva valorização de seu uso, resvala-se pelas experiências conflitantes da Vida.

O psicopatológico visto como o abrir do inconsciente sem a oportuna discriminação da consciência necessita não apenas de medicação aliviadora, mas, sobretudo de esclarecimento e consolo. À mente, em desarmonia consigo mesma, necessita ser devolvido o foco da realidade.

Doenças como o câncer, geralmente decorrentes de complexos processos emocionais intensos e negativos iniciados em vidas passadas, podem ser resolvidas na atual encarnação desde que o espírito refaça sua vida íntima, reveja suas emoções e trabalhe aquelas que estão em desarmonia.

A psicopatologia está relacionada com a “abertura” do inconsciente e com a convivência psíquica de “realidades” distintas. As experiências vividas em encarnações passadas, gravadas no perispírito, se sobrepõem àquelas da vida atual que lhes são semelhantes em alguns aspectos. O que chamamos de psicopatologia é a inadaptação psíquica dos contextos (as experiências das vidas passadas e a consciência atual). Isto é possível – a adaptação – quando o *ego* se encontra estruturado. A psicopatologia via de regra é a renúncia do *ego* à realidade social que lhe é imposta/apresentada pela Vida.

Precisamos penetrar no domínio do Espírito propriamente dito além de investirmos nos métodos de cura de seus males. É importante valorizarmos a função das ciências curadoras da alma,

porém é também fundamental o estudo daquela que lhe esclarece sobre si mesmo.

Os problemas neurológicos e genéticos, os quais alteram o corpo físico, também são capazes de provocar distúrbios psicológicos, visto que é o cérebro que transmite o que vem do perispírito e do Espírito. Os transtornos emocionais, psicológicos e mentais, em sua maioria se devem a problemas radicados no perispírito, por conta das experiências do Espírito em vidas passadas. Há ainda aqueles que, embora não se encontrem no perispírito, provocam os mesmos transtornos, pois são decorrentes da obsessão.

Mais do que propor uma cura para a alma é preciso que entendamos os intrincados mecanismos sutis das leis de Deus a fim de que alcancemos o Espírito, que é o senhor de seu próprio processo.

Amor

É o impulso gerador da Vida que nos impele ao Bem; ao belo, ao digno e àquilo que nos parece melhor. É a Vontade que nos leva de retorno ao Criador dentro de nós mesmos. É a descoberta da existência de um sentimento que transcende o desejo e a vontade.

O amor promana do Espírito e se torna possível sua percepção quando ele adquiriu pelo menos alguns fragmentos das leis de Deus. Embora a força que impulsiona uma porção de matéria à outra seja reflexo do amor de Deus, ambas as partes não têm “consciência” do amor. O amor é um ato consciente e só é possível a partir de determinado nível de evolução do Espírito. Os animais, portanto, não amam. Nos Espíritos ainda em estágios iniciais da evolução, ele se encontra embrionário. A aquisição das leis de Deus é que possibilitará sua manifestação consciente.

O amor entre duas pessoas pressupõe: semelhança de ideais, identidade de propósitos espirituais e atração física. Nem sempre esses parâmetros estão presentes numa relação, visto que, às vezes, a semelhança de ideais, por exemplo, está baseada na carência ou necessidade.

Quando estamos amando nos colocamos em sintonia com a energia da criatividade universal e nos conectamos ao sentido fomentador da Vida. Alimentar o sentimento de amor nos permite a conexão com as forças superiores da Natureza e a ampliação

da consciência para a compreensão da Vida. É nesse sentimento que Deus se revela.

As experiências nas quais as emoções estão presentes, a paixão aparece e os sentimentos se consolidam, servem como alicerces estruturadores da manifestação do amor. A racionalidade nos distancia da vivência do amor. É preciso viver as experiências da vida com a intensidade emocional equilibrada a fim de não passarmos por ela sem aprendermos.

Ama quem permite a vida fluir na direção da harmonia e da paz. O Espírito, quando se permite sentir o amor, irradia em torno de si vibrações, as quais possibilitam o crescimento de quem está a sua volta. Mobiliza energias curativas e benéficas em favor do que faz.

O sentimento de amor emana do Espírito e não necessita de intermediários para manifestar-se, visto que atravessa o perispírito na direção da Vida.

No nível de evolução em que o ser humano se encontra é o máximo sentimento possível. Ainda precisamos ampliar as manifestações do amor. Desconhecemos sentimentos acima dele, os quais, provavelmente, ocorrem para seres mais adiantados na escala evolutiva.

Sua manifestação na direção de alguém se torna possível quando o ser já o integrou a si mesmo, de acordo com a máxima “*amar ao próximo como a si mesmo*”. Ninguém ama alguém se não possuir o sentimento em si mesmo, isto é, se ainda não o internalizou.

São necessárias muitas encarnações, muitas experiências em cada uma delas, para que se alcance o amor desinteressado e livre de necessidades.

O importante corolário “Amai-vos e Instruí-vos” tão bem divulgado entre aqueles que se dedicam ao estudo da Doutrina Espírita deve nos remeter à percepção do significado dos dois verbos. Amai-vos pode ser entendido de duas formas distintas e complementares. Amar uns aos outros, num convite à união, e

amar buscando desenvolver esse sentimento em si mesmo. Instruí-vos parece ter sido colocado no sentido de aprender as leis de Deus. É importante também entendermos que o amor não é um sentimento a ser cultivado sempre de dentro para fora. Ele deve ser o sustentáculo do próprio Espírito, isto é, não basta amar o próximo, é preciso **ser amor**, no sentido de tornar-se amor. O instruí-vos não significa apenas conhecer e aprender sobre aquilo que está fora do ser humano, isto é, a Natureza. É preciso também se conhecer, no sentido de se tornar sábio.

O Espírito evolui na busca do Amor de Deus e se descobre amor em si mesmo.

Sexo

O que escrever a respeito de algo sobre o qual já se disse praticamente tudo, muito embora ainda continue sendo um mistério para muitos? É uma palavra que resume uma série de atos e desejos da Vida, na qual os seres, sejam plantas, animais e o próprio humano, já vivenciaram múltiplas vezes. Tentarei escrever sobre o tema excluindo a questão moral pela complexidade de que se reveste.

Parece-me, observando a história da humanidade e as diversas culturas, que o sexo tem sido um dos motivos principais que o ser humano encontrou para expressar sua ânsia de viver. Ele foi e é, para muitos, a forma mais poderosa de prazer.

Diz-se que a energia sexual é poderosa. Talvez devêssemos entender que o desejo humano de viver é extremamente poderoso quando ele coloca um motivo para o qual dirige sua vontade. A vontade de viver do ser humano, muitas vezes dirigida para o sexo, é reflexo de sua busca em encontrar-se a si mesmo e a Deus.

Seu desejo interno, seu motivo de realização ou sua busca superior tem sido expressado no êxtase da comunhão sexual. Repetidamente a cada encarnação identificando-se com o corpo e considerando-o como sendo a única expressão de si mesmo, é obvio que o orgasmo sexual tenha sido tomado como o máximo do prazer e da sensação de felicidade.

Na medida que experimenta outras formas de prazer e concebe a felicidade como um *estado de espírito*, não mais tomará o sexo como motivo principal de sua própria existência. Entenderá ele como uma modalidade de uso de sua energia fomentadora de Vida.

Como tudo que está ligado ao instinto gera automatismo, o sexo também pode levar o ser humano à dependência e a considerá-lo estímulo fundamental para sua felicidade. Nesse caso, a questão não está no sexo, mas no corpo que possui “inteligência” instintiva que exigirá satisfação. O controle e o domínio do instinto ativado exigirão extinção do condicionamento e dessensibilização sistemática.

Quando o sexo sai do domínio do instinto corporal, torna-se instrumento de realização pessoal e de estimulação à criatividade.

Nos primórdios da evolução, quando o princípio espiritual “estagiava” nas formas primitivas da natureza, a polarização atrativa estabeleceu a diferença que daria origem futuramente à atração sexual e conseqüente designação masculina ou feminina. Mais do que uma questão anatômica ou energética essa polarização resume atitudes para com a Vida.

Podemos entender que o psiquismo que evolui desde os primórdios da Criação essencialmente constitui-se de um mosaico muito grande de possibilidades de simbolização e manifestação de sua existência. *A psiquê* humana é uma obra de arte, tão rica quanto a própria Natureza.

O ser espiritual na sua essência não é masculino nem feminino, tampouco é neutro. Em essência, dada sua complexidade, ele é uma singularidade em tudo que se manifesta. No que diz respeito ao sexo pode-se entender que cada ser espiritual se apresenta com características próprias, não se detendo em definições clássicas ou com a preocupação de rotular-se dentro desse ou daquele conceito social. O ser é uma diversidade em matéria de expressão sexual. Por força da cultura, do meio e de sua própria

identidade e preferência, adota essa ou aquela designação, porém essencialmente ele é todas as possibilidades.

A anatomia corporal é um ditame da evolução a fim de que o espírito, com aquele veículo, apreenda as leis de Deus. O perispírito é “programado” para plasmar o corpo humano com características anatômicas pré-definidas geneticamente. Certamente que em outros estágios evolutivos encontrará fisicamente múltiplas possibilidades de manifestar sua diversidade interior.

Ao inserir-se numa cultura e num corpo e também por sua própria necessidade, adota características externas, de acordo ou não com a anatomia sexual, para se manifestar. Alguns, por insatisfação, resvalam nas teias perigosas do transexualismo, sem entender que o corpo, tal qual ele foi plasmado, é oportunidade de crescimento e aprendizado.

Os limites impostos pela evolução na Terra, ao proporcionar apenas dois tipos de anatomia sexual ao Espírito, decorrem da necessidade, no estágio evolutivo em que ele se encontra, de aprender com a impossibilidade de manifestar sua verdadeira natureza íntima.

O sexo não está necessariamente no Espírito, mas, por força da correlação psíquica envolvida no seu exercício, se estrutura na mente. A mente é concebida como função perispiritual, abrigando os vários processos cognitivos e emocionais. A atividade sexual tanto quanto o desejo e o prazer resultante se encontram no perispírito e no corpo físico.

Prazer

É muito comum o ser humano viver em busca de obter prazer em tudo que faz e deseja. Parece ser algo tão natural que faz parte da cultura de todas as sociedades. Nem sempre, porém, o ser humano o faz de forma saudável e em vistas ao seu progresso espiritual.

Distingo prazer de satisfação emocional, considerando que aquele se situa na ligação com a matéria, portanto dependendo dos sentidos, e aquela transcende essa conexão sendo de natureza subjetiva.

A satisfação emocional é um estado de felicidade que conecta o Espírito aos conteúdos de seu perispírito que lhe trouxeram e trazem íntima ligação com a criatividade e o amor.

Na essência do prazer está o retorno à sensação primitiva do ser espiritual, nos primórdios da criação divina. O prazer nasce da ligação do ser com a matéria primordial. É no início de sua evolução que se enraíza o prazer, fruto do contato do Espírito com a matéria.

O prazer está no corpo físico e a satisfação emocional está no perispírito. Prazer precisa do corpo e a satisfação emocional prescinde dele ou de qualquer mecanismo que não seja psíquico para alcançá-la.

O prazer é alcançado graças a estímulos ambientais, externos. A satisfação emocional utiliza-se dos estímulos internos e alcança a alma em sua essência.

Muitas vezes o prazer se confunde facilmente com a dor, pois ambos pertencem ao corpo físico. No prazer o indivíduo necessita de algo externo, o que o transforma em objeto, abdicando de sua condição de sujeito. Ele passa a depender do corpo, submetendo-se aos instintos.

O indivíduo torna-se sujeito quando tem o domínio e o equilíbrio do prazer do corpo e sabe obter a satisfação emocional independente dele.

A estimulação do prazer pode levar o indivíduo ao aumento de seu limiar, exigindo-lhe cada vez mais altas doses de recompensa para sua obtenção. Essa prática introduz o vício, face ao automatismo corporal, induzindo tendências psicológicas de difícil reversão. O prazer e a dor caminham juntas por se localizarem no corpo.

O prazer é distinto da felicidade. O ser humano foi feito para a felicidade. A felicidade é um estado permanente no qual o Espírito se sente uno com Deus. O fim do ser humano não é o prazer, mas a felicidade.

O prazer é uma sensação física. O princípio do prazer nos leva à fuga da realidade espiritual, isto é, nos aproxima do estado de inconsciência.

Dor e Sofrimento

Faço também distinção entre dor e sofrimento. A dor, como disse antes, situa-se no corpo e o sofrimento pertence a instâncias subjetivas perispirituais. Portanto doer é diferente de sofrer. O sofrimento pressupõe conexão com eventos passados, os quais provocaram sensações e emoções geradoras de sentimentos de perda, rejeição, derrota, abandono, culpa, mágoa, dentre outros.

A dor é uma sensação física e o sofrimento uma percepção do Espírito. A repetição dos processos que causam dor pode levar ao sofrimento. O sofrimento pode promover renovação e experiência quando o Espírito dele se utiliza para refletir sobre suas experiências pregressas, valorizando os efeitos em vivenciar o amor.

O sofrimento surge como conseqüência de atos e pensamentos do ser em evolução; não se constitui em punição deliberada como alternativa de reparação a erros cometidos.

A apologia ao sofrimento como forma de evoluir, não deve ser buscada, visto que a escolha representa defecção em si mesma. O amor é sempre a forma adequada de buscar o conhecimento das leis de Deus. O sofrer é opção construída pelo próprio indivíduo, por ignorância.

Há pessoas que escolhem o sofrer, não por opção para evoluir, mas por entenderem ser a única via de solucionar seu conflito.

A conexão com o sofrimento parece promover o retorno do indivíduo a si mesmo. Isso o leva a repensar sua vida e a tentar buscar uma ligação maior com aquilo que acredita ser Deus. Muitas vezes consegue conectar com um padrão de lamentação e de consolo que o reconforta, mas não lhe acrescenta crescimento espiritual. Às vezes, o sofrimento faz o indivíduo conectar-se com Deus quando também se liga com sua própria força interior, isto é, com o deus interno.

O sofrimento também possibilita o aumento do campo de percepção do ser pelas ligações que automaticamente faz com o inconsciente, ampliando a consciência para a busca do crescimento espiritual. Esta possibilidade estará condicionada ao estado psíquico e à auto-estima do indivíduo, a qual não deverá permitir um padrão de tendência derrotista e lamentosa.

Os processos de sofrimento que se experienciam nas várias vidas e que se acumulam psiquicamente exigindo compreensão e transformação, não alcançam a consciência, em face do mecanismo reencarnatório do esquecimento do passado. O esquecimento na reencarnação torna-se uma espécie de defesa contra o “sofrimento” acumulado.

A dimensão que emprestamos ao sofrimento, ou melhor, a energia com que focamos os processos que nos causam desconforto é fator fundamental para sua permanência.

A saída do padrão de sofrimento é proporcionada quando se busca conexão com os propósitos pessoais da existência. Os objetivos de vida e as finalidades pela quais se pretende viver devem ser motivadores para a mudança do padrão que caracteriza o sofrimento. Embora ele possa, e o faz, ampliar as percepções da alma, não significa dizer que deve ser buscado para o crescimento espiritual. Caso ele ocorra, por força de mecanismos expiatórios, deve ser encarado como oportunidade de alcançar as forças interiores da alma em equilíbrio e harmonia com a própria vida.

Saudade

A saudade é um sentimento comum a todo o ser humano, muito embora as expressões variem nas diversas culturas. Embora a palavra possa não ter tradução em outras línguas, o mesmo não ocorre com o sentimento que está presente na alma humana. Sentir vontade de ver outrem, de tocar, de conversar, de presentear, de conviver, bem como de amar, é típico desse sentimento.

Ela permite que o Espírito restabeleça seu referencial de vida e que recupere as emoções e sentimentos vividos com o outro. As emoções e sentimentos elaborados na convivência com o outro voltam à consciência quando a saudade ocorre. Basta que algo que lembre o outro apareça à consciência, ou mesmo de forma inconsciente, para que a saudade retorne.

A saudade é uma espécie de formação de um conjunto de outros sentimentos que tomam o indivíduo, às vezes de forma abrupta e inconstante. É uma reação emocional às exigências internas de conectar-se com o que existe no outro que proporciona felicidade e contentamento. Os mecanismos de defesa da projeção e da transferência permitem que a saudade assuma a consciência.

Ela está presente no psiquismo perispiritual e permite que o ser, quando a satisfaz, recupere energias e recomece nova trajetória de crescimento. Quando ela não é satisfeita, costuma levar o indivíduo a um padrão de falta e desconexão a si mesmo. Na

impossibilidade de atendê-la deve o indivíduo, além de relembrar os momentos de contato com o outro, trazer à consciência a energia positiva que o outro lhe proporcionou.

Ela pode ser ativada pela carência e pela solidão, o que poderá tornar, quando não satisfeita, difícil a liberação da energia positiva desejada.

Nos casos em que o outro se encontra no mundo espiritual ou, quando encarnado, em local incerto ou impossibilitado de estabelecer a conexão desejada, o melhor a fazer é voltar-se para si mesmo e estabelecer outro foco de interesse e atenção.

Às vezes sentimos 'saudade de casa' sem sairmos dela. É uma saudade de um lugar que não sabemos onde se localiza, de pessoas que desconhecemos, de emoções que não reconhecemos, de situações nunca vividas. É um sentimento de saudade que nos chega, em alguns momentos, de algo incerto, como se estivéssemos sendo chamados à pátria espiritual. É a saudade de estarmos na posse plena de nossas capacidades espirituais. Sentir essa saudade pode ser um importante momento para que nos conectemos a Deus através da oração.

Linguagem

O Espírito se comunica de duas maneiras distintas. Uma diretamente com Deus, visto que emana d'Ele e a outra através do perispírito, sua ligação com a matéria. A primeira significa uma conexão total e singular com o Criador e impossível de ser cortada. O ser sempre estará n'Ele e a Ele ligado. As religiões falam em re-ligação, porém nunca houve desligamento. A palavra e a ação querem significar a focalização das motivações na direção do amor e da paz. A segunda diz respeito aos processos indiretos de comunicação do Espírito com o Universo. Sem o perispírito, na condição de Espírito Puro, a comunicação com o universo transcende qualquer percepção cognitiva.

A linguagem verbal é a forma exterior de comunicação, sem ser a expressão essencial do Espírito. Tampouco o pensamento o é, visto que, ele também, por sua vez, é expressão gerada no perispírito. A palavra é apenas uma expressão limitada do pensamento, o qual, por sua vez, também é uma limitação à verdadeira natureza do Espírito. Emoções e sentimentos construídos pelo ser espiritual necessitam de expressão adequada para seu próprio crescimento. O pensamento e a linguagem são resultantes desse processo de exteriorização.

Antes de alcançar o perispírito, a vontade existente no Espírito, quando desejoso em se comunicar, permite-lhe conectar-se às vibrações universais oriundas de outros Espíritos, na mesma

sintonia e no mesmo nível de evolução.

A cultura valoriza a linguagem como instrumento de inserção do ser no mundo sem, no entanto, considerar que ele pertence ao mundo independente dela. Ela é instrumento de manifestação, mas não lhe determina a existência. Os idiomas, bem como as formas de comunicação instituídas pela cultura, refletem o predomínio da separação entre o ser e a linguagem, em lugar da percepção una do Espírito. A busca louvável e importante de um idioma único não deve ser motivo do esquecimento das diferentes emoções e sentimentos de cada cultura, sob pena de se construir uma linguagem fria e distanciada do Espírito.

A linguagem do Espírito é a emanção de Deus. Sua expressão direta traduz o fluxo do amor divino. As várias formas de comunicação, em todos os níveis de relação entre os seres da Natureza refletem o amor de Deus. Os idiomas da Terra expressam as diversidades culturais humanas e têm sua existência efêmera. Um dia, e não será apenas através da palavra, nos entenderemos ‘em espírito e verdade’.

Do ponto de vista material, nada é possível fora da linguagem. Por extensão pode-se dizer que nada é possível fora do pensamento. Porém o Espírito não depende nem de um nem de outro para expressar sua essência.

A importância da linguagem, ou melhor, do expressar-se pela fala, gestos, mímicas, artes ou outra forma material de comunicação está nas possibilidades de relação que se estabelece. É nas relações que o Espírito apreende as leis de Deus. É fundamental, por isso, que o ser humano expresse seu mundo íntimo. Fale de sua vida interior para que ela se revele a ele mesmo. É fundamental para evoluir, o confessar-se. Falar de si mesmo com naturalidade. Não ter receio de falar de seus próprios defeitos, pois, dessa forma, poderá entender-se. Falar das aspirações, dos sentimentos, das emoções, dos incômodos internos, das inquietações pessoais, isto é, de tudo que esteja no limiar do inconsciente e disponível para assumir a consciência. São temas que exer-

cem pressão na consciência exigindo exteriorização. Bloqueá-los ou reprimi-los consumirá energia psíquica e necessidade de liberação futura.

A linguagem verbal, a expressão visual, a comunicação afetiva e emocional, a não-verbal, a telepática, a interna (do inconsciente), são emanções do Espírito. Em todas elas seu desejo é expressar o amor de Deus.

Imagem

A imagem é uma representação da idéia. Sua existência decorre de propriedades da matéria em se adequar à idéia diretora, oriunda do Espírito. Por detrás da imagem existem milhões de informações, sensações, emoções, pensamentos e sentimentos.

A imagem é um símbolo a ser decodificado e compreendido como consequência e não causa. Sua expressão é fruto da cultura, da época, do meio, da consciência e do inconsciente de quem a elabora.

As imagens com as quais nos afinamos e que nos alcançam a motivação, bem como aquelas que nos incomodam, falam de nós mesmos, pois apresentam aspectos desconhecidos de nossa personalidade.

As formas materiais captadas pela mente consciente não são coisas em si, mas tão somente representação de algo incognoscível e inacessível. Só o Espírito percebe a coisa em si. O Universo é uma representação do inconsciente humano e revela a diversidade das capacidades ali existentes. Percebemos o Universo como ele o é, em face da existência de capacidades humanas padronizadas. Todos os Espíritos, em face da configuração pré-definida por Deus, iniciam o processo de desenvolvimento espiritual da mesma maneira. As imagens captadas nas experiências sucessivas, em contato com a matéria, vão se

superpondo e fornecendo possibilidades novas de apreensão do Universo.

O saber sobre algo não implica em atingir o objeto. A palavra, a imagem e o conceito, não são o objeto. A imagem é tomada como sendo o objeto, visto que este não é acessível à experiência imediata.

Quando imaginamos, isto é, quando superpomos imagens carregadas de conteúdo emocional, fornecemos energia para evocação de experiências do inconsciente. A imaginação é uma atividade altamente dinâmica que mobiliza conteúdos psíquicos. Ela pode nos conectar ao que é inacessível à lógica. Leva-nos às fronteiras do corpo com o perispírito. A imaginação, como a fantasia, permite o encontro da imagem externa com o que existe internamente na *psiquê*. Esse encontro pode nos levar à essência das coisas.

A imaginação é um meio que o *ego* pode utilizar para um contato maior e mais íntimo com o inconsciente. Através dela, pode-se estabelecer conexões com experiências de vidas passadas, trazendo à tona, de forma consciente e equilibrada, processos dolorosos ou não.

Da mesma forma que se pode conectar com conteúdos psíquicos de vidas passadas, pode-se também estabelecer contatos com entidades espirituais. A mediunidade intuitiva, que funciona de forma sutil, ocorre em estados de consciência à semelhança da imaginação.

A imaginação libera certos mecanismos de defesa do *ego*, os quais impedem a ligação com conteúdos do inconsciente, permitindo que se estabeleçam as conexões mediúnicas naturais.

Longe de ser criação deliberada, a imaginação obedece a certos automatismos psíquicos que reúnem conteúdos disponíveis no inconsciente à espera de expressão consciente.

Mesmo que se queira imaginar algo completamente lógico e racional, usando conteúdos conscientes, estes também se aglutinarão segundo um ditame do inconsciente. As escolhas que

o *ego* faz são contaminadas pelos processos inconscientes.

A imaginação pode ser importante instrumento para se lidar com conteúdos inconscientes. Ela pode, por associação, trazer à consciência conteúdos inconscientes que exercem pressão inconseqüente exigindo integração. A imaginação pode se tornar um mecanismo de simbolização de conteúdos inconscientes até que cheguem adequadamente à consciência.

Arquétipo

Buscando conceber uma base para o funcionamento da *psiquê* e, ao mesmo tempo, estabelecendo uma estrutura que justificasse a gama dos fenômenos humanos, Jung intuiu o conceito de arquétipo. Ele penetrou na essência da criação do Espírito, no que diz respeito ao seu contato primitivo com o mundo.

O arquétipo é um conceito que representa uma estrutura psíquica pertencente à mente. Por ele passa o impulso criador oriundo do Espírito. É uma palavra que define uma tendência a alguma ação e que está presente no psiquismo de todo ser humano. É um conceito que afirma a existência, no psiquismo individual, de tendências a agir coletivamente. Eles são as matrizes coletivas sobre as quais erigimos nossa individualidade. Originaram-se a partir das experiências repetidas que, embora automatizadas no corpo físico, geraram matrizes psíquicas. Não são tendências instintivas, visto que não pertencem ao corpo, mas ao perispírito. Os instintos não são perispirituais, mas orgânicos. Eles se enraízam no corpo vital e são a “inteligência” do organismo. Os arquétipos estão para o perispírito da mesma forma que os instintos estão para o corpo físico.

Os arquétipos são formas virtuais e configurações da *psiquê* automática. Eles não são passíveis de percepção direta, mas sim através de representações e de imagens.

São na verdade **vetores das tendências da vontade**, a

qual se submete ao direcionamento deles. Sua estruturação se inicia no contato do Espírito com a matéria através do perispírito. Portanto o arquétipo é uma estrutura funcional do perispírito e nele se enraíza. Não é um órgão fisiológico, mas um princípio de concepção e formação do pensamento e, por conseguinte, das emoções, sentimentos e ações.

O arquétipo não é uma estrutura concebida a priori ao Espírito. Ele se forma na sua ligação com o mundo. Fazendo uma comparação, pode-se dizer que o arquétipo primordial do ser é sua tendência ao encontro com Deus. Esse seria, então, o primeiro arquétipo e, talvez, o único a priori.

O arquétipo é uma espécie de funil por onde a vontade, o desejo, a motivação e o impulso criador atravessam, em busca de realização. Configura-se como um arranjo espacial na *psiquê*.

O Inconsciente Coletivo ou a *Psiquê* Objetiva é o nome dado por Jung para os conteúdos da estrutura psíquica, a qual consta em todo ser humano e que se constitui de arquétipos.

Jung escreveu que *“Os arquétipos são sistemas de prontidão que são ao mesmo tempo imagens e emoções. São hereditários como a estrutura do cérebro. Na verdade é o aspecto psíquico do cérebro. Constituem, por um lado, um preconceito instintivo muito forte e, por outro lado, são os mais eficientes auxiliares das adaptações instintivas. Propriamente falando, são a parte ctônica da psique – se assim podemos falar – aquela parte através da qual a psique está vinculada a natureza, ou pelo menos em que seus vínculos com a terra e o mundo aparecem claramente. Os arquétipos são formas típicas de comportamento que, ao se tornarem conscientes, assumem o aspecto de representações, como tudo o que se torna conteúdo da consciência. Os arquétipos são anteriores à consciência e, provavelmente, são eles que formam os dominantes estruturais da psique em geral, assemelhando-se ao sistema axial dos cristais que existe em potência na água-mãe, mas não é diretamente perceptível pela observação. Do*

ponto de vista empírico, contudo, o arquétipo jamais se forma no interior da vida orgânica em geral. Ele aparece ao mesmo tempo que a vida. “Dei o nome de arquétipos a esses padrões, valendo-me de uma expressão de Santo Agostinho: Arquétipo significa um “Typos” (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore.”

Suas palavras me fazem entender que ele estava se referindo a algo virtual, além da estrutura do corpo físico e que permeia os comportamentos coletivos do ser humano. Algo que o leva além de sua própria individualidade e que não o diferencia dos demais seres humanos. Que não se encontra nem no Espírito nem no corpo, mas na estrutura intermediária que liga um ao outro.

Identidade, Individualidade e Personalidade

Podemos pensar que o espírito, o ser humano, é algo incognoscível em si, porém quando ele se expressa (se manifesta) ele é e será sempre algo de si mesmo e do meio no qual se apresenta. Em suas manifestações externas ele sempre revela aspectos de sua essência mesclados a outros do meio no qual se apresenta. Sempre que se expresse será individual e coletivo ao mesmo tempo.

Sua identidade estará condicionada ao momento, ao resultado do acúmulo de suas experiências reencarnatórias e à sua singularidade. Os Espíritos são distintos não só pelas diferentes experiências ao longo da evolução como também pela singularidade que o Criador imprimiu em cada um, no ato da criação. Naquele momento, o Criador, sem estabelecer hierarquia ou injustiça, estabeleceu a unidade de cada ser.

O Espírito logicamente é único em si. Não é possível haver duas coisas iguais, pois a unidade é o fundamento do universo. A diversidade de unidades constitui uma Unidade.

Nossa identidade se faz não apenas pelas aparências ou pelas características intelectuais, emocionais ou sociais adquiri-

das ao longo da evolução, mas principalmente pelo sentido pessoal de existir. Cada um é o que lhe constitui o mundo íntimo, construído por sobre a base da singularidade gerada pelo Criador. Buscar reconhecer em si a própria individualidade, isto é, aquilo que em nós difere dos outros, é fundamental para o crescimento espiritual.

O que distinguiu um Espírito de outro no ato da criação? A resposta não deverá contradizer o princípio da igualdade em Deus. Ele não nos fez em série ou em duplas. Somos singularidades divinas a serviço do próprio processo de auto-iluminação.

A personalidade é a maneira singular pela qual o indivíduo responde ao meio. A personalidade não se resume em atos comportamentais, pois é também e principalmente a estrutura que os modela e que decide sobre as respostas a serem dadas. Alguns atributos do espírito antes de reencarnar serão privilegiados em face das provas a que ele se submeterá. O conhecimento prévio das provas e o meio em que encarnará permitirá que tais atributos sejam discriminados.

O comportamento não define nem resume a personalidade humana. Ele é tão somente um de seus componentes, visto que boa parte do que se pensa e sente não se expressa nas atitudes. Não se pode desprezar a necessidade de estabelecer um conceito dinâmico para a personalidade. Não só pela condição essencial do Espírito como elemento oriundo da força criadora divina, como pela necessidade de entendermos como resultante também da dinâmica da relação com um outro. Por si só o Espírito não se define, visto que sua existência está atrelada à de Deus, e sua personalidade está à de outro ser.

O desenvolvimento da personalidade, a partir da infância, refere-se à retomada do *ego*, ou melhor, à formação de um novo *ego*. É comum se confundir personalidade com *ego*. A estruturação ou consolidação do *ego* se dá por uma integração contínua de fatores motivacionais, emocionais e cognitivos internos. As características do *ego* não englobam os aspectos pertencentes à

personalidade. A formação dela transcende os limites de uma existência e nela estão inclusos os conteúdos inconscientes. O *ego* é apenas uma forma dinâmica e funcional da personalidade se manifestar.

O que chamamos de personalidade não é o Espírito em si, visto que ele não apresenta a gama de sensações, emoções, pensamentos, idéias e sentimentos existentes na totalidade que engloba também o corpo e o perispírito.

Muitas são as possibilidades da personalidade encarnada. Em si, o ser contém as potencialidades divinas e a capacidade de desenvolvê-las. Por conta da cultura e da sociedade nos privamos de manifestar tudo de bom que encerramos em nós mesmos. Acostumamos a projetar nossas melhores qualidades e potenciais em figuras que as apresentaram, acreditando, por vezes, que só elas as possuem. O que o outro possui existe potencialmente em nós. É dever de todo ser humano ir à busca do que realmente é.

A individualidade é o próprio Espírito com suas aquisições das leis de Deus. Ela independe do corpo físico e do perispírito, pois é o *rótulo* de Deus na Natureza.

Sistemas Psíquicos de Defesa

Prefiro substituir a palavra mecanismos, utilizada na Psicologia, por sistemas, a fim de tornar compreensível a forma como o *ego* e a própria *psiquê* utilizam-se de automatismos para adaptar-se a situações que contrariam seus objetivos de realização.

Sistemas de defesa são processos de enrijecimento da *psiquê* necessários à fluidez do crescimento espiritual. Geralmente não há consciência de sua utilização. Não são em si psicopatologias, pois se tratam de processos adaptativos com fim determinado e podem estar a serviço do *Self*. Eles garantem e sustentam um propósito.

O sistema de defesa característico da evolução do Espírito é aquele intitulado de Esquecimento do Passado. O que parece ser uma imposição arbitrária da lei torna-se um sistema necessário à evolução do Espírito. Esquecer não é uma opção, mas um automatismo. Na reencarnação o *ego* vai lentamente se estruturando e se consolidando nas camadas do córtex cerebral. Ele permite à consciência se expressar. A consciência do encarnado se expressa através da química cerebral e se o córtex não estiver formado ou se ainda está em formação não há consciência na realidade material. Aos poucos, com as experiências da vida material, vai se imprimindo no córtex a consciência de existir no

mundo. As experiências então gravadas no perispírito só atingem o córtex na proporção que encontram conexões com outras da vida atual. O esquecimento, então, é automático, por força da impossibilidade de todas as experiências gravadas no perispírito passarem para o novo corpo físico. A consciência da atual encarnação é monitorada por um novo *ego* que nada ‘sabe’ do passado. É possível a passagem de informações do perispírito para o córtex, isto é, para a consciência, desde que haja situações que se assemelhem sensorial ou emocionalmente com outras do passado e que estejam sendo vividas pelo indivíduo.

Outro exemplo de sistema de defesa e que também ocorre no nível perispiritual é quando o ser humano enfrenta, numa existência, um processo extremamente traumático e que lhe causa muito sofrimento. Nesses casos ele tenderá a isolar tudo o que possa lhe fazer lembrar as experiências que fizeram parte dos fatos vividos. Isso se constituirá num núcleo encastelado no inconsciente perispiritual e fará com que o indivíduo evite, na vida atual, viver situações que o aproximem daqueles episódios. Da mesma forma, há episódios vividos em encarnações passadas que trouxeram imensa felicidade ao indivíduo, nos quais ele prefere permanecer, continuando a lembrar-se. Ocorre que, pela necessidade em evoluir, deverá atravessar experiências não gratificantes na encarnação seguinte e tenderá a rejeitá-las, apresentando uma espécie de apatia ao mundo em que vive, pela tendência de estar sempre em busca de não esquecer o passado. Apresentará uma saudade inexplicável, uma nostalgia sem sentido e um desejo de estar em outro lugar, o qual não sabe onde fica. Às vezes, apresenta o desejo inconsciente de morrer. Deliberadamente ou não, foge da realidade numa espécie de autismo inseqüente. Em ambos os casos, a lembrança parcial e controlada do passado seria proveitosa.

O autismo infantil (patológico), não só nos parece uma fuga à reencarnação, seja pela vontade ou não, mas também um sistema de defesa do Espírito, ao que lhe parece extremamente aversivo.

O deus interno

Muito mais importante do que buscar onde se localiza o Criador é perceber sua necessidade para a consciência e a perspectiva da evolução de seu conceito dentro de si mesmo. O conceito que se tem de Deus deve, na medida em que o próprio indivíduo evolui, modificar-se. Um conceito estático a respeito de Deus interfere na evolução do Espírito, visto que não lhe permite a percepção de si mesmo como um ser dinâmico e em crescimento espiritual.

É importante concebermos Deus como Causa Primeira de todas as coisas, porém é também fundamental abrirmos a compreensão para a necessidade psicológica da existência de Deus. Essa possibilidade relativiza o tema, tornando-o mais dialético do que já é. Conceber Deus como causa primária de todas as coisas deve ser entendido como algo que atende ao intelecto e que merece alcançar o coração. Da compreensão racional sobre Deus deve seguir-se uma internalização emocional. Deus não está **lá** e você **cá**. Ele deve ser integrado ao próprio desenvolvimento da *psiquê*.

A contradição existente entre um Deus criador de um mundo (Universo) perfeito e um Deus mantenedor de um mundo em aperfeiçoamento não pode ser resolvida na visão de separatividade da consciência. É preciso transcender ao espírito como ser material para encontrar a unidade dessa aparente contradição dialética.

Ir ao encontro de Deus significa desenvolver em si mesmo Sua presença.

Há uma contradição em pensar-se que Deus criou o mundo do nada, pois essa idéia é absurda em si mesma. Deus criador e um mundo criado levam a um impasse irreduzível, inconciliável. Qual será o pensamento síntese a respeito da origem de tudo? Talvez possa surgir se pensarmos que criar e não criar deriva da mente que não é capaz de fazê-lo. O Universo deriva de Deus, porém é fruto de leis universais que o geraram e o mantêm.

O ser humano consciente, quer encarnado ou não, é o que existe de mais belo na Natureza. Ele, pela sua consciência, representa o olhar de Deus. O ser humano consciente concebe um Deus que se realiza nele.

O que quer que digamos, pensemos ou sintamos a respeito de Deus, ou do Espírito em si, será sempre fruto do entendimento construído pelo ser humano e estruturado segundo uma lógica também humana.

Os adjetivos com os quais costumamos delinear os atributos de Deus são construtos humanos, os quais contribuem unicamente para que o próprio ser humano entenda a si mesmo. É fato para mim, por um sentido íntimo, que Deus existe, porém não sei dizer como e o que Ele é.

O termo religião não deve ser entendido exclusivamente no sentido de religação, visto que uma aludida separação seria impossível, senão absurda. O termo deve ser também entendido como uma necessidade do ser humano, como pensava Santo Agostinho, em interiorizar-se ligando seu *ego* com o *Self*; unindo sua compreensão do mundo externo com aquilo que é divino em si mesmo.

Viver é conscientizar-se de que cada experiência é um encontro pessoal com Deus.

Ânima e Ânimus

Jung estabeleceu um dos conceitos mais profundos da psicologia humana quando definiu o que era arquétipo. Dentre os arquétipos que ele propôs, o que mais chama a atenção pela proximidade com a natureza humana é aquele que se refere às tendências contra-sexuais. A *ânima* e o *ânimus* são os arquétipos que encerram as tendências masculina e feminina em buscar aquilo que se opõe à sua *psiquê* consciente.

Não são tendências do Espírito, mas estruturas funcionais do perispírito, com as quais lhe permite apreender as leis de Deus. A busca pelo sexo oposto não está no Espírito, tampouco se trata de uma escolha consciente. A *ânima*, assim como o *ânimus*, é uma tendência mediadora entre a vida consciente e a inconsciente.

No encontro entre o ser humano e a Natureza, ele é o *espírito* (*ânimus* da Vida) e ela é a alma (*ânima* da Vida). Deus representa-se no encontro de ambos. A *ânima*, como o *ânimus*, é a ânsia da Vida. É a vontade e o motivo do viver. Sem eles não há sentido na Vida. Todos temos que descobri-los, projetá-los e depois percebê-los como partes estruturais em nós mesmos.

Essas duas polaridades arquetípicas não estão encerradas nas conexões cromossômicas nem na anatomia genital. Não estão nos hemisférios cerebrais nem presentes no prazer sexual. São capacidades perispirituais.

A distinção funcional entre os hemisférios cerebrais é reflexo das expressões polarizadas da alma, as quais emergem das experiências vividas nas reencarnações sucessivas. As diferenças existentes no perispírito provocam as polarizações e separações no corpo físico. O cérebro ainda possui hemisférios por conta da separatividade existente no perispírito, portanto na mente.

Jung diz que *“A anima é o arquétipo do feminino, que tem papel particularmente importante no inconsciente do homem. Eu defini a Anima simplesmente como o arquétipo da vida. Existe [no homem] uma imago não só de mãe, mas também da filha, da irmã, da mulher amada, da deusa celeste e da Baubo ctônica. Assim, do homem também faz parte o feminino, sua própria feminilidade inconsciente, que designei como Anima. A primeira portadora da imagem da anima é a mãe. Cada homem sempre carregou dentro de si a imagem da mulher; não é a imagem desta determinada mulher, mas a imagem de uma determinada mulher. Essa imagem, examinada a fundo, é uma massa hereditária inconsciente, gravada no sistema vital e proveniente de eras remotíssimas; é um “tipo” (arquétipo) de todas as experiências que a série dos antepassados teve com o ser feminino, é um precipitado que se formou de todas as impressões causadas pela mulher, é um sistema de adaptação transmitido por hereditariedade.”*

Com relação ao *ânimus* ele diz: *“A mulher é compensada por uma natureza masculina, e por isso o seu inconsciente tem, por assim dizer, um sinal masculino. Em comparação com o homem, isto indica uma diferença considerável. Correlativamente, designei o fator determinante de projeções presente na mulher com o nome de animus. Este vocábulo significa razão ou espírito. Como a anima corresponde ao Eros materno, o animus corresponde ao Logos paterno. O animus é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem, e mais ainda, é um ser criativo e engendrador, não na forma da criação mas-*

culina. Assim como o homem faz brotar sua obra, criatura plena de seu feminino interior; assim também o masculino interior da mulher procria germes criadores, capazes de fecundar o feminino do homem.”

As várias encarnações em sexos diferentes, bem como as polaridades experimentadas perispiritualmente nas conexões com a matéria, favoreceram a consolidação dessas estruturas psíquicas opostas. No decorrer das vidas sucessivas, através das polaridades sexuais, esses dois arquétipos são experimentados e reforçados na personalidade. A consciência da existência dessas polaridades opostas em nós mesmos, pode nos levar à tranquilidade na busca externa de realização com o sexo oposto. A semente da totalidade existe em nós mesmos e ela se apresenta quando integramos esses dois opostos à consciência. Quando isso ocorre, favorece o sentimento de totalidade no ser humano.

Consciência e Inconsciente

Consciência, por um lado, é consciência do eu, por outro é campo de registros. Pode-se afirmar que não há propriamente uma consciência, mas sim um campo de acesso pelo eu. Esse campo varia para cada indivíduo de acordo com suas capacidades evolutivas. Por outro lado o inconsciente seria a parte do ser humano não acessível diretamente pelo eu, portanto fora do campo da consciência. Em conseqüência, consciente e inconsciente se referem a um único todo.

A consciência, como o inconsciente, é uma espécie de filtro de entrada e saída de registros informacionais e de sentimentos do Espírito. Não são campos reais, mas virtuais, pois não se tratam de entes materiais e estáticos. Contêm registros que se perderão ao longo da evolução do Espírito.

Não se situam no Espírito, mas nas 'camadas' superficiais e profundas do perispírito e são acessáveis por mecanismos sutis, desenvolvidos nas experiências de contato com a matéria.

O termo inconsciente é incompleto e indefinido, pois pretende conceituar algo negando outro. É como querer descrever uma cadeira dizendo que ela não é uma mesa. O inconsciente é, no entanto, a expressão usual para designar a codificação transitória das experiências que o ser espiritual, encarnado ou desencarnado, vive na sua relação com o mundo. Ele pertence ao domínio perispiritual que se estrutura em redes conectadas por

“nós” emocionais.

O termo inconsciente é, de certa forma, inapropriado para designar seu conteúdo, visto que se trata de uma negação de algo (in = não), portanto não define a si mesmo. Os conteúdos não são de fato conscientes. Mas para quem? Não são conscientes para o *ego*, mas o são para o Espírito. O que é chamado de inconsciente é tudo que se constitui das experiências e de seus resíduos já vividos e disponíveis ao Espírito.

Sobre o inconsciente Jung escreveu: *“Assim definido, o inconsciente descreve um estado de coisas extremamente fluido: tudo o que sei, mas que no momento não estou pensando; tudo aquilo de que antes eu tinha consciência, mas de que agora me esqueci; tudo o que é percebido pelos meus sentidos, mas que não foi notado pela minha mente consciente; tudo aquilo que, involuntariamente e sem prestar a atenção, sinto, penso, recordo, quero e faço; todas as coisas futuras que estão tomando forma em mim e que em algum momento chegarão à consciência: tudo isto é o conteúdo do inconsciente.”* Jung dizia também que *“a consciência não se cria a si mesma; emana de profundezas desconhecidas.”*

O *ego*, usando o campo da consciência, acessa-a por comparação. Nesse momento ele se torna dual. O inconsciente é uno, constituindo-se num todo dinâmico. O *ego* apenas acessa sua superfície, onde se encontram os eventos mais recentes. O inconsciente é uma instância com raízes no perispírito. A lógica que vigora no inconsciente é não-linear e é estruturada diversamente daquela que pertence à consciência. O paradigma no inconsciente é emocional, enquanto que na consciência é cognitivo. Tudo que é consciente se torna inconsciente. É uma tendência inata (funcional) ao automatismo dos processos inconscientes. A repetição de experiências induz ao automatismo. A consciência, por sua vez, é produto da evolução do Espírito que, nos primórdios de sua caminhada evolutiva, é “inconsciente pleno”, isto é, uma estrutura que vai aos poucos se diferenciando da totalidade in-

consciente e formando conexões cada vez mais complexas.

O inconsciente por si só é neutro. Seu dinamismo é provocado pela energia psíquica mobilizada ininterruptamente pelo Espírito. Se a ele atribuímos o caráter autônomo, como pensam alguns, teremos três centros de domínio da personalidade: o *ego* (na consciência), o inconsciente (se a ele atribuímos autonomia) e o Espírito. Em verdade a autonomia do inconsciente, tanto quanto do *ego*, é relativa. O domínio real da personalidade pertence ao Espírito, mesmo nos estados em que não nos parece existir controle algum.

A consciência se ilumina quando o *ego* é tomado coercitivamente de assalto e assiste aos lampejos das inspirações inconscientes. Consciência e Vida se confundem. Nesse sentido o conceito de consciência se amplia, englobando a essência do ser que abrange desde a dimensão inconsciente ao *ego*.

O uso de alucinógenos, ervas, chás, estupefacientes, bem como certas medicações que atingem o Sistema Nervoso Central, reduz o bloqueio provocado pelo córtex encefálico, permitindo uma maior manifestação das faixas psíquicas da mente que se encontra no perispírito. Esse procedimento permite a ampliação do campo da consciência que avança pelo inconsciente. Tal prática, quando irresponsável, gera conseqüências muitas vezes irreparáveis ao *ego*, o qual se vê confuso entre as duas instâncias psíquicas simultaneamente.

A atenção ou focalização na consciência de determinado aspecto da vida dependerá dos conteúdos presentes no inconsciente; isso ocorre independente da consciência poder discriminar os fatores ou os motivos da seleção. Essa focalização é um direcionamento da “energia” psíquica a um objeto específico.

O corpo físico proporciona um limite relativo, entre o inconsciente e o consciente, que impede a passagem de certos registros emocionais de uma instância à outra. Ao mesmo tempo em que impede que alguns registros carregados de afetos passem do inconsciente para a consciência, permite que importantes aqui-

sições lógicas e habilidades concretas retornem. Mesmo quando desencarnamos, nem sempre temos acesso imediato àqueles registros. Há limites além do corpo físico, perispirituais, portanto, que impedem a lembrança imediata ou remota.

Objetivos da Reencarnação

Os processos educativos de aperfeiçoamento e aquisição do saber das leis de Deus se dão de forma lenta e constante. São precisos milhares de séculos para que o Espírito consolide uma das leis de Deus. A reencarnação é um desses processos e ocorre como fenômeno caracterizado pela entrada do Espírito num corpo de carne até sua saída. O termo, muito embora apropriado, não encerra em si o processo de aquisição das leis de Deus. A reencarnação é apenas um mecanismo e não implica em si a transformação do Espírito.

A reencarnação deve ser entendida como algo muito mais do que a simples tomada de um novo corpo até seu abandono, mas também incluindo tudo o que ocorre durante a permanência nesse corpo e os preparativos para tal período. É na experiência no corpo ou fora dele que se apreende as leis de Deus.

A reencarnação objetiva levar o Espírito a uma forma que lhe possibilite descobrir-se e transformar-se para além daquilo que acredita ser e que considera como si mesmo. Na reencarnação ele transcende sua própria condição egóica. Ela não é uma punição ou mesmo um corretivo, muito embora seja assim encarada por segmentos religiosos vinculados ao culto da idéia do sofrimento como forma de purificação. Há ainda os que vêm

Deus como um juiz, o qual utiliza sentenças expiatórias para punir através da reencarnação. A Vida não se resume ao *estado de espírito* desencarnado, mas também compreende o estado de encarnado, no qual também se podem perceber a grandeza de Deus e a beleza do Universo. O fato do indivíduo, quando encarnado, esquecer o que viveu no mundo espiritual, pode significar que seu vínculo principal deva via a ser com as experiências no corpo. A Terra é campo de aperfeiçoamento, não só do próprio Espírito como também da sociedade terrena.

O esquecimento do passado, após o processo reencarnatório, decorre do fato de que as gravações das experiências pregressas e seus resíduos são feitas no perispírito. O *ego* só tem acesso a esses registros que se encontram no inconsciente de forma simbólica. O acesso ao inconsciente é dificultado pelas redes de eventos pertencentes à vida consciente. Da mesma forma ocorre para a maioria dos eventos durante o sono e que são gravados também no perispírito. Alguns, pela sua intensidade, alcançam o córtex, aparecendo como sonhos.

Quando encarnados, tanto esquecemos o que fizemos em outras vidas como no período em que estivemos fora do corpo. Quando desencarnado, o espírito também não consegue lembrar-se facilmente das vidas anteriores à última, bem como de outros períodos em que esteve desencarnado.

Não se deve temer viver na carne ou fora dela, mas buscar viver e aceitar a Vida como um campo de operação e transformação pessoal e de experiências, sem se perder a noção de responsabilidade pessoal. Ao Espírito é intransferível aperfeiçoar-se e ir a busca do *si mesmo*.

É preciso se arriscar no mundo e não viver fora dele, como se a vida na Terra não nos trouxesse preciosas lições para o entendimento das leis de Deus. Devemos considerar que a Terra, isto é, a descida à matéria, é o campo de Deus, oferecido ao ser humano para sua realização.

Apesar do mundo material ser limitado, é nele que deve-

mos aplicar o que sabemos sobre o espiritual. O mundo material é também o mundo do humano, portanto é o nosso mundo. Falar sobre o mundo espiritual, bem como provar sua existência, faz surgir a necessidade de possibilitar a aplicabilidade de sua consciência no mundo da matéria.

As religiões têm sido responsáveis por apontar o caminho do ser humano ao encontro de Deus e de si mesmo, porém há um momento da evolução em que o Espírito deve seguir por si só para que ele próprio se realize. As religiões devem se tornar sistemas dinâmicos, sob pena de desaparecerem.

O ser humano, em toda sua evolução, está em busca do entendimento de sua própria existência. Nesse percurso ele vai gradativamente compreendendo que, além de sua individualidade, ele é parte de um todo. Sua felicidade é a realização do *si mesmo*, isto é, daquilo ao qual cada um se propõe e do estabelecimento de uma sociedade harmônica e equilibrada.

A reencarnação possibilita, pelo contato com a matéria e daí extraindo-se as leis de Deus, encontrar-se o sentido e objetivo da Vida. Deve-se deixar a Vida fluir. A separação estabelecida entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, leva-nos a polarizar essa busca, não permitindo que percebamos a nossa própria individualidade.

Temos que entender que a reencarnação traz de volta o espírito com toda a sua experiência milenar, com aptidões e dificuldades. Esse espírito, ao reencarnar, traz de retorno sua mente com os automatismos inerentes ao fato de ter vivido em várias oportunidades, consolidando hábitos psíquicos e gerando formas-pensamento que o obrigam a pensar e agir da mesma maneira como sempre o fez ao longo de suas existências.

Para sair dessa roda incansável é necessário irmos à busca da transformação interior através da prática constante do amor.

Outras formas de evolução

A evolução do espírito se dá através da aquisição de valores morais e intelectuais que o capacitam a viver no Universo em harmonia e consoante as leis de Deus. Essas aquisições, a que chamo de apreensão das leis da Natureza, lhe servem e ao trabalho de Deus para com Sua criação.

Para adquirir o conhecimento das leis de Deus, o ser criado (Espírito) necessita unir-se a outro elemento que lhe é contrário em natureza (matéria). Essa união de opostos é a única maneira de se processar a evolução daquilo que é criado na direção do que é Criador? Seria possível para nós imaginarmos outras formas de evolução?

A questão dos opostos muito bem tratada por Jung em seu famoso livro *Mysterium Coniunctionis*, parece ser algo que pode nos levar ao que é essencial e primordial na *psiquê*. A análise do contato da matéria com o Espírito e a relação deste com Deus nos aproxima da percepção da essencialidade da temática dos opostos. No Ato da Criação do Espírito a questão dos opostos é colocada por Deus quando insere o ser no mundo. A busca da unidade dos opostos, ou de algo que os sintetize em uma única realidade transcendente a ambos, parece ser o caminho da solução do conflito instalado. Parece que o caminho do Espírito é a

busca dessa unidade para a saída dos conflitos da natureza humana.

A concepção teórica do conceito do que é matéria e do que é o Espírito resume a questão dos opostos. Tentar afirmar que a matéria é o Espírito ou que este é constituído de *átomos espirituais* resulta num “olhar” do Espírito pelo viés da matéria. Ainda é tentar reduzir o que é o Espírito à matéria.

Creio que a chave se encontra na gênese do Espírito. Ao idealizarmos que se trata de uma configuração que o capacita a captar as leis de Deus, podemos pensar que ela poderia fazê-lo a partir de sua forma e não de sua constituição. É entender o Espírito, como afirmei antes, uma “gestalt” de Deus.

Especulando sobre a possibilidade da evolução além da matéria, pode-se conceber o Espírito Puro criando universos e instituindo leis próprias para cada um deles. Neles, o Espírito seria uma espécie de arranjo que capta a energia divina. Esse arranjo é que forma a Natureza.

A evolução além da união dos opostos é possível se entendermos que eles não são em si entes concretos, mas representam a percepção possível ao ser que ainda não adquiriu certas estruturas psíquicas. Mais adiante, quando mais evoluído moralmente, é que o Espírito poderá entender a evolução sem aquela dialética. Será, talvez, possível que ele mesmo construa uma evolução sem tal dialética.

As experiências da raça, da cultura, da humanidade como um todo, não são diretamente absorvidas, mas sim as alterações que elas promovem no “éter” espiritual, influenciando cada Espírito.

A evolução é um trabalho individual e coletivo. O Espírito evolui pelo seu próprio esforço, pelo esforço coletivo (influência social) e pelo impositivo divino em si mesmo.